



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Helena Carlota Pereira Lobato Costa

# MULHERES, PERCURSOS E UNIVERSIDADE

AS ARQUITETAS DOCENTES DO D'ARQ

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pela Professora Doutora Susana Lobo e coorientada pela Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Fevereiro 2023



MULHERES, PERCURSOS E UNIVERSIDADE  
as arquitetas docentes do d'Arq



Figura 1

Claustro do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra  
(Arquivo pessoal, 2019)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço

Aos meus Pais.

À minha Irmã.

Aos meus Professores.

Aos meus tios.

Aos meus primos.

Aos meus amigos.

Ao Pedro.

Agradeço

A todas as mulheres da minha Vida, em especial às da minha família, por serem a minha âncora, o meu orgulho, o meu maior exemplo.

Às minhas Orientadoras:

à Susana por ser uma lutadora constante, por ter uma personalidade de ferro que admiro desde o primeiro ano do curso;

à Patrícia, pela sua perseverança, ambição e coragem.

A todas as arquitetas que gentilmente colaboraram no meu trabalho, pelos ensinamentos, força e motivação que me transmitiram. Que bom trabalhar assim!

À D. Lurdes, por estar sempre disponível para mim, deixo um abraço forte.

Um agradecimento emotivo

À minha Avó Dalila, que me apoiava incondicionalmente e continuará a ser a estrela que iluminará sempre o meu caminho!



## **RESUMO**

Não é de hoje que a mulher tem papel invisível na maior parte dos cargos e profissões. Na arquitetura não é diferente. Em Portugal, só nos anos 1940 é que as mulheres tiveram acesso à profissão e, embora representem atualmente 44% dos membros inscritos na Ordem dos Arquitetos, é evidente a sua contínua falta de visibilidade. Registando-se um crescente número de mulheres a ingressar em cursos de arquitetura, a concluí-los com sucesso e a integrar a prática profissional, onde estão essas mulheres?

Apesar da significativa percentagem de mulheres na arquitetura (estudantes, investigadoras, pensadoras e projetistas), sentimos uma grande lacuna na hora de estudar o seu papel na área disciplinar. O ensino da arquitetura é condicionado pelo ponto de vista masculino. São escassos os momentos em que nos é apresentada uma mulher arquiteta como referência. E a perceção do espaço que nos é transmitida é maioritariamente da perspetiva do homem, o que, para além de excluir as mulheres arquitetas desta reflexão, exclui as mulheres no geral, uma vez que a arquitetura é feita para usufruto de todos. É, por isso, essencial aprofundar este tema das mulheres na arquitetura, perceber como as mulheres vivenciam e projetam o espaço e o que diferencia o seu olhar.

Interessa assim, mapear as mulheres na arquitetura em Portugal. Mais concretamente, nesta dissertação, dar o palco às mulheres do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (DARQ-FCTUC), contribuindo, além do reconhecimento devido para a luta pela equidade na profissão, mas também no ensino da arquitetura. Usando como caso de estudo o universo do Departamento de Arquitetura, onde nos seus mais de 30 anos de existência, passaram inúmeras mulheres, alunas, arquitetas, investigadoras e professoras, algumas delas, muito recentemente, a ocupar cargos científicos e de direção, pretendemos investigar os Percursos do Feminino na Escola de Coimbra, compilando testemunhos e elementos estatísticos sobre as docentes desta escola, que nos permitam traçar um quadro mais rigoroso das mulheres na arquitetura na contemporaneidade.

### **Palavras Chave**

Mulheres na Arquitetura; Ensino; Docência; Percursos; Universidade de Coimbra

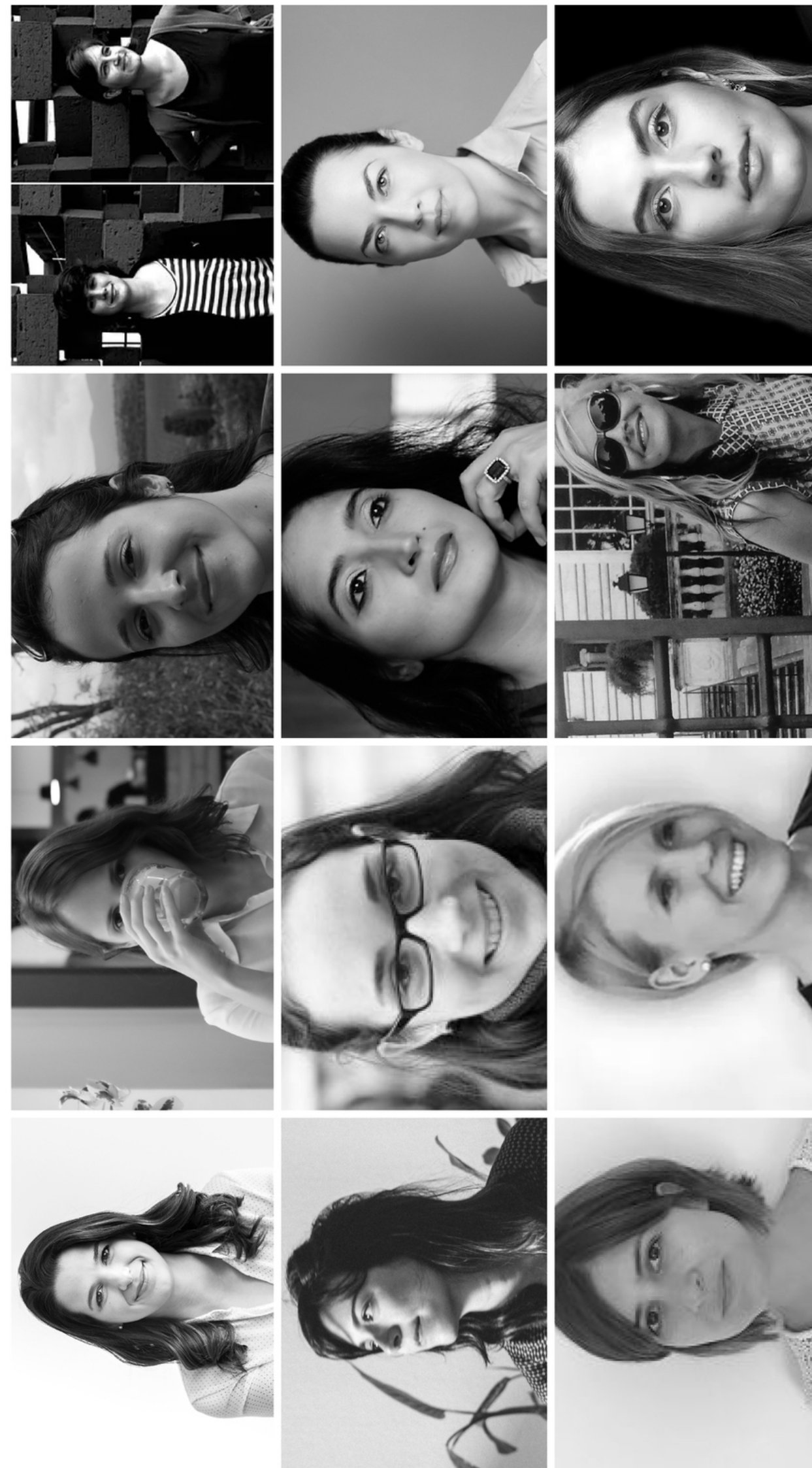


Figura 2

Montagem de fotografias da nova geração de arquitectas que lideram escritórios em todo o mundo Na fotografia, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Ânia Gabriel Abrantes, Beatriz Marques, Débora Vieira Mendes de Oliveira, Georgia Lobo e Anita Freire, Marina Panzoldo Canhadas, Estefanía Grandal, Husna Rahaman, Nathalie Eldan, Ludmila Castro, Hulda Jónsdóttir, Ursula Emery McClure, Roxana Mendoza.

Acedido em:  
<https://www.archdaily.com.br/br/891635/mulheres-que-estao-ajudando-a-definir-a-arquitetura-mundial>



## **ABSTRACT**

It is not from today that the female gender has an invisible role in most of careers. In architecture it is not different. In Portugal, women only had access to the possibility of becoming architects in the 1940 and, although they represent 44% of the members enrolled in *Ordem dos Arquitectos*, it is still very notorious that there is a lack of visibility. With a growing number of women enrolled in architecture courses, completing them successfully and taking part in professional practice, where are these women?

Despite the fact that there is a meaningful percentage of women in architecture (students, researchers, thinkers and designers), we feel an enormous gap when studying their role in the area. The teaching of architecture is conditioned by the male point of view. The moments in which a female architect is presented as a reference are almost non existing. And the perception of space that is transmitted to us is mostly from the perspective of men, which, in addition to excluding women architects from this reflection, excludes women in general, since architecture is made for the enjoyment of all. It is, therefore, essential to deepen this theme of women in architecture, to understand how women experience and design space and what differentiates their look.

It is therefore interesting to map women in architecture in Portugal. More specifically, in this dissertation, it is given the stage to the women of the Department of Architecture of the *Universidade de Coimbra* (DARQ-FCTUC), contributing, in addition to the recognition due to their fight for equity in the profession, but also in the teaching of architecture. Using as case study the universe of the Department of Architecture, where in its more than 30 years of existence, countless women, female students, female architects, female researchers and female professors have spent their time. Some of them, very recently, started occupying scientific and management positions, so we intend to investigate the Paths of the Feminine at the School of Coimbra, compiling testimonies and statistical elements about the teachers of this school, which allow us to draw a more rigorous picture of women in contemporary architecture.

## **Key Words**

Women in Architecture, Teaching; Teaching; Paths; *Universidade de Coimbra*

## **Nota**

A presente dissertação segue as normas da Associação Americana de Psicologia (APA) para a referenciação bibliográfica. As referências e citações vão surgindo ao longo do texto entre parêntesis com o apelido do autor, seguindo-se o ano de publicação e a página de onde foi retirada a informação. No final da dissertação encontra-se por extenso toda a bibliografia relativa aos livros, artigos, dissertações e *websites* consultados.

# INDÍCE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>1. As Mulheres na Arquitetura</b>	<b>3</b>
1.1 <i>Problemática, Objetivo, Pertinência, Estrutura e Metodologia</i>	5
1.2 <i>Estado da Arte</i>	13
<b>O que nos conta a História?</b>	13
<b>O despertar do tema</b>	15
<b>O tema da Mulher na Arquitetura em Portugal</b>	21
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>31</b>
<b>2. Onde estão as Mulheres na História da Arquitetura?</b>	<b>31</b>
2.1 <i>As Mulheres Arquitetas no Passado e na Contemporaneidade</i>	33
2.2 <i>Mulheres Arquitetas em Portugal</i>	41
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>47</b>
<b>3. O Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra</b>	<b>47</b>
3.1 <i>Percursos no Feminino</i>	49
<b>As Docentes</b>	50
<b>As Alunas</b>	61
3.2 <i>O tema das mulheres na arquitetura no d'Arq</i>	65
3.3 <i>Testemunhos</i>	75
<b>Considerações Finais</b>	<b>129</b>
<b>Anexos</b>	<b>135</b>
<b>Apêndices</b>	<b>171</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>179</b>

“Women must step up and say when they meet sexist behavior or conditions. Nobody is going to do this for them. If they succeed in making change, the effect will benefit everyone, not just women. I think women must learn to be less compliant, less willing to be agreeable in order to bring about change. After all, we’re not working in architecture to make friends. We want to fulfill ourselves, and make the conditions where we can do this.” (Sara Wigglesworth cit. por Ferreira, 2019, p. 55)

# INTRODUÇÃO

## 1. As Mulheres na Arquitetura

~~“Há maquete, há papel, há caneta!~~

~~Há caloiras, mas que grandes tetas!~~

~~Há caloira toda aninhada, em posição de fazer mamada!~~

~~Há garrafão cheio de Tintol!~~

~~Há piroca, mas nunca está mole!~~

~~As caloiras até fazem fila, falam, falam, mas querem é pila!~~

~~Este é o HAKA dos arquitetos, às Doutoradas que nos deixam eretos!~~

~~E relembrando o mestre Tomás, à Taveira pela frente e por trás.<sup>1</sup>”~~

---

<sup>1</sup> *Haka* dos “doutores” da Praxe, com o qual recebem os novos alunos no departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

## 1.1 Problemática, Objetivo, Pertinência, Estrutura e Metodologia

Ao longo do curso de Arquitetura na Universidade de Coimbra, como em outros contextos, assisti a várias formas de discriminação de género. O primeiro impacto com esta realidade foi no âmbito da Praxe, atividade intrinsecamente relacionada com a vida académica e que, sem outra alternativa aparente, senti que teria que fazer parte do meu caminho. O choque deu-se quando me apercebi da normalização de premissas misóginas, machistas e discriminatórias associadas a esta atividade, que uma vez mais reforço ter forte ligação com a vida na universidade, ditando, assim, já parte da discriminação da mulher, também no mundo da arquitetura.

A **Problemática** desta investigação, desenvolve-se em torno da ainda falta de informação que existe sobre a presença da mulher na história da arquitetura, tanto em contexto internacional como em contexto nacional, partindo do contexto académico, onde a falta de menção de nomes femininos é uma realidade inevitável no decorrer do curso. *Onde estão as mulheres arquitetas do passado? Existem afinal na história mulheres com presença na arquitetura?* Pouca é a informação que temos relativa às mulheres na arquitetura, e apesar de atualmente haver já uma evolução nas mentalidades e existir uma paridade entre os sexos em números quantitativos, comprova-se que visibilidade que lhes é dada e a sua presença é ainda reduzida, dando abertura para outra questão. *Porque continua a predominar a presença masculina na profissão, se as mulheres têm uma maior ou igual percentagem de presença na área disciplinar da arquitetura?*

Em muitos países, também em Portugal, o corpo docente das Universidades é já composto com tendência à paridade de género e até, em alguns casos, as mulheres representam a maior percentagem. Segundo informação oficial da Direção-Geral do Ensino Superior (DGES), na base de dados consultada em 2022, foram registados como inscritos no Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra em 2020/2021, 60% de mulheres e 40% de homens (DGES, 2022). Em 1998, quando nasceu a Escola de Coimbra, a terceira do país, do número total de alunos inscritos apenas 34% eram mulheres (Lobo, 2019, p. 32). Verifica-se, assim, um número crescente de mulheres no corpo docente da escola. Porém, atualmente o corpo docente do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra é composto por 78% de homens e 22% de mulheres. Números que revelam um desfasamento significativo dentro da própria academia (*d'Arq*, sem data).



Figura 4

Programa Geral da Celebração dos 30 anos do d'Arq para o mês de março de 2019, integrado na 21ª edição da Semana Cultural da UC.

Acedido em: [https://www.uc.pt/ctuc/darq/darq\\_30\\_anos](https://www.uc.pt/ctuc/darq/darq_30_anos)



Figura 3

#46 + 1 call for papers | edição revista nu.

Acedido em: <https://revistanu.net/2019/12/02/46-cor-2/>



A celebração, em março de 2019, dos 30 anos do d'Arq, integrados na 21.<sup>a</sup> edição da Semana Cultural da Universidade de Coimbra, veio confirmar a ausência de atenção dedicada ao tema das mulheres na arquitetura. Entre conferências, exposições, lançamento de livros e revistas, em nenhum momento do extenso programa de atividades foi mencionada a presença das mulheres no Departamento de Arquitetura e o seu impacto na construção da Escola de Coimbra. Esse vazio de reflexão seria questionado num artigo publicado, em outubro de 2019, na Revista NU, escrito por uma docente do Departamento, Susana Lobo, que em “30 anos, 15 mulheres” faz uma breve referência às mulheres que passaram pelo d'Arq desde a sua criação (Lobo, 2019).

Desta forma, o **Objetivo** deste trabalho é contribuir para a construção e divulgação do contexto histórico da presença da mulher na arquitetura e mapear o percurso das mulheres que passaram pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra percebendo o seu contributo nesta Escola. Sendo uma dissertação baseada numa perspetiva de género, tenho como objetivo aprofundar os meus conhecimentos sobre estudos feministas e a influência que o desenvolvimento desta área de investigação teve, tem e terá no alcance da igualdade de tratamento e de oportunidades, principalmente no que diz respeito à disciplina da arquitetura. Objetivamente é um tema de forte carga sociopolítica, onde prevalece alguma distorção de discursos em relação à realidade, entre o que defende e o que se projeta e que, por, conseqüentemente, ser um tema ainda “tabu”, pouco falado e de incipiente progresso em Portugal e no mundo, existe em mim a necessidade de contribuir para a desconstrução dos estereótipos que lhe estão associados, para uma maior consciencialização relativamente à importância do tema na sociedade.

Para além da investigação desenvolvida no meio académico, a nível nacional e internacional, têm-se destacado, como referência, diferentes coletivos, associações, organizações, movimentos e eventos com uma ação relevante para a construção da história das mulheres na arquitetura e a sua emancipação. Plataformas para as quais pretendo contribuir com a minha investigação. É nestes projetos que revejo o incentivo para escrever sobre o tema, procurando alargar o conhecimento já reunido com a inclusão do caso de estudo do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, dando a conhecer e valorizando o papel imprescindível das mulheres que por ele passaram e, algumas, que aí permanecem, uma vez que em Portugal ainda não foi estudado o tema das mulheres na arquitetura em contexto da docência académica.



Figura 5

Charlotte Perriand. Por Robert Doisneau - Wikimedia. Domínio público

Acedido em: <https://www.wikidata.org/wiki/Q446451>

Daí a **Pertinência** desta investigação. Resumidamente, propõe-se uma análise da evolução do papel da mulher na arquitetura fundamentada em contextos históricos e no estado da arte, determinar o posicionamento do d'Arq, enquanto coletivo, perante o tema das mulheres, focando o caso de estudo das docentes, através de dissertações, investigações, artigos e entrevistas.

A **Estrutura** da dissertação é composta por duas partes. A primeira procura contextualizar a nível internacional e a nível nacional a presença das mulheres na arquitetura, perante as dificuldades que foram sentindo ao longo dos séculos devido à sua condição de género, tal como os processos de emancipação. A segunda parte aborda o Departamento de Arquitetura da Universidade Coimbra, a sua história e as mulheres docentes que por ele passaram nos seus mais de 30 anos de existência.

A **Metodologia** de desenvolvimento da dissertação terá como base uma pesquisa criteriosa em livros, artigos, entrevistas e teses de investigação, recorrendo a conteúdo fundamentado, principalmente onde é considerada uma perspetiva feminista interseccional, a partir da qual pretendo também desenvolver as minhas ideias. Para isso, terei presente, no meu discurso, referências de arquitetas que desenvolveram em grande parte do seu percurso profissional a vertente teórica na arquitetura, com especificidade nos estudos de género, e que estudaram a relação entre as mulheres e a arquitetura.

Em relação ao caso de estudo específico da análise que se propõe, a pesquisa terá carácter mais exclusivo, incidindo sobre o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, numa abordagem mista. Ou seja, por um lado, quantitativa, avaliando, nos mais de 30 anos de existência, a evolução dos números de mulheres professoras (arquitetas e de outras áreas disciplinares) e número de professores a entrar, quantas arquitetas professoras continuam na docência, quantas arquitetas ativas na prática profissional e quantas seguiram outras vertentes disciplinares da arquitetura, ou mesmo de outras áreas de conhecimento ou atividade. Também as mulheres que, no departamento, tiveram cargos de direção e de relevo científico. Por outro lado, a investigação será qualitativa, onde recorrerei a casos de estudo concretos, usando como universo as mulheres docentes arquitetas que passaram pelo d'Arq e tiveram diversas experiências, explicando a sua história e percurso. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas a cada uma delas, com o objetivo de conhecer os seus percursos, objetivos pessoais e profissionais, bem como entender a perspetiva de cada entrevistada em relação à posição da Mulher na Arquitetura, e perceber a influência que o contexto maioritariamente masculino desta área disciplinar teve e ainda tem no dia-a-dia de cada



uma. As entrevistas são semiestruturadas, dado que o percurso e contexto de cada professora é diferente e que o intuito maior das entrevistas era de carácter informativo e menor de carácter estatístico. Neste sentido, apesar de haver um guião pré-definido, uma vez que o contexto em que as entrevistas surgiram era de algum modo complexo, acabaram por ter um percurso livre. Por terem uma dimensão muito pessoal, e no sentido de proteger a identidade de cada professora, ficou decidido a não publicação das entrevistas transcritas em anexo, assim como foi preservado o anonimato das entrevistadas em cada excerto transcrito no corpo da dissertação.

“La consideración de la historia del hombre como representativa del ser humano invisibiliza a la mujer, sus intereses, sus valores y sus experiencias, simultáneamente al reconocimiento público desproporcionado de grandes maestros y starquitectos, mediante distintos premios nacionales y planetarios.”(Alcocer et al., 2018, p. 208)

## 1.2 Estado da Arte

### O que nos conta a História?

“Simone de Beauvoir destacou que a mulher não pertence a uma minoria, ao contrário de outras comunidades caracterizadas por sua orientação sexual, raça ou crenças religiosas; as mulheres constituem metade da população da Terra (Beauvoir, 1949). Como não são minoria, a quantidade cai como argumento para explicar a falta de relevância da arquiteta.” (Milheiro, 2011). Neste contexto, historiadoras e historiadores, estudantes e profissionais, começaram a questionar-se sobre a informação que existe relativa às mulheres na arquitetura, bem como o valor que lhes é dado nos dias de hoje.

A nível internacional, o tema ganha projeção no século XX, com maior peso na América, depois em Espanha e na Austrália e, muito mais tarde, em Portugal, através de diferentes movimentos e coletivos que foram sendo criados. Felizmente, na atualidade, mesmo que ainda em proporção discrepante em relação a outras temáticas, existe já investigação relevante de suporte para o presente trabalho. “Thanks to a positive increase of feminine presence in society, there begins to be some balance in this situation, even at the expense of a high degree of retrograde sexism. Women researchers are attempting to rescue the work of our ancestors from oblivion” (Espegel, 2018, p. 36).

É considerado como objetivo primordial a valorização do trabalho das arquitetas que foram sendo esquecidas na construção da história, mapeando o percurso das pioneiras do movimento moderno, tornando-as referências femininas. Além disso, são levantadas reflexões sobre a natureza dos géneros e sexos, tal como a diferença destas duas definições, onde é interpretada a sua relação com o espaço, com a cidade, com a arquitetura, e a forma como vivenciam e interpretam estas áreas. É várias vezes questionada a possibilidade de uma arquitetura feminista, já que a arquitetura tem vindo a ser consecutivamente projetada de maneira muito neutral, tendo como ponto de partida a figura do homem. Interessa entender e divulgar o que as mulheres podem trazer de benéfico para o mundo da arquitetura, tal como a importância de projetar, também, em torno da figura feminina. Além da questão de uma maior igualdade de género na arquitetura, é ponderada uma vertente da arquitetura mais comprometida com questões sociais e políticas, de maneira a poder ser, no geral, mais inclusiva (*Joelho #01 - Mulheres na Arquitetura*, 2010, p. 19).



Figura 6

Capas de Livros, da esquerda para a direita, de cima para baixo:

The Grand Domestic Revolution, Dolores Hayden, 1982

Architecture and Modernity A Critique. Hilde Heynen, 1999

Negotiating Domesticity: Spatial productions of gender in modern architecture. Hilde Heynen and Gulsum Baydar, 2005

Heroínas del espacio: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno. Carmen Espéjel, 2006

Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos. Josep Maria e Zaida Muxí, 2014

Women of Steel and Stone – 22 Inspirational Architects, Engineers, and Landscape Designers. Ana Lewis, 2014

AA Women in Architecture 1917-2017 Elizabeth Darling Lynne walker, 2017

Women Architects in the Modern Movement. Carmen Espéjel. Translated by Angela Giral, 2018

Mujeres, Casas y Ciudades. Zaida Muxí Martínez. 2018

Feminist City – Claiming space in a Man-made World. Leslie Kern, 2021

The Routledge Companion to Women in Architecture. Anna Sokolina. 2021

The Women Who Changed Architecture. Beverly Willis e Amale Andraos, 2022



## O despertar do tema

Não está bem definido quando e onde surgiram as mulheres na arquitetura. No livro *Women in Architecture*, num capítulo dedicado ao aparecimento das mulheres na arquitetura, com o nome “When does the history of women in architecture begin?”, Anna Sokolina refere que “women architects do not even appear as a subject of research before the 1970s. Except for an occasional brief mention of women builders in indigenous cultures, Western scholarship has focused primarily on twentieth-century women who, as their male counterparts, were recognized as professionals by modern standards of accreditation” (Sokolina, 2021, p. 21).

O despertar do tema da mulher na arquitetura surge quando o feminismo atinge o seu auge, política e culturalmente, nos Estados Unidos, no final da década de 1960 (L. P. S. G. Antunes, 2012, p. XII). Dolores Hayden, historiadora e professora de arquitetura e urbanismo, com várias obras lançadas e premiadas, levantou a questão pela primeira vez com o livro *The grand Domestic Revolution - A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods and Cities*, em 1981 (Hayden, 1981). O livro propõe uma revolução doméstica, no lar, no bairro, na cidade, onde é questionado o lugar da mulher destinado somente à cozinha e às tarefas domésticas (S. M. Pinheiro, 2018, p. 51). Assim, as desigualdades sociais são apresentadas como um dos principais meios de reprodução de problemas espaciais (Cott, 2017).

Mais recentemente, o número de publicações tem aumentado significativamente, e novas questões têm vindo a ser despertadas e investigadas. Algumas autoras, preocupam-se em construir a história das mulheres do século XX, tal como Carmen Espegel no livro “Women Architects in the Modern Movement”, publicado em 2018, que reúne uma série de mulheres arquitetas que ficaram na sombra dos heróis do movimento moderno, reescrevendo a sua história a partir de uma nova perspetiva. “Carmen Espegel examines the transition from women as objects to subjects at the advent of modernity” (Espegel, 2018, p. 1).

Outra vertente bastante relevante para o desenvolver do tema na sociedade, são os grupos e movimentos que foram sendo criados e começaram a expandir-se por todo o mundo. No meio académico, estudantes e docentes também foram questionando o peso da desigualdade de género na arquitetura.

women who build  
**la mujer construye**  
la donna costruisce  
emakumea eraikuntzan  
المرأة تبني  
la dona construeix  
vrouwen bouwen

Figura 7

La Mujer Construye, 1995

Acedido em: <http://lamujerconstruye.blogspot.com/>

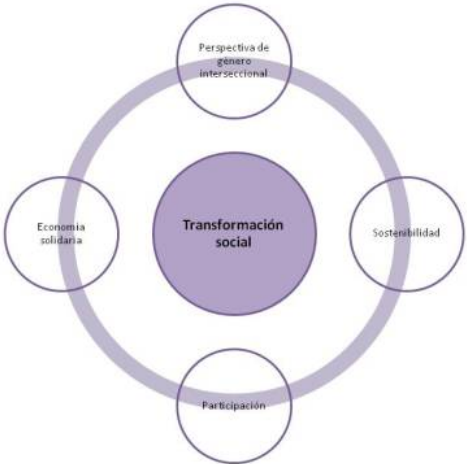


Figura 8

Esquema de objetivos do Atelier Punt6

Acedido em: <https://punt6.wordpress.com/quienes-somos/filosofia-de-trabajo/>



Figura 9

Miembros do Atelier Punt6

Acedido em: <https://www.punt6.org/es/es-punt-6/>

*La Mujer Construye*, é uma associação de arquitetas espanholas, criada em 1995. Segundo a descrição que as próprias fazem, é um projeto cultural aberto, coletivo e solidário, respeitador e tolerante, cujo o objetivo é apoiar, divulgar e proporcionar a arquitetura dentro da sociedade, tal como refletir sobre o papel profissional das mulheres no desenhar dos espaços de construção (L. P. S. G. Antunes, 2012, p. 166). O grupo diz-se aberto ao debate, à crítica e autocrítica, investigando os contributos que a mulher pode trazer para a arquitetura e para a construção, para além da divulgação e apoio solidário da obra de arquitetas e equipas e eventos físicos ou virtuais (*La Mujer Construye*, 1995).

O *Col.lectiu punt 6*, reúne um conjunto de profissionais de diferentes áreas que focam o seu trabalho em construir cidades e bairros mais inclusivos, onde não hajam hierarquias. Assim, procuram promover uma arquitetura feminista interseccional, baseando-se, fundamentalmente, na experiência quotidiana das pessoas, das mulheres. Trabalham os espaços domésticos, comunitários e públicos em função das diferentes necessidades da sociedade, “trabajamos por una ciudad que es diversa y aceptando esta diversidad pueda construir sus espacios de manera inclusiva” (Col.Lectiu Punt 6, 2016). O coletivo é composto atualmente por 8 mulheres, desde as fundadoras, a membros que se foram juntando com o decorrer dos anos: Roser Casanovas, Adriana Ciocoletto, Marta Fonseca Salinas, Sara Ortiz Escalante, Blanca Valdivia Gutiérrez, Kariana Díaz Abanto, Magda Isart Bosch, e Ainara Navarrete. Já trabalham desde 2005, e em 2016 constituíram-se como cooperativa. O grupo alega, no próprio website atualizado, que “tenemos trayectorias vitales diferentes que están atravesadas por nuestros diferentes roles de cuidadoras, nuestras migraciones y los diferentes territorios que habitamos. Nuestra diversidad nos ha enseñado a ampliar y complejizar las miradas, pero todas compartimos el compromiso con la transformación feminista de los espacios de vida” (Col.Lectiu Punt 6, 2016).

As *Arquitetas Invisíveis*, surgiu em 2014, composto por um grupo de estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, com o intuito de levantar e debater questões de género na arquitetura. Este grupo procura promover a igualdade de género dentro da arquitetura e do urbanismo, através do reconhecimento e divulgação

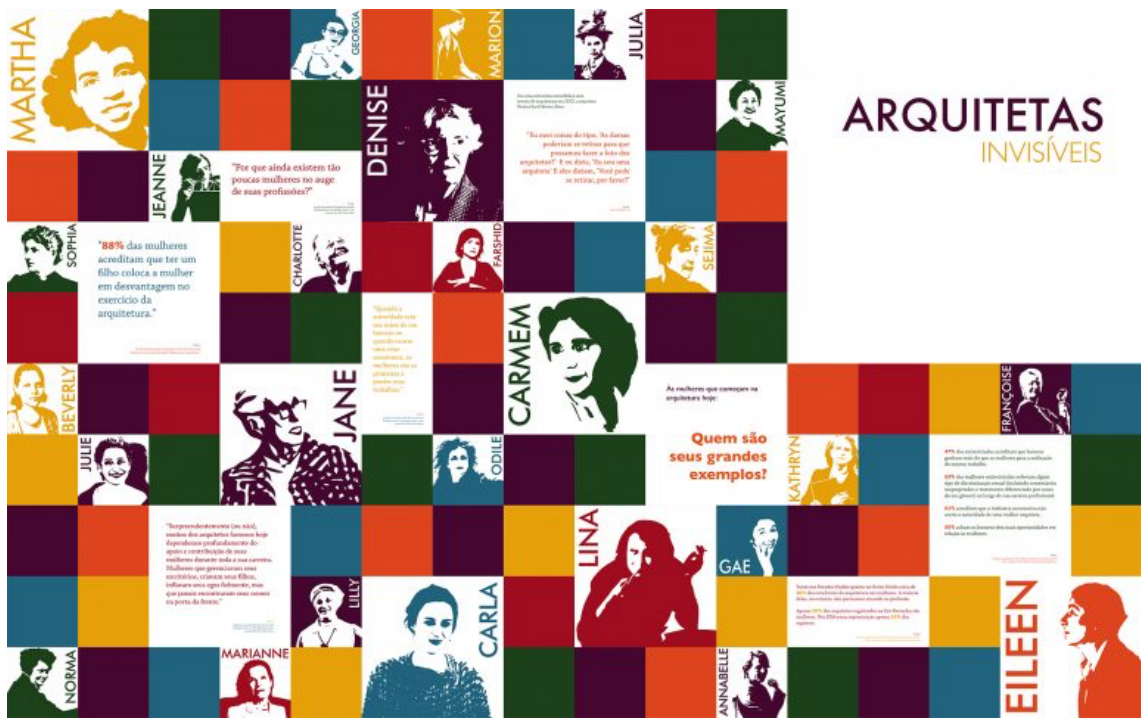


Figura 10

Ilustração criada por Arquitetas Invisíveis para a Revista Arquitetas Invisíveis nº2 – “Nas Sombras”

Acedido em: <http://www.revistadue.com/arquitetas-invisiveis/>



Figura 11

Rebel Architetto - Francesca Perani, 2017

Acedido em: <http://www.francescaperani.com/portfolio-item/rebelarchitette/>

da vida e obra de arquitetas que foram sendo esquecidas na história, incentivando a discussão do tema no meio acadêmico e profissional. Através do website, de publicações, revistas, exposições, conversas, exibição de filmes e documentários, e divulgação de várias arquitetas, o grupo contribui, assim, para uma maior inclusão e visibilidade da mulher na arquitetura. Na primeira edição da revista que o grupo lançou, #01 - Pioneiras, explicam que o grupo surgiu através da questão: “Será que só estudamos homens porque só homens fizeram arquitetura ou será que só eles contaram as histórias?” (Farinasso et al., sem data). Alegam, ainda, que os nomes de mulheres que no ensino e na arquitetura são mencionados, são os de Zaha Hadid e às vezes, com sorte, de Lina Bo Bardi. Sendo esta realidade transversal a vários países e faculdades (*Arquitetas Invisíveis*, 2014).

O *MoMoWo - Women’s Creativity Since The Modern Movement*, surgiu em Itália, fundado por Emília Maria Garda e Caterina Franchini, em 2014, ao qual se juntou a portuguesa Helena Souto, e elementos de mais quatro outras nacionalidades, Espanha, França, Holanda e Eslovénia. Foi o primeiro projeto selecionado e financiado pela União Europeia dedicado às mulheres arquitetas, engenheiras civis e designers do Movimento Moderno (*MoMoWo*, 2018).

*Rebel Architette*, é uma plataforma que surgiu também em Itália, em 2017, que iniciou a sua campanha dando a conhecer uma arquiteta por dia, chegando aos 365 dias com 365 arquitetas, coincidindo com a abertura da Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2018. Este trabalho resultou na publicação de um livro digital que destaca o trabalho profissional, das arquitetas mais conhecidas e premiadas, às menos conhecidas, desde o século XIX até aos dias de hoje. A equipa, composta por treze mulheres italianas, escocesas e gregas, tem como objetivo, para além da divulgação e promoção do papel feminino na Arquitetura, a orientação dos jovens para uma arquitetura heterogénea e justa, seja a nível de reconhecimento da autoria de projetos, de prémios, de papéis hierárquicos, de presença em eventos, entre outros (*Rebel Architette*, 2017).



## O tema da Mulher na Arquitetura em Portugal

Em Portugal, a questão surgiu, em 2010, através de um colóquio e uma exposição integrados na XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra, dando origem à primeira abordagem ao tema, em formato escrito, a nível nacional, na primeira edição da segunda série da revista *Joelho*, do Departamento de Arquitetura. Com o título “*Mulheres na Arquitetura*”, este número contou com a colaboração de jovens arquitetas e estudantes de arquitetura, entre elas, Silvana Rubino, Carla Lopes, Liliana Carvalho, Joana Bem-Haja, Filipa Cabrita, Inês Antunes e Telma Silva, sob a coordenação do Professor Jorge Figueira. O objetivo foi o de contribuir para a construção de um contexto histórico da mulher na arquitetura e, por consequência, dar-lhe o devido reconhecimento. Desta forma, a publicação reúne três partes que abordam o tema da mulher. Na primeira parte, *Olhar para as Estrelas - Notas sobre o feminino/masculino na arquitetura*, são abordados estereótipos associados às mulheres entre os anos 1950 e 1960, a sua emancipação e o desconforto que o feminismo, nas suas vertentes liberal/radical, criou na sociedade patriarcal. É ainda referido que o feminismo, em Portugal, ainda não teria tratado o tema da arquitetura, explicando que, talvez no seguimento do seu ideal de negar e questionar o belo, haveria uma dificuldade em combinar a sua perspetiva com a mulher na arquitetura. O próprio autor demonstra algum desconforto ao assumir o feminismo como possível aliado à questão da mulher na arquitetura, alegando que “por cá os *ismos* não colam” e que o feminismo terá uma força simplificadora, e que há formas que vão mais além nesta questão da mulher (*Joelho #01 - Mulheres na Arquitetura*, 2010, p. 13). Porém, atualmente, existem já vários estudos que relacionam o feminismo e a arquitetura, que comprovam a sua possível relação, até de complementaridade.

No seguimento deste artigo, e ainda na primeira parte da revista, Silvana Rubino apresenta-nos *Corpo, Imagem, Objeto: LC9 e Charlotte Perriand*, onde descreve o seio onde Perriand cresceu e se formou, elucidando toda a envolvente artística que a acompanhou ao longo da vida. A autora realça a importância da arquiteta e designer e da sua parceria com Le Corbusier para a história da arquitetura do século XX, vivendo na pele o peso da desigualdade de género (Rubino, 2010, p. 22).

Segue-se a segunda parte da revista, onde são igualmente mencionadas arquitetas de destaque do Movimento Moderno do século XX, das quais grande parte viu o seu percurso sombreado pela presença de grandes nomes da arquitetura moderna - homens.

# JOELHO

## #01

### MULHERES NA ARQUITECTURA

Jorge Figueira  
*Coordenação*

Silvana Rubino  
Carla Lopes  
Liliana Carvalho  
Joana Bem-Haja  
Filipa Cabrita  
Inês Antunes  
Telma Silva



Figura 12

Revista Joelho #01 - MULHERES NA ARQUITETURA.

Jorge Figueira, 2010



Desta forma, neste artigo são feitas notas biográficas de 13 mulheres, e é explicado o contexto de cada uma no mundo da arquitetura. Para além desta revista introduzir de forma escrita, em Portugal, a mulher na arquitetura, contribui para explicar e divulgar parte do contexto da mulher neste campo, a nível mundial, com exemplos concretos. Entre algumas das arquitetas investigadas, existem características comuns. Desta forma, torna-se evidente que, das parcerias que temos como referência do Movimento Moderno, a mulher surge de forma subtil na sombra do homem, tendo protagonismo secundário na autoria dos projetos, para além de, muitas delas, terem a sua carreira direcionada para uma vertente mais doméstica. Dentro das 13 mulheres mencionadas, surgem duas arquitetas portuguesas, Maria José Marques e Maria Carlota Quintanilha, que abordaremos, mais à frente, no contexto das mulheres pioneiras na arquitetura em Portugal (*Joelho #01 - Mulheres na Arquitetura*, 2010).

Na última parte da revista, são apresentados os ensaios de Provas Finais/Teses de Mestrado desenvolvidas por alunas do Departamento – Carla Lopes, Liliana Carvalho, Joana Bem-Haja, Filipa Cabrita, Inês Antunes e Telma Silva, tendo como objetivo divulgar a investigação em arquitetura realizada por mulheres.

Também em 2010, Patrícia Santos Pedrosa publica o primeiro texto académico a abordar o tema das mulheres na arquitetura em Portugal. Com o título *Being a female architect in Portugal: A short introduction to a long ride*, a autora contextualiza o tema da mulher na arquitetura em Portugal e aborda duas perspetivas em paralelo, as arquitetas pioneiras e a situação atual das arquitetas portuguesas (P. Pedrosa, 2010). No ano seguinte, em 2011, o *Jornal dos Arquitetos*, dedicou o seu número 424 ao tema *Ser Mulher/ Being a Woman*, sob a perspetiva feminista das teóricas da arquitetura Jane Jacobs, Denise Scott Brown, Beatriz Colomina, Mary McLeod (etc.), onde se mencionam as arquitetas portuguesas Maria Carlota Quintanilha, Paula Santos, Luísa Penha, Graça Correia, Cristina Guedes, Teresa Novais, Margarida Grácio Nunes, Inês Lobo, Catarina Almada Negreiros e Rita Almada Negreiros (Carvalho, 2020, p. 21).

A partir daqui o tema despertou interesse em várias estudantes e investigadoras em Portugal. No d'Arq, desencadeou a dissertação de mestrado de Lia Antunes, defendida em 2012, *Arquitetura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitetura*. A ex-aluna do d'Arq-FCTUC, no seu discurso e investigação, segue a trajetória feminista, questionando uma construção da cidade e da arquitetura que parte maioritariamente da visão e perspetiva masculina. Uma perspetiva na qual a mulher ganha presença progressiva, no entanto de forma gradual.



Figura 13

Logótipo da associação Mulheres na Arquitetura



Figura 14

Ecofeminismos e Espaço “Terra com casa”,

15-06-22, Almada.

(Arquivo pessoal, 2022)

Neste seguimento, é dedicado um capítulo ao que seria a arquitetura a partir da perspetiva das mulheres, onde a autora investiga como as mulheres exploram, ocupam e vivenciam o espaço, enquanto utilizadoras (Antunes, 2012, Resumo). Lia Antunes aprofunda o seu discurso incidindo sobre temas que relacionam e comparam os géneros, principalmente o feminino, com a arquitetura, onde é explorada a diferença entre sexo e género e o impacto que isso tem na sociedade e na área disciplinar.

Ao longo do seu percurso foi escrevendo e publicando sobre várias vertentes do tema das mulheres na arquitetura, destacando-se, em 2016, *Questões de Género em Arquitetura: História(s), Espaço(s) e Experiências Profissionais e Arquitetónicas*, uma breve história das arquitetas a nível internacional e nacional, passando pela questão de paridade em termos quantitativos, que se tem vindo a verificar ao longo dos anos, no acesso aos cursos de arquitetura, questionando, neste seguimento, a conciliação dos problemas que as mulheres enfrentam na hora de ser arquitetas num mundo patriarcal, onde se tem que combinar a vida pessoal, maternidade e a não aceitação de mulheres na área laboral da arquitetura (Antunes, 2016).

Em 2017, juntamente com outras investigadoras, Lia Antunes, Ana Catarino, Ana Jara, Joana Braga, Joana Pestana Lages, Luísa Paiva, Patrícia Santos Pedrosa, Rita Ochoa e Sofia Castelo, fundaram, em Portugal, a associação *Mulheres na Arquitetura*. O grupo reúne artigos e publicações, promove eventos e debates que visam a reflexão e a ação no âmbito da equidade de género nas várias práticas implicadas no fazer arquitetura, cidade e território (*Mulheres na Arquitetura*, 2017). Entre muitos, no fim de semana de 14 a 16 de Outubro de 2022, ocorreu o que seria o primeiro módulo do curso sobre ecofeminismos e espaço, com o nome “*Terra como Casa*”, que visa promover uma série de atividades durante três fins de semana (Planeta/Cidade/Casa), em Almada, onde se aprofundam as ideias e a consciência da relação da mulher, ecologia, e arquitetura.

No artigo *Mulheres Invisíveis: princípios para uma reconstrução do discurso em arquitetura* (Monteiro, 2015), Paula Monteiro escreve sobre as possíveis hipóteses para invisibilidade das mulheres na arquitetura, tendo como objetivo contribuir para uma reconstrução da história. E no livro *Arquitectas, redefiniendo la profesión*, de Núria Álvarez Lombradero, num dos capítulos, de novo Patrícia Santos Pedrosa escreve “*Mujeres Arquitectas en Portugal*”, e explica as circunstâncias políticas e sociais em que se deu a introdução das mulheres na arquitetura, as limitações que lhes eram impostas desde a Monarquia ao Estado Novo, as lutas e as conquistas. Contextualiza-nos sobre o acesso ao



ensino e faz também uma breve biografia sobre as pioneiras em Portugal (P. S. Pedrosa, 2015).

Este tema das pioneiras seria desenvolvido na tese de mestrado de Joana Roxo, *A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco*, apresentada em 2016, a autora descreve a vida e obra da primeira mulher a formar-se em arquitetura em Portugal (Roxo, 2016). Mais recentemente, Filipa Carvalho, descreve a *Vida e Obra de Maria José Marques da Silva*, a segunda mulher a formar-se em arquitetura em Portugal e a primeira na Escola do Porto (Carvalho, 2020), e, em 2021, Maria João Ramos Pinheiro, sobre a arquiteta *Olga Quintanilha, Um percurso arquitectónico e associativo* (M. J. R. Pinheiro, 2021).

Na dissertação de Sónia Pinheiro, *Arquitetas: Superar a Invisibilidade*, a também ex-aluna do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra tem como objetivo ressaltar a presença e a contribuição das mulheres arquitetas, falando da sua história e do seu trabalho, no sentido de contribuir para o contexto histórico das mulheres na arquitetura em Portugal. Usando como caso de estudo duas arquitetas Mercês Vieira e Désirée Pedro, faz uma análise dos seus percursos e experiências no papel de mulheres arquitetas. A autora aborda o tema descartando qualquer ligação à teoria feminista, reforçando que a sua dissertação se afasta num todo dessa perspetiva e que com ela não quer ser confundida. Alegando que o debate feminista na arquitetura não tem, no seu foco central, analisado e evidenciado a arquiteta como figura principal, antes privilegia a posição da mulher em vez da posição da profissional, a autora considera que esta abordagem ao tema tem conduzido a que “o reconhecimento dado às arquitetas seja entendido numa perspetiva de vitimização, que se revela inadequada para a realidade atual”(S. M. Pinheiro, 2018, p. 45). Em *Três arquitectas - Três gerações - Uma escola*, de 2017, Natascha Teixeira Cabral faz uma biografia das arquitetas Teresa Fonseca, Graça Correia e Raquel Barbosa (Cabral, 2017).

Ana Isabel Ferreira, na dissertação *O Feminino na Arquitetura*, apresentada em 2019, partilha de uma perspetiva diferente e considera que a negação da necessidade da abordagem do tema com base na relação mulher/arquiteta, continua a perpetuar as desigualdades que se vão sentindo em vários contextos sociais, e, nomeadamente, na arquitetura. “A arquitetura não é definitivamente neutra em relação ao género, no entanto, a maioria das mulheres arquitetas não se revê no termo ‘feminista’. Consideram-se neutras, sem género e talvez seja também esta atitude passiva que faz com que esta profissão continue a ser considerada masculina. Estas apoiam a refutação da divisão de

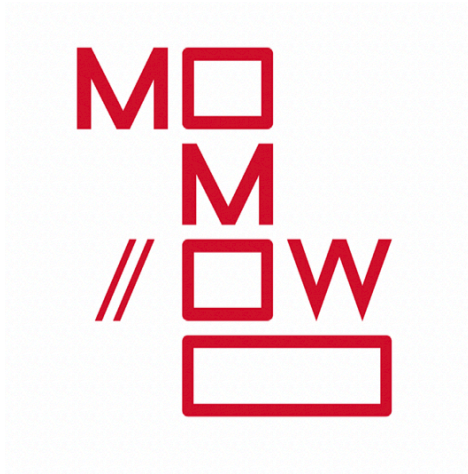


Figura 15

Logótipo do projeto MoMoWo.



Figura 16

"Photo of Luz Valente-Pereira during the interview conducted by the research project W@ARCH.PT, on 20 December 2019 (Valente-Pereira 2019)"

(Pedrosa, Antunes, 2020, p. 179)

género na profissão, mas salientam que a Arquitetura em si depende da identidade de cada um, que não existe género no que toca à prática da disciplina. Apesar de muitas darem este testemunho, fica em aberto, nesta dissertação e em muitas outras investigações, a possibilidade de existir uma ‘arquitetura feminina’” (Ferreira, 2019, pp. 24, 25).

No Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Ana Vaz Milheiro com Filipa Fiúza do *Israel Institute for Advanced Studies – Hebrew University of Jerusalem*, escrevem um artigo em 2020 – *Women Architects in Portugal: Working in Colonial Africa before the Carnation Revolution (1950-1974)*, sobre as arquitetas pioneiras em África, Maria Carlota Quintanilha (1923-2015) e Maria Emília Caria (1926-2000), formadas durante o Estado Novo, em Portugal (Milheiro & Fiúza, 2020).

Outros importantes contributos têm vindo a ser avançados por coletivos femininos, tal como o citado *Mulheres na Arquitetura*, o projeto internacional *MoMoWo*, com representação em Portugal, além do projeto de investigação *W@ARCH. Arquitetas em Portugal: Construção da Visibilidade, 1942 - 1986*.

O projeto *W@ARCH.PT – Arquitetas em Portugal – Construção da visibilidade*, desenvolvido no Centro Interdisciplinar dos Estudos de Género do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, é um projeto que enfoca a sua investigação sobre a história das mulheres na arquitetura em Portugal, desde 1942 a 1986. Para além de uma reconstrução da história mais inclusiva, é abordado um leque de temas que investigam os modos de fazer arquitetura, de ser arquiteta e de ser arquiteto (Pereira, 2020). O projeto contempla entrevistas, debates, mesas redondas, publicações, e é coordenado por Patrícia Santos Pedrosa e Anália Torres. Entre várias outras publicações, “*Architect Luz Valente-Pereira: Architecture, Research and Life in a Changing Country*”, por Lia Gil Antunes e Patrícia Santos Pedrosa, investiga a vida e obra daquela arquiteta, que viveu a sua formação universitária sob o regime totalitário do Estado Novo, com o objetivo de criar uma linha histórica das primeiras décadas da mulher na arquitetura em Portugal, no século XX. Totalmente em coerência com o objetivo do projeto *W@ARCH.PT*, as autoras explicam na introdução do trabalho que não é suposto esta biografia ter especial destaque, interessa perceber o porquê de as mulheres, enquanto grupo diverso, desaparecerem da arquitetura, recuperar e ir construindo referências sistemáticas e coerentes, escrevendo as biografias de cada uma delas (P. S. Pedrosa & Antunes, 2020, p. 176).





# CAPÍTULO I

## 2. Onde estão as Mulheres na História da Arquitetura?



## 2.1 As Mulheres Arquitetas no Passado e na Contemporaneidade

Anna Sokolina afirma não haver qualquer conhecimento de mulheres arquitetas no período antigo, acrescentando que as mulheres da Grécia antiga não tinham qualquer profissão fora de casa, e que isso mudou com a proliferação do comércio da Roma antiga. Mulheres, principalmente as que pertenciam à classe alta, começaram a receber educação básica para aprenderem a ler, a escrever e a dominarem a matemática (Sokolina, 2021, p. 22).

Diversas investigações permitem-nos saber que antes do Movimento Moderno existiram mulheres na arquitetura, ainda que com menos incidência do que a partir do século XX. Nos finais do século XIX, pouco tempo depois da criação de escolas de arquitetura nos Estados Unidos e na Europa, começaram a formar-se as primeiras arquitetas. Porém, antes de avançar na concretização de quem eram as essas mulheres arquitetas, torna-se considerável mencionar que, para a definição de arquiteta ou mesmo para se fazer arquitetura, no passado não se exigia propriamente que a mesma fosse qualificada profissionalmente para tal. Muitas delas não tiveram oportunidade de se formarem como arquitetas a nível universitário, mas, sim, foram adquirindo a experiência e as qualificações necessárias através de outros meios. Neste contexto, entende-se, ao longo do presente Capítulo, que todas estas mulheres que são mencionadas, foram arquitetas. Com base na afirmação de que as primeiras arquitetas surgiram nos finais do século XIX, Anna Sokolina alerta-nos sobre essas novas universidades como sendo as instituições, que até ao momento, mantinham registos escritos que incluíam o nome de mulheres. No entanto, sabe-se que muito antes disso haveria, ainda que possivelmente clandestinamente ou até de forma indireta, influências femininas nos trabalhos de arquitetura, tal como mulheres estudantes de arquitetura, projetos desenhados por mulheres, e mulheres supervisoras de obras ou mesmo construtoras pelas próprias mãos. Sobre estes casos apenas se conhece o nome de Plautilla Bricci, arquiteta, pintora e escultora do século XVII (Sokolina, 2021, pp. 21, 22). Sokolina enumera outras mulheres entre os séculos XV e XVIII, membros da aristocracia da época, como Elizabeth Talbot, Elizabeth Wilbraham, e Margaret Coke, britânicas, e Jacquette de Montbron, francesa, como algumas das primeiras mulheres da Idade Moderna que construíram as suas próprias residências e projetos arquitetónicos, designadas na época como “Arquitetas Amadoras” (Sokolina, 2021, p. 26). Entre muitos campos que estão por investigar na história das



Figura 13

Retrato de Plautilla, meados do século XVII, óleo sobre tela, 66,1 x 52,7 cm. Coleção particular, Los Angeles.

Acedido em: <https://artherstory.net/plautilla-bricci-artist-architettrice/>

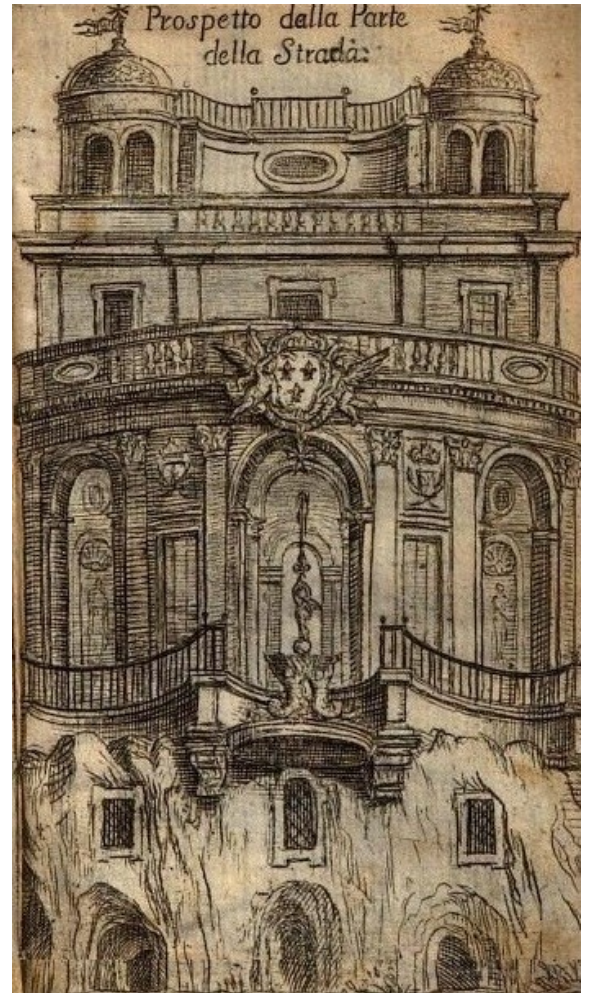


Figura 14

Plautilla Bricci, Villa Benedetta, Fachada Sul na Via Aurelia, incisão em Matteo Mayer, 1677. Roma, Archivio di Stato

Acedido em: <https://artherstory.net/plautilla-bricci-artist-architettrice/>

mulheres, é evidente que as mulheres arquitetas antes do Movimento Moderno são, ainda, uma incógnita.

Voltando ao século XIX, os registros que temos das primeiras estudantes de arquitetura a finalizarem o curso e tornarem-se arquitetas nos Estados Unidos, são os de Mary Louisa Page, a primeira mulher a tirar o curso de arquitetura na University of Illinois, em 1878, e, um ano depois, Margaret Hicks recebeu o diploma de arquiteta pela *Cornell University* e foi a primeira mulher arquiteta a publicar uma revista profissional de arquitetura (Lima, 2014). Louise Blanchard Bethune, foi a primeira americana a conseguir exercer, sendo também a primeira mulher membro do *American Institute of Architects (AIA)*, em 1888 (Martínez, 2018, p. 258). Sokolina menciona, ainda, Minerva Parker Nichols como a primeira mulher a trabalhar como arquiteta independente (Sokolina, 2021, p. 32).

Até 1891, na América, estima-se que doze mulheres se formaram em arquitetura, mas poucas foram as que efetivamente puderam exercer (Sokolina, 2021, p. 33). Uns anos mais tarde, Marion Mahony Griffin formou-se no Massachusetts Institute of Technology (MIT), em 1894, e, entre os seus primeiros trabalhos, ao lado do seu primo, também arquiteto, foi contratada por Frank Lloyd Wright, com quem trabalhou durante 15 anos, partilhando a sua veia artística, projetando edifícios, móveis, vitrais e painéis decorativos, trabalho que, no entanto, nunca lhe foi devidamente reconhecido (Hartman, 2022, p. 66).

Em simultâneo, na Europa, também já começavam a surgir as primeiras mulheres a formarem-se em arquitetura, sendo na Finlândia, em 1890, no Instituto Politécnico de Helsínquia, que Signe Hornborg se tornou a primeira mulher arquiteta europeia, seguindo-se Hildon Hongel, 1893, formada pela Escola Industrial de Helsinquia (Ferreira, 2019, p. 34). Em 1867, na Inglaterra, o Massachusetts Institute of Technology abriu as primeiras vagas para mulheres no curso de arquitetura, e Sophia Hayden, a sua primeira diplomada, em 1890, projetou o *Woman's Building* para a *World's Columbian Exposition*, em Chicago, em 1893 (Espegel, 2018, p. 87). Em 1898, Ethel Mary Charles, tornou-se a primeira mulher membro do *Royal Institute of British Architects (RIBA)* (Sokolina, 2021, p. 84) e, nesse mesmo ano, também se formou uma das designers e arquitetas mais influentes do Movimento Moderno, Eileen Gray. A sua obra mais conhecida é a casa de férias E-1027, em Roquebrune, que projetou com Jean Badovici, em 1926. Obra que, por muitos anos, foi apenas associada a Jean Badovici e até a Le Corbusier, que tanto cobiçava o projeto e que, em 1937, foi convidado por Badovici para



pintar uns murais, sendo uma afronta para Eileen, que considerava que os murais quebravam os planos das paredes (Esteves, 2010, p. 39).

Já no século XX, em França, a *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, em Paris, abriu uma exceção para Julia Morgan, que aí se formou em 1902, e foi a primeira mulher a exercer na Califórnia, com mais de 700 edifícios construídos (Martínez, 2018, p. 299). Foi também a primeira mulher a ser reconhecida com a medalha de ouro do AIA (Sokolina, 2021, p. 357).

Na Alemanha, foi Emilie Winkelman, quem obteve o grau de arquiteta, em 1909, pela *Royal Technical University* de Hanover. Em 1911, Elisabeth von Tippelskirch-Knobelsdorff, foi a segunda arquiteta a formar-se na Alemanha, trabalhou na República de Weimar e foi a primeira mulher membro da Associação de Arquitetos e Engenheiros de Berlim, tendo participado na exposição “Mulher em Casa e no Trabalho” (Ferreira, 2019, p. 34). Na Suíça foi Flora Crawford a pioneira na profissão, em 1923, e, em 1936, Matilde Ucelay, tornou-se a primeira arquiteta espanhola (Pérez-Moreno & Pedrosa, 2020, p. 6). Na Austrália, Florence Mary Taylor, até agora, é a considera primeira mulher a formar-se em arquitetura no país, em 1904 (Houzer, 2018).

Na América do Sul, em 1914, Arinda da Cruz Sobral foi a primeira a obter o título na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, Brasil (Belarmino, 2022). Também a brasileira Cármen Portinho foi uma importante referência feminina para a arquitetura e para a luta das mulheres pelos dos direitos iguais aos dos homens. Em 1937, contribuiu para a fundação da Associação Brasileira de Arquitetas e Engenheiras (ABEA), da qual foi primeira presidente, que seria a única entidade profissional composta apenas por mulheres (Ferreira, 2019, p. 45). Na República Oriental do Uruguai, foi em 1923 que Julia Guarino se formou (Ferreira, 2019, p. 34). Na Argentina, em 1927, Finlândia Pizzul, tornou-se a primeira arquiteta, pela Universidade de Buenos Aires, e, também, a arquiteta argentina Susana Torre foi a autora, em colaboração com um grupo de arquitetas, historiadoras e escritoras, da exposição “*Women in Architecture: an Historical and Contemporary Perspective*”, em 1977, em Nova York, uma das primeiras iniciativas na abordagem do tema da mulher na Arquitetura. A exposição reuniu o trabalho de arquitetas dos Estados Unidos, traçando um histórico da relação da mulher com a arquitetura (Lima, 2014, p. 15). No Chile, os registos que existem da primeira mulher a formar-se em arquitetura, são de 1930. Dora Riedel Seinecke tornou-se arquiteta



Figura 15

Zaha Hadid - 1ª Mulher a ganhar o Prémio Prtizker,  
Por Brigitte Lacombe

Acedido em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/zaha-hadid-a-arquitetura-da-rainha-das-curvas/>



Figura 16

Yvonne Farrel e Shelley MacNamara, 1ª dupla de mulheres a  
ganhar o prémio Pritzker, por Alice Clancy, 2020

Acedido em: <https://www.britannica.com/biography/Yvonne-Farrell-and-Shelley-McNamara>



pela Escola de Arquitetura da Faculdade de Ciências Físicas e Matemáticas da Universidade do Chile (Mujer Arquitecta, 2022).

Minnette da Silva foi a primeira mulher no Sri Lanka a inscrever-se num curso de arquitetura, na Sir Jamsetjee Jeejeebhoy School of Art, em 1940, e foi a primeira mulher asiática a ser membro do RIBA (Hartman, 2022, p. 183).

A informação que nos vai chegando inevitavelmente, é cada vez mais reduzida quando tentamos abranger continentes como África e Ásia, no que diz respeito ao tema da mulher. A informação a que se tem acesso é sobre arquitetas mais recentes, às quais se lhes deve, também, construir história e não deixar que se percam como referência. No entanto, existem registos de Yasmeen Lari, como a primeira arquiteta do Paquistão, mas a sua formação foi feita no estrangeiro, em Londres, com destaque pela sua preocupação em relacionar a arquitetura e a justiça social (Hartman, 2022, p. 311). Mais recentemente, Zaha Hadid, arquiteta iraquiana também formada em Londres, foi a primeira e única mulher a receber o prémio Pritzker de Arquitetura, em 2004.

Sobre o Pritzker e as mulheres arquitetas do continente da Ásia, em 2010, Kasuyo Sejima, arquiteta japonesa, ganhou, em parceria com Ryue Nishizawa, o prémio. Já em 2012, o prémio seria entregue aos dois membros fundadores do escritório “Amateur Architecture”, Lu Wenvu e Wang Shu, criado em 1998. Porém, a arquiteta chinesa, Lu Wenyu, recusou receber o prémio em conjunto com o seu marido e companheiro, justificando, numa entrevista ao jornal *El País*, que não aceitou o prémio porque queria continuar a viver normalmente a sua vida e aproveitar o tempo com o seu filho (Mora, 2014). A seguinte vez que uma mulher foi reconhecida com o prémio Pritzker foi a espanhola Carmen Pigem, em 2017, com os seus sócios Ramon Vilalta e Rafael Aranda (Ferreira, 2019, p. 262). Yvonne Farrel e Shelley MacNamara, arquitetas Irlandesas, foram a primeira dupla de mulheres arquitetas a receber o prémio, no ano de 2020, e, em 2021, os franceses Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal.



Figura 17

Maria José Estanco, 1º Arquiteta Portuguesa

Acedido em: <https://debategraph.org/Details.aspx?nid=383412>



Figura 18

Maria José Marques da Silva  
(Carvalho, 2020, p. 18)

## 2.2 Mulheres Arquitetas em Portugal

Em Portugal, só na década de 1940 se formam as primeiras mulheres em arquitetura. Ainda no século XIX, começaram a aparecer mulheres a estudar desenho, mas a área da arquitetura ainda estava reservada em exclusivo para o sexo masculino. As primeiras estudantes na Academia de Belas Artes de Lisboa são do ano letivo 1879/1890 (Ferreira, 2019, p. 80). Em 1915, havia já pelo menos uma mulher inscrita para estudar arquitetura, que desistiu, tendo concluído o curso mais tarde, Luísa Ferreira De Mattos e Silva (P. S. Pedrosa, 2015, p. 193). Assim, em Portugal, foi em 1942 que a primeira mulher se formou em arquitetura, Maria José Estanco, na Escola de Belas Artes de Lisboa. Na Escola de Belas Artes do Porto, no ano seguinte, em 1943, formou-se a que seria a primeira mulher arquiteta naquela escola, e a segunda no país, Maria José Marques da Silva. Mas, ainda há menos de um século, à entrada de mulheres em cursos de arquitetura lhes eram postos obstáculos. Antonieta Jacinto, nascida em 1930, numa entrevista em 2014, revelou ter enfrentado dificuldades em inscrever-se no curso de arquitetura, em 1950, onde justificavam que o diretor da escola não gostava de mulheres (Pérez-Moreno & Pedrosa, 2020, p. 2)

Com o decorrer do século, foi-se observando uma maior afluência das mulheres ao ensino superior, e, por consequência, às Escolas e, mais tarde, Faculdades de Arquitetura. No entanto, a um número cada vez maior de estudantes femininas não correspondia o mesmo número de mulheres a trabalhar na área. A paridade entre sexos no campo educacional não tinha reflexos no mundo laboral. A essas mulheres não lhes era dado emprego, ou, então, eram direcionadas para assumir papéis secundários na profissão. Segundo Lia Antunes, em 2016, a percentagem de mulheres arquitetas licenciadas ultrapassava os 50%, mas apenas 35% exerciam ativamente a profissão (L. G. Antunes, 2016, p. 74). Atualmente o número de mulheres inscritas na Ordem dos Arquitetos está em caminho de atingir uma paridade. Em 2018, 44% dos seus membros eram mulheres. “No entanto, isto não significa diretamente uma força relevante e marcante das mulheres na arquitetura para breve, isto porque do significativo número de arquitetas que se formam (sendo estas em maior percentagem que os homens), poucas são as que têm atelier próprio e as restantes ou não estão a trabalhar na área, ou estão associadas a outros arquitetos, em pares ou em grupos, sendo este último caso a maioria,



tal como acontece mundialmente.” (Ferreira, 2019, p. 81). Numa entrevista de 2019, a presidente da associação Mulheres na Arquitetura, Patrícia Santos Pedrosa afirma que o número de inscrições de mulheres na Ordem dos Arquitetos crescia em média 1% por ano, mas também que é um facto que às mulheres pertencem o maior número das taxas de pedidos de suspensão na Ordem (P. S. Pedrosa, 2019). Desta forma, continua a ser discrepante o número de mulheres reconhecidas, valorizadas, bem remuneradas e com cargos hierárquicos de direção e prestígio na profissão em relação aos números respetivos nos homens arquitetos. No website oficial da Ordem dos Arquitetos, na lista dos membros honorários, desde 1903 a 2021, dos 169 contemplados, apenas 6 são mulheres: Cristina Salvador, Olga Quintanilha, Ana Tostões, Isabel Ortins de Simões Raposo, Helena Roseta e Maria José Marques da Silva. Olga Quintanilha, foi a primeira mulher eleita presidente da Associação Arquitetos Portugueses, entre 1996 e 1998, e, em 1999, foi também a primeira mulher a ser presidente da Ordem dos Arquitetos, sucedida por Helena Roseta, de 2002 a 2007. Atualmente, conta com Ana Paula Santos<sup>2</sup>, como vice-presidente (OA, sem data).

“Mas o anonimato das mulheres arquitetas não ocorre apenas no exercício da profissão. Também na academia ele é notório. Nas escolas de arquitetura portuguesas, embora o número de mulheres nos corpos docentes tenha vindo a aumentar, estes ainda se encontram muito masculinizados” (Ochoa, 2018, p. 2). Segundo Rita Ochoa, para além da presença masculina prevalecer no corpo docente, existe uma masculinização também da disciplina de Projeto, que, por norma é a disciplina do ensino da arquitetura que mais se aproxima ao exercício da prática profissional, e, por isso, com mais “protagonismo”, para além de ser a cadeira com mais carga horária e que se repete em cada ano de curso. Acompanhado destes dados, no programa das aulas de História da Arquitetura, raramente é mencionada uma mulher como referência histórica e caso de estudo. Atualmente, é sabido e bastante contestado, que é exigida uma paridade de números femininos e números masculinos em certos cargos e posições, mas igualmente se sabe, que para toda a regra há uma exceção, que existem maneiras de contornar a situação, e que há instituições e áreas em que esse requerimento é mais rigoroso do que

---

<sup>2</sup> Ex-professora do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Um dos casos de estudo do segundo capítulo da presente dissertação, à qual foi feita uma entrevista encontrada nos apêndices.



noutros<sup>3</sup>. “Se verifica a ideia de que a desigualdade de género não existe e que distribuições assimétricas, a haver, se devem unicamente a processos de escolha ou mérito, vários estudos têm demonstrado o contrário, trazendo à discussão assimetrias e segregações, de vários âmbitos (Estrada, 2001; Sales Oliveira e Villas-Boas, 2012)” (Ochoa, 2018, p. 2). Num artigo do jornal Expresso, é constatado que Portugal é um dos países com mais mulheres a fazerem doutoramento e mais investigadoras, no entanto, estas ocupam o mesmo número que os homens na categoria de Adjunta de Ensino (Monitor), “Apesar de haver quase paridade na base da carreira académica, nos escalões de topo os homens continuam a estar em maioria” (Leiria, 2019).

Em Portugal, atualmente, existem apenas duas mulheres arquitetas Professoras Catedráticas de carreira, Ana Tostões e Teresa Heitor, ambas docentes do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa.

---

<sup>3</sup> A Universidade da Beira Interior (UBI) foi a primeira Universidade em Portugal a apresentar um plano de igualdade de género – UBIgual. (Duarte, 2020, p. 46)





## CAPÍTULO II

### 3. O Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra



Figura 19

Arquitetas Teresa Pais, Cidália Silva, Luísa Brandão e Susana Lobo

### 3.1 Percursos no Feminino

Criado no ano letivo de 1988/1989, o curso de Licenciatura em Arquitetura da Universidade de Coimbra, integrado na Faculdade de Ciências e Tecnologia, seria o terceiro do país, depois de Lisboa e do Porto, sendo o primeiro implementado, de raiz, numa instituição pública (Bandeirinha, 2013, p. 151). Para acompanhar os primeiros anos da formação do curso é constituída, em novembro de 1989, uma Comissão Instaladora Provisória, presidida por Margarida Ramalho Ribeiro da Costa, Professora Catedrática do Departamento de Física da FCTUC, e formada pelo Professor Artur Soares Alves e Professor Lusitano dos Santos, a quem se juntaram, em dezembro seguinte, os nomes de Fernando Távora, Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, docentes da Faculdade de Arquitetura do Porto. Essa Comissão Instaladora daria lugar, em 1991, à primeira Comissão Científica do d'Arq, dirigida, até 1997, por aquela mesma Professora, e composta exclusivamente por homens<sup>4</sup>. E ainda que, nestes primeiros anos, o corpo docente do d'Arq integrasse docentes mulheres<sup>5</sup>, só em 1996 é contratada a primeira docente da área disciplinar da Arquitetura, Teresa Pais, formada pelo d'Arq, como Monitora<sup>6</sup> de Desenho Arquitetónico e Geometria, sob a Regência do Professor Alexandre Alves Costa e Vítor Murtinho, respetivamente. Na direção do d'Arq, não encontramos nenhum outro elemento feminino até ao ano de 2021, com a eleição da Professora Teresa Pais, como membro da Comissão Científica, e a nomeação da Professora Susana Lobo, como Subdiretora, ambas, as únicas docentes de carreira do d'Arq. Ainda, em 2018/2019 é criado o Mestrado em Reabilitação Urbana Integrada (MRUI), do 3º ciclo do d'Arq, coordenado desde o início pelo Professor Adelino Gonçalves e vice-coordenado pela Professora Margarida Relvão Calmeiro, que chegou a assumir a coordenação deste mestrado durante o ano de licença de sabática do Professor Adelino, em 2019/2020, reassumindo o cargo de Vice-coordenadora quando o Professor regressou ao Departamento, no ano seguinte. A Professora Maria Alice Geirinhas foi Coordenadora, de 2015 a 2021, do curso de Licenciatura em Design Multimédia, que também pertence ao d'Arq.

---

<sup>4</sup> Alexandre Alves Costa, António Reis Cabrita, Domingos Tavares, Fernando Távora, José António Bandeirinha, José Carlos Teixeira, Lusitano dos Santos e Raul Hestnes Ferreira.

<sup>5</sup> Ver anexos páginas 142 e 155.

<sup>6</sup> A categoria de Monitora equivale, atualmente, à categoria de Adjunta de Ensino.

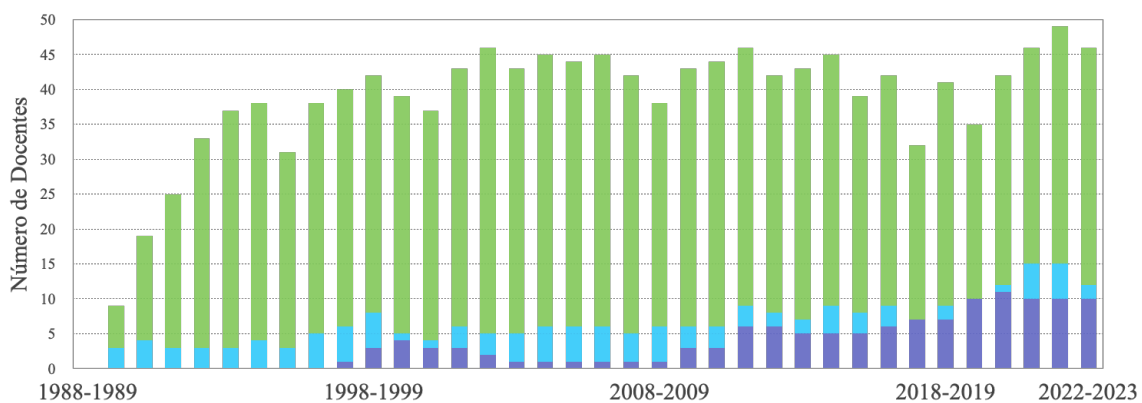


Figura 20

Mulheres e homens no corpo docente do curso de Arquitetura ao longo de 35 anos

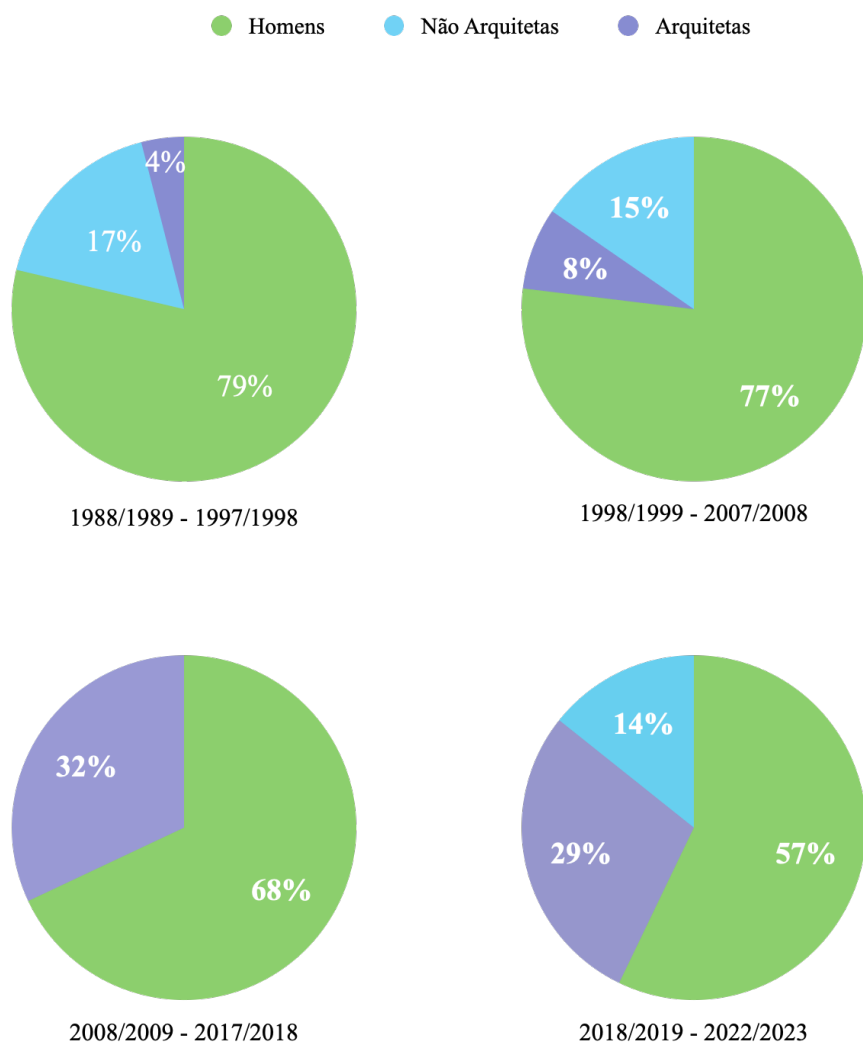


Figura 21

Percentagem de contratações docentes, mulheres e homens

## As Docentes

A nível do corpo docente, ao longo dos 35 anos foram no total contratados 140 docentes, dos quais 104 homens e 36 mulheres, sendo que 17 delas são Arquitectas. Na primeira década do curso, do primeiro grupo de 75 professores, 59 eram homens e 16 eram mulheres. Durante os dez anos seguintes, houve um total de 71 docentes, 60 homens e 11 mulheres, dos quais 26 foram novas contratações, 20 homens, e 6 mulheres. Nos anos letivos 2008/2009 a 2018/2019, houve um total de 68 docentes, 53 homens e 15 mulheres, dos quais 25 eram novos no Departamento, 17 homens e 8 mulheres. E, por fim, nos últimos 5 anos, houve 52 docentes, 35 homens e 17 mulheres, sendo deste número total, 14 novas contratações, 8 homens e 6 mulheres. Destes números, nos primeiros anos contamos com um maior número de docentes de outras áreas científicas que não a arquitetura, uma vez que, inicialmente, o curso matinha uma grande relação com os cursos de Matemática e Física, sendo que com o passar dos anos começou a aproximar-se do ensino das Escolas do Porto e Lisboa, com uma vertente mais artística e mais concentrada em projeto (Bandeirinha, 2013, p. 151) e, por consequência, incidiu-se mais na contratação de arquitetos e arquitetas. Com esta evolução, ainda que a níveis numéricos de um modo geral haja um número crescente de mulheres a ocuparem lugares na docência, de dez em dez anos passou de 21%, para 15%, 22%, e, nos últimos 5 anos, 33%. É notável que conforme as disciplinas de outras áreas disciplinares começam a desaparecer, o mesmo acontece com as docentes mulheres, que em termos percentuais tinham maior representatividade antes de se começar a cingir a contratação a docentes da área da arquitetura. No entanto, atualmente, o corpo docente conta com 74% professores, e 26% professoras, sendo que deste último número 22% corresponde a arquitetas, e 4% a professoras de outras áreas científicas.

Em relação às arquitetas, como já referido, foram no total 17, e hoje permanecem 10 a lecionar no d'Arq: Susana Lobo e Teresa Pais como Professoras Auxiliares de Carreira; Carolina Coelho, Désirée Pedro, Margarida Relvão Calmeiro, Antonieta Reis e Joana Maia como Professoras Auxiliares Convidadas; e Catarina Fortuna, Maria João Pinto e Paula del Rio (40%) como Assistentes Convidadas. Deste número, Catarina Fortuna permanece com a mesma categoria nos contratos desde que começou a dar aulas no departamento (2013), sendo que inicialmente era contratada a 59%, passando a 50% e, atualmente, 40%, com a mesma carga horária desde o princípio. Désirée Pedro começa a dar aulas (2013) como Assistente Convidada a 59%,



Figura 22

Arquitetas Sandra Pinto, Paula Santos e Alice Faria

Anos letivos	Arquitetas	Não Arquitetas	Homens
1988/1989	0	3	6
1990/1991	0	4	15
1991/1992	0	3	22
1992/1993	0	3	30
1993/1994	0	4	34
1994/1995	0	3	28
1995/1996	0	5	33
1996/1997	1	5	34
1997/1998	3	5	34
1998/1999	4	1	34
1999/2000	3	1	33
2000/2001	3	3	37
2001/2002	2	3	41
2002/2003	1	4	38
2003/2004	1	5	39
2004/2005	1	5	38
2005/2006	1	5	39
2006/2007	1	4	37
2007/2008	1	5	32
2008/2009	3	3	37
2009/2010	3	3	38
2010/2011	6	3	37
2011/2012	6	2	34
2012/2013	5	2	36
2013/2014	5	4	36
2014/2015	5	3	31
2015/2016	6	3	33
2016/2017	7	0	25
2017/2018	7	2	32
2018/2019	10	0	25
2019/2020	11	1	30
2020/2021	10	5	31
2021/2022	10	5	34
2022/2023	10	2	34

variando, ao longo dos anos, o seu contrato de 59% para 50%, e depois para 60% quando já era Professora Auxiliar Convidada. Joana Maia, desde que foi contratada pela primeira vez (2019) como Assistente Convidada a 30%, apesar de passar a Professora Auxiliar Convidada, o contrato passou para 20%. A professora Antonieta Reis, é a professora com a percentagem de contrato mais baixa, passando de 15% (2018), para 20%, e atualmente 10%. Margarida Relvão Calmeiro, começou a lecionar como Assistente Convidada a 30% (2015), e no ano letivo seguinte passou a ser contratada como Professora Auxiliar Convidada a 60%, entretanto, o seu contrato chegou a ser a 100% e voltou para 60%, sendo atualmente 45%.

Susana Lobo e Teresa Pais, Carolina Coelho e Maria João Pinto começaram a carreira docente como Monitoras<sup>7</sup>. No entanto, as duas primeiras, para além de fazerem parte do primeiro grupo de arquitetas a darem aulas no departamento, e por ainda permanecerem, serem as mais antigas, foram as únicas, até agora, que tiveram progressão de carreira mais significativa. Susana Lobo, depois de ser monitora (1998-2002), ausentou-se durante alguns anos e regressou como Assistente Convidada a 30% (2009), passou para Professora Auxiliar a 60% (2010), e, depois do doutoramento (2013) para Professora Auxiliar a 100%. Teresa Pais começou dois anos como Monitora (1996), passando a Assistente Estagiária até se ausentar (2000), e regressar (2003) como Assistente Convidada 60%, e posteriormente passar a 100%, e a Professora Auxiliar. Carolina Coelho desde que entrou (2010), passou de Adjunta de Ensino<sup>8</sup> a Assistente Convidada 30%, a Professora Auxiliar Convidada, com a percentagem dos contratos a variarem entre os 30%, para os 50%, 59%, 100% e, atualmente, 60%. Maria João Pinto de Adjunta de Ensino (2017) passou a Assistente Convidada a 59%. Em suma, sem contar com as Professoras de Carreira, das restantes oito docentes, quatro foram tendo contratos mais precários com o passar dos anos, com a percentagem dos contratos a descer e com as mesmas responsabilidades curriculares.

Das arquitetas que já não lecionam no Departamento, três foram contratadas apenas com a categoria de Monitora, no primeiro ano ainda enquanto alunas do Departamento, Cidália Silva, durante três anos letivos (1998-2001), Sandra Pinto durante dois anos (2001-2003), e Alice Santiago Faria por dois anos letivos também (2010-2012).

---

<sup>7</sup> Ou Adjuntas de Ensino.

<sup>8</sup> Antiga categoria de Monitora.



Figura 23

Arquitetas Carolina Coelho (com autora), Susana Constantino, Catarina Fortuna e Désirée Pedro



Luísa Brandão foi Assistente Convidada (1997-1999) e Susana Constantino foi Assistente Convidada a 59% (2010-2013). Teresa Novais foi nos dois anos letivos em que deu aulas (2018-2020), Professora Auxiliar Convidada a 50%. Paula Santos foi Professora Auxiliar Convidada (2008-2013).

No Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra formaram-se onze<sup>9</sup> destas docentes, três<sup>10</sup> formaram-se na FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Luísa Brandão tirou o curso na ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto, Paula del Rio formou-se na ETSAM - Escuela Técnica Superior de Arquitetura de Madrid e Joana Maia na ESAP - Escola Superior Artística do Porto.

Pode-se verificar que, por coincidência ou não, do grupo de professoras que lecionaram no departamento, poucas foram as que eram responsáveis pelas cadeiras que lecionavam. Quase sempre eram professores, ainda que o cargo fosse sendo ocupado por pessoas diferentes ao longo dos anos. Por defeito, é evidente que a regência das cadeiras, principalmente das cadeiras práticas, pertence essencialmente ao sexo masculino. Com o passar dos anos, e só mais recentemente, 8 professoras arquitetas foram regentes de cadeiras, ainda que muitas das vezes, apenas por um ano, em substituição de algum professor. Principalmente, pode notar-se que as áreas em que existe maior incidência de mulheres como regentes é nas disciplinas teóricas e nas cadeiras opcionais. A unidade curricular de Projeto nunca foi regida por uma mulher, sendo que, ao longo de 35 anos, 7 mulheres<sup>11</sup> deram aulas à cadeira e, atualmente, 4 são ainda professoras de Projeto, uma delas conta com 16 anos a dar aulas de Projeto no d'Arq, duas com 9 anos, e por último, uma professora com 3 anos. Importante é referir que para ser regente de uma cadeira é preciso ter pelo menos a categoria de Professora Auxiliar, de carreira ou não, sendo que duas das quatro professoras de Projeto, são contratadas com a categoria de Professora Auxiliar<sup>12</sup> e Professora Auxiliar Convidada<sup>13</sup>. Das restantes três ex-docentes do

---

<sup>9</sup> Alice Faria, Antonieta Reis, Carolina Coelho, Catarina Fortuna, Cidália Silva, Margarida Relvão, Maria João, Sandra Pinto, Susana Constantino, Susana Lobo, Teresa Pais, Susana Lobo.

<sup>10</sup> Désirée Pedro, Paula Santos e Teresa Novais.

<sup>11</sup> Catarina Fortuna, Désirée Pedro, Paula Santos, Paula del Rio, Susana Constantino, Susana Lobo e Teresa Novais.

<sup>12</sup> A Professora Susana Lobo, em 2013, passou de Assistente Convidada a Professora Auxiliar Convidada (100%) e, desde 2014, é Professora Auxiliar.

<sup>13</sup> A Professora Désirée Pedro foi Assistente Convidada (59%), desde 2013 até 2018, quando passou Professora Auxiliar Convidada (60%).



Figura 24

Arquitetas Margarida Relvão Calmeiro, Maria João  
Pinto e Teresa Novais

Departamento, como já mencionado, Paula Santos foi contratada cinco anos como Professora Auxiliar Convidada<sup>14</sup>; Susana Constantino foi três anos Assistente Convidada e Teresa Novais foi os dois anos Professora Auxiliar Convidada.

Em relação à maior parte destas docentes, quase todas têm atividade fora do Departamento, num atelier, e várias já foram reconhecidas com prémios, duas delas têm doutoramento feito, e três têm o doutoramento inacabado. Porém, ser doutorada não é condição obrigatória para assumir a regência de uma cadeira, uma vez que podem ser consideradas especialistas na área para poderem ocupar esse cargo, havendo professores do sexo masculino responsáveis por cadeiras e não doutorados.

Algumas professoras, apesar de não terem assumido por nenhum ano a regência de cadeiras de Projeto, foram responsáveis por cadeiras teóricas, opcionais e, pela primeira vez, no presente ano letivo 2022/2023, uma professora é regente de várias cadeiras de Construção, com a componente prática mais próxima da cadeira de Projeto, Désirée Pedro. Apesar de Luísa Brandão ter sido regente de Desenho nos únicos dois anos letivos em que deu aulas no Departamento e, ainda dentro dos primeiros 10 anos de existência desta Escola, de 1997 a 1999, era professora contratada pela FAUP. Assim, podemos considerar que Teresa Pais foi a primeira docente do Departamento de Arquitetura responsável por unidades curriculares práticas, Desenho e Geometria, no ano letivo 2016/2017, porque o regente até então, Vítor Murtinho, assumiu o lugar de Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, sendo-lhe impossível conciliar esse cargo com a carreira de docente, ainda que a Professora Teresa acompanhasse a aulas de Geometria desde o momento em que começou a lecionar no d'Arq. O mesmo aconteceu com a cadeira de Desenho, da qual só foi regente ao fim de 17 anos, apesar dos regentes das cadeiras de Desenho terem alternado ao longo desses anos, quase sempre entre professores do sexo masculino, Alexandre Alves Costa, António Olaio, Carlos Antunes, Pedro Pousada, e, naqueles dois anos letivos, pela Arquiteta Luísa Brandão. Atualmente, Teresa Pais é regente de Desenho I. Nas disciplinas opcionais houve três professoras responsáveis, Paula Santos - Organização do Projeto e Prática Profissional e Temas e Problemas da Arquitetura Contemporânea (2010/2013);

---

<sup>14</sup> Não foi possível confirmar oficialmente os dados assinalados.



Figura 25

Arquitetas Paula del Rio, Antonieta Reis e Joana Maia

Désirée Pedro - Construção do Edificado: Condições para a prática projectual I (2017/2018 – 2019/2020) e Organização do Projeto e Prática Profissional (2020/2021 – 2021/2022); e Susana Lobo - Território e Paisagem I e Território e Paisagem II (2013/2014), Arquitetura e Turismo (2014/2015) e Urbanismo, Arquitetura e Turismo (2015/2016- 2021-2022). O que, de um modo geral, acontece nas cadeiras Teóricas é que um professor chega a ser regente de mais do que uma cadeira em simultâneo, enquanto que as professoras, apesar de darem também as aulas, não regem nenhuma cadeira. Susana Lobo chegou a ser regente de Introdução à Arquitetura e à Cidade I e Introdução à Arquitetura e à Cidade II, em substituição do Professor José António Bandeirinha no ano em que este esteve em Licença Sabática. Carolina Coelho, substituiu Rui Lobo em História da Arquitetura I e História da Arquitetura II também durante o ano de sabática do professor e, passados seis anos de ser docente a Teoria da Arquitetura III sob regência, primeiro, do Professor Mário Kruger e, depois, do Professor Armando Rabaça, foi também regente desta cadeira. Deu, igualmente durante seis anos a cadeira, de Seminário de Investigação, sendo que a disciplina se dividiu em duas turmas e, por isso, passou a lecionar Seminário de Investigação do 4º ano e Seminário de Investigação do 5º ano. Só a partir do ano letivo 2021/2022 é que foi regente de Seminário de Investigação do 5º ano, tendo sido a cadeira regida por Walter Rossa, e, depois, por Gonçalo Canto Moniz e Paulo Providência e Vítor Murtinho. A esta cadeira também deram aulas as Professoras Susana Lobo, Margarida Relvão Calmeiro e Antonieta Reis.

Antonieta Reis também é docente de História da Arquitetura Portuguesa I e História da Arquitetura Portuguesa II, desde 2018/2019.

Margarida Relvão Calmeiro, leciona as cadeiras de Urbanística e de Urbanização desde que foi contratada pela primeira vez (2015/2016), tendo substituído o Professor Walter Rossa como regente de Urbanística e de Princípios de Intervenção no Espaço Construído (Departamento de Engenharia) durante a licença de sabática do Professor, em 2017/2018. É regente de Urbanização há dois anos, porque o Professor Walter Rossa já estava encarregue de várias cadeiras.

Susana Lobo e Carolina Coelho dão, ainda, aulas no programa de Doutoramento em Arquitetura do d'Arq – Coimbra Studio e Margarida Relvão Calmeiro, para além de ter criado e ser vice-coordenadora do MRUI, dá uma cadeira que criou – Contextos e Conceitos na Evolução das Paisagens Urbanas nesse Mestrado e deu aulas no Doutoramento de Economia, em substituição do Professor Adelino durante o seu ano de sabática.

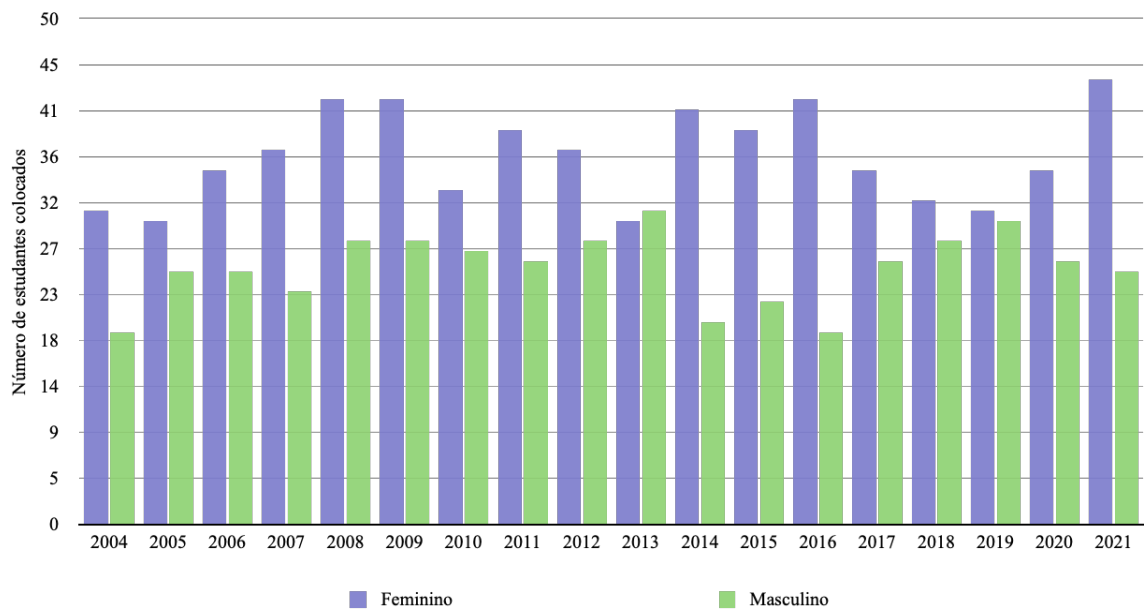


Figura 26

Tabela de alunos desagregado por sexos, desde 2004 a 2021

## As Alunas

No primeiro ano do curso, com 50 vagas inicialmente previstas, entre a fase de admissão e os pedidos de transferência de outros cursos e escolas, foram, no final, admitidos 67 alunos, dos quais 23 mulheres, correspondendo a 34% do número total de inscritos nesse ano (Lobo, 2019, p. 32). Dez anos depois, em 1998, os registos apontam para 47 colocados, 24 eram alunas e 23 eram alunos<sup>15</sup>. Em 2008, abriram 70 vagas, 60% delas ocupadas por alunas e 40% por alunos, havendo um total de 42 alunas colocadas e 28 alunos. Percebe-se que, dentro do número total de colocados na primeira fase, o número de alunos masculinos, passados 20 anos, é significativamente menor em relação aos elementos femininos. Em 2018, a primeira fase contava com 61 colocados, dos quais, 32 alunas, correspondendo a 52% do total, e 28 alunos, a 48%, atingindo-se, neste ano, um certo equilíbrio entre géneros. No entanto, pode verificar-se que a presença feminina predomina a partir da segunda década do curso, chegando a atingir picos percentuais, e, em 2021, atinge 64% do número total de colocados (DGES, sem data). Em 2019, dos 489 alunos a frequentarem o Mestrado Integrado em Arquitetura em Coimbra, 293 eram mulheres e 196 eram homens (Lobo, 2019, p. 32).

Em 1994, havia já os primeiros licenciados em Arquitetura pela Universidade de Coimbra. Do primeiro grupo de 8 alunos que defenderam as suas Provas Finais, Alexandra Barros foi a primeira e única mulher a licenciar-se, e até 2019, dos 1082 arquitetos formados no d'Arq, 604 são mulheres e 478 homens, sabendo-se que, até janeiro de 2023, se formaram mais 131 arquitetas e 78 arquitetos, registando-se, no total, 1291 formados nesta Escola, 735 mulheres e 556 homens.

---

<sup>15</sup> Não foi possível confirmar oficialmente os dados assinalados.

Figura 27

Presidentes do Núcleo de Estudantes da Associação Académica de Coimbra  
(NUDA-AAC)

1998	Ana Filipa Torneiro Pedrosa
1999	Rui Pedro Filipe Santos
2000	Teresa Silvestre
2001	Paulo Lopes
2002	
2003	
2004	José Paulino Santos da Costa Brites
2005	David Samuel Teixeira Carvalho
2006	David Samuel Teixeira Carvalho
2007	Gerson Gonçalo
2008	Joana Margarida Alves Martins
2009	Joana Margarida Alves Martins
2010	Lara Telma Pires Borges
2011	Duarte Nuno Fonseca Abreu Miranda
2012	Pedro Gonçalves Jerónimo de Jesus Caiado
2013	Micael Almeida Soares
2014	Carlos Eduardo Marques Serra Fraga
2015	Carlos Eduardo Marques Serra Fraga
2016	Ana Cláudia Ribeiro
2017	Ana Cláudia Ribeiro
2018	Joana Mendes Correia
2019	Ana Sofia Tavares Campos
2020	Ana Sofia Tavares Campos
2021	Joana Rita Pereira Ramos
2022	Ana Francisca Silva de Sousa



Relativamente aos órgãos de representação dos alunos do d'Arq, em 1998, foi criado o Núcleo de Estudantes de Arquitetura – NUDA da Associação Académica de Coimbra, que visava organizar eventos e ciclos de conversas informais onde pudessem ser discutidos temas que não eram falados nas salas de aula (Bandeirinha, 2013, p. 167). O NUDA foi um elemento ativo na reflexão e discussão dos temas pedagógicos e das condições físicas do Departamento, que durante toda a sua existência foram sendo muitas vezes postas em causa. Até hoje, ao longo de 25 anos de existência, entre 1997 e 2022, este organismo teve 18 presidentes, dos quais 9 mulheres, e 9 homens. Algumas destas alunas e alunos tiveram dois mandatos seguidos na presidência do Núcleo, havendo um total de 23 presidências (informação recolhida das atas da Associação Académica).

A revista dos estudantes NU, a mais antiga com atividade contínua em Portugal, surge no seguimento dos objetivos do NUDA, enquanto espaço coletivo de reflexão, reunindo uma série de publicações, até à data 47 (*Revista NU*, sem data). Desde a sua primeira edição, em 2002, até finais de 2019, em 17 anos de existência e entre 14 direções apenas duas foram assumidas por mulheres de forma individual – Inês Morão, no número 38, em 2012, e Cláudia Ribeiro no número 46, em 2019. No entanto, houve elementos femininos em edições de direção conjunta - em 2008, Inês Lourenço e Maria Barreiros com João Crisóstomo, no número 32, e Inês Mourão Dias com Diogo Vasconcelos e Filipe Madeira, nos números 33 e 34, em 2009 e 2010 (Lobo, 2019, p. 34). Em 2022/2023 a direção é composta por Mara Nogueira e Arthur Noronha.

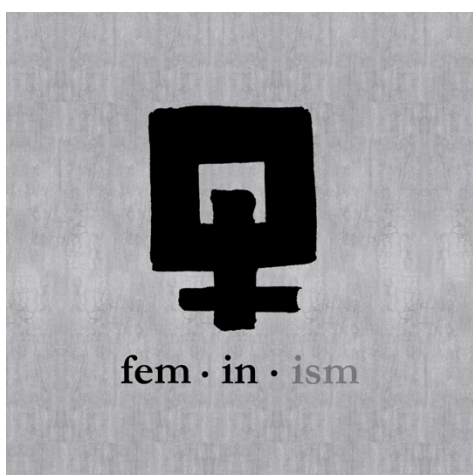


Figura 28

Logótipo do Coletivo Feminista do d'Arq - fem.in

Acedido em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=146736614722847&set=a.146736571389518>



Figura 29

Reunião organizada pelo fem.in

Acedido em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1365705730452772&set=pb.100081595283513.-2207520000>



Figura 30

Núcleo Feminista da Faup.  
Fotografia de Tiago Lopes, 2020

Acedido em: <https://www.publico.pt/2020/03/01/p3/noticia/criaram-nucleo-feminista-faup-igualdade-arquitectura-1905572/amp>

### 3.2 O tema das mulheres na arquitetura no d'Arq

O tema das mulheres na arquitetura é ainda um tema pouco desenvolvido no d'Arq, se calhar, até atrás de outras escolas de Arquitetura, como as do Porto, de Lisboa e da Covilhã. Desde que foi lançada a revista Joelho, em 2010, foi-se abordando a questão de forma muito esporádica, ao contrário do que seria, talvez, expectável. No entanto, houve alguns momentos em que foram reunidos esforços, numa tentativa de contrariar, pontualmente, o fluxo das temáticas das aulas de História, Teoria e da prática projetual, direcionado para o *mainstream* da arquitetura, dos e para os arquitetos, e, por consequência, os seus estereótipos.

Em 2017, nasceu o Coletivo Feminista *fem.in* do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, criado por Paula Chaves e Julia Vidotti, às quais se foram associando outras estudantes. O grupo de estudantes, maioritariamente de nacionalidade brasileira, juntou-se com o intuito de promover o diálogo sobre as mulheres e a desigualdade de género, através de eventos, discussões, aulas abertas e ciclos de conversas, além de colaborar com outros coletivos do mesmo género, nomeadamente com o Núcleo Feminista da Faculdade de Arquitetura do Porto<sup>16</sup>. A ideia do *fem.in* nasceu em prol de combater um conjunto de atitudes machistas que se faziam sentir no contexto do d'Arq, desde uma grande resistência à palavra feminismo e ao seu significado, às cantigas misóginas vindas do contexto da praxe e comentários sexistas por parte dos professores (*fem.in*, sem data).

Também em relação ao tema em contexto curricular, numa entrevista a Jorge Figueira, professor do D'Arq, realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado dedicada às mulheres arquitetas, Jorge Figueira afirma ter introduzido o tema da mulher nas suas aulas teóricas desde a altura em que se lançou aquela revista, reservando uma das aulas exclusivamente para esse tema (S. M. Pinheiro, 2018, p. 278).

---

<sup>16</sup> O Núcleo Feminista da FAUP foi criado, em 2019, na Faculdade de Arquitetura do Porto, pelas estudantes Ana Arantes, Chloé Darmon, Natália Fávero, Isidora dos Anjos e Maria Clara Savoia, com o objetivo de promover atividades e conversas, abrindo espaço a serem discutidos temas sensíveis relativos às desigualdades e opressões que se vão sentindo na sociedade e, mais concretamente, na área da Arquitetura, dando oportunidade à comunidade estudantil de se sentir apoiada e ouvida no que diz respeito a temas mais sensíveis e polémicos, com carácter discriminatório, porém normalizados no meio académico. Num debate à mesa, as criadoras do grupo alegaram que conseguiram sensibilizar um elevado número de pessoas num curto espaço de tempo, quando foi criado o núcleo (*Núcleo Feminista da FAUP*, 2019)



Figura 31

Abril no Feminino, com Patrícia Santos Pedrosa, Leticia Callou, Susana Lobo.

Acedido em:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=10215365331739239&set=pcb.10215365346619611>



Figura 32

Exposição – *What Darq?*  
(Fotografia da autora, setembro 2022)



Figura 33

Exposição – *What Darq?*  
(Fotografia da autora, setembro 2022)

Nesse sentido, no programa da cadeira que leciona a par com Bruno Gil – Teoria da Arquitetura I, é dedicada uma aula ao tema das mulheres na arquitetura, baseada nos assuntos e conjunto de mulheres documentadas na revista Joelho (Figueira, 2023). No ano letivo de 2021/2022, na aula prática da disciplina de História da Arquitetura IV, os mesmos professores solicitaram aos alunos que elaborassem um trabalho prático de grupo a partir da exposição *What? When? Why not? Portuguese Architecture*, que decorreu, de 29 de outubro a de 2021 a 24 de abril de 2022, na Casa da Arquitetura. Organizada em 11 eixos temáticos, um dos quais *What Women?*, os alunos teriam que desenvolver e articular o tema das mulheres na arquitetura, focando especificamente a Arquitetura Portuguesa e o papel das arquitetas portuguesas. Os trabalhos resultaram numa exposição, apresentada ainda durante esse ano letivo e que se prolongou até ao início do ano letivo atual, onde foram considerados como alvo de estudo vários nomes femininos da Arquitetura, da mulher na Pop-Art, livros e artistas. Entre elas, Zaha Hadid – Pritzker 2004; Mariana Cabugueira – Arquiteta e Urbanista portuguesa; Lina Bo Bardi - Arquiteta brasileira; Maria Carlota Quintalhina – Arquiteta portuguesa; Helena Almeida – Artista Plástica portuguesa; Emília Nadal – Artista Plástica portuguesa; Júlia Ventura – Pintora portuguesa. Para além da exposição no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, com o nome *What Darq?*, segue-se um livro que está em preparação acerca destes trabalhos (Gil, 2023).

Em abril de 2019, no âmbito de uma atividade promovida pela primeira edição do *Abril no Feminino*<sup>17</sup>, decorreu na Casa da Escrita, em Coimbra, uma conversa sobre a mulher na arquitetura, questões de género e feminismo e a sua relação com a cidade, que contou com a participação da ex-aluna do d'Arq e membro do *fem.in* Leticia Callou, a professora Susana Lobo, e a professora Patrícia Santos Pedrosa. Já em outubro desse mesmo ano, a professora Susana Lobo, depois de coletar um conjunto de informações sobre as mulheres do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, escreveu um artigo para a *revista nu #46+1* onde evidencia a falta de menção e valorização que tem vindo a revelar-se sobre as mulheres que também contribuíram para a construção desta Escola. Artigo que levantou a questão para a elaboração da

---

<sup>17</sup>Abril no Feminino nasceu no âmbito de dar palco a mulheres como produtoras de conhecimento, arte e pensamento. A primeira edição do projeto decorreu em Coimbra, de 2 a 30 de Abril de 2019, e contou com uma serie de atividades, onde seriam contempladas as áreas da Literatura, Ciência, Arquitetura, Fotografia, Música, Ilustração e Cinema (*Abril no Feminino*, 2019).



presente investigação.

Para além de fazer um apanhado de valores estatísticos e do número de elementos femininos a entrarem no curso e a concluírem, em comparação com os dados relativos ao corpo masculino, descreve o percurso de cada professora que passou no Departamento ao longo dos seus 30 anos, enumera as presidentes do Núcleo de Estudantes de Arquitetura (NUDA-AAC) e da revista NU e faz um resumo dos encontros de Arquitetura promovidos pelo d'Arq – FCTUC realçando, neste caso, a disparidade de género que existe nas escolhas dos ateliers, dos membros para o debate e nos moderadores das mesas (Lobo, 2019, p. 35). Por fim, e não menos importante, menciona também as mulheres que fazem parte da administração do Departamento, funcionárias da Secretaria, duas delas ainda em funções, Sílvia Damas, Lurdes Figueiredo e Vanessa França.

A nível de investigação no âmbito das dissertações de mestrado no d'Arq, o tema das mulheres na arquitetura teve palco apenas cinco vezes. Quem trouxe, pela primeira vez, como já se referiu antes, o debate para dentro da Escola foi a Lia Antunes, em 2012, com a dissertação *Arquitetura: substantivo feminino – Contribuição para uma história das mulheres na arquitetura*, que, de forma bastante abrangente, explora a questão nas suas variadas vertentes, desde a diferença entre sexo e género e as suas relações com a arquitetura e com a cidade desenhada, essencialmente, por e para homens, bem como as diferentes maneiras da mulher viver o espaço e a cidade, e a relação do feminismo com os momentos marcantes da história da arquitetura. Por fim, reflete e questiona a história da arquitetura focada no enaltecimento da figura masculina, reformulando-a no feminino e percorre as mulheres na arquitetura, nos diferentes campos profissionais desta área.

Seis anos depois, Sónia Pinheiro reflete sobre a questão através de uma perspetiva diferente, tendo como objetivo desvincular a problemática da mulher na sociedade e na arquitetura, acreditando que o tema não precisa de estar intrinsecamente associado para ser questionado. A autora, em *Arquitetas: Superar a Invisibilidade- Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa*, inicialmente questiona alguns dos temas que Lia Antunes aborda na sua dissertação. Com uma interpretação mais relacionada com o seu ponto de vista, reescreve a história das arquitetas em Portugal, e usa como caso de estudo duas arquitetas portuguesas que dividem atelier com parceiros arquitetos, para tentar desmistificar estereótipos associados às arquitetas, numa profissão que reflete um passado focado essencialmente no masculino.





Numa tentativa de reconstruir a história da arquitetura em Portugal com referências femininas, Filipa Reis Carvalho, em 2020, relata a vida e obra de *Maria José Marques da Silva. Uma Arquiteta Pioneira em Portugal*.

Sem falar especificamente da mulher na arquitetura, mas baseadas numa abordagem com perspectiva de género, outras ex-alunas do d'Arq têm vindo a investigar o impacto da mulher no desenho dos espaços arquitetónicos públicos e privados, explorando a maneira como os diferentes espaços são vivenciados pelas mulheres e pelos homens.

Em *Evolução da Cozinha na habitação social entre 1900 e 1930 - Uma perspectiva de género*, dissertação apresentada, em 2020, por Catarina Whittle do Vale Ribeiro, a ex-aluna do departamento faz um apanhado das transformações que foram introduzidas na habitação e, em particular, na organização do espaço doméstico, mais concretamente na cozinha, depois da primeira guerra mundial, onde foram aplicados novos conceitos de arquitetura. Além disso, acompanha o impacto que a guerra teve na integração da mulher no mundo do trabalho, onde a discriminação de género começa a florescer e a criar os conflitos que ainda hoje tem repercussão na sociedade. Em suma, Catarina Ribeiro, “pretende interpretar os efeitos que os movimentos pela emancipação da mulher tiveram na redefinição do espaço da casa” (Ribeiro, 2020, p. 3).

Gabriela Vasconcelos, em 2022, na dissertação de mestrado *(IN)SECURITY WALKS: o género como condicionante da fruição do espaço urbano nos Polos Universitários de Coimbra*, constata como as cidades do ocidente têm vindo a ser pensadas essencialmente por e para homens, sem considerar as diferentes experiências e perceções dos diferentes géneros no uso do tempo e do espaço, nomeadamente a insegurança que a mulher sente na vivência desses espaços. A autora procura identificar e analisar as condições espaciais na cidade, mais concretamente nos Polos Universitários de Coimbra, que podem proporcionar esse sentimento de insegurança (Vasconcellos, 2022, p. Resumo).

Ainda, Patrícia Santos Pedrosa, arquiteta, professora, investigadora e presidente da associação Mulheres na Arquitetura, no seguimento da sua participação na arguição da defesa da dissertação de Mestrado de Gabriela Vasconcelos, e convidada pelo *fem.in* para dar uma aula aberta no Departamento de Arquitetura, trouxe-nos o tema da “Mulher na Arquitetura – Da justiça histórica ao quotidiano”, a 21 de março de 2022, onde presenciou uma sala cheia, maioritariamente, por mulheres (P. S. Pedrosa & fem.in, 2022).



Por fim, a presente dissertação que resulta de um misto de curiosidade sobre as mulheres na arquitetura, a sua presença na história, o seu papel na prática profissional e académica e a diminuta presença das únicas arquitetas com quem tive contacto no decorrer do curso, as docentes. Por serem, talvez, um reflexo do que será o meu lugar enquanto mulher e futura arquiteta, despertou em mim o interesse e motivação em investigar, escrever e divulgar a história das mulheres docentes que fizeram parte da vida de uma Escola, que se esconde atrás de nomes masculinos. Desta forma, reunindo a orientação de uma das docentes do Departamento de Arquitetura de Coimbra que já tinha manifestado o seu interesse em abordar o tema e que é um reflexo vivo do caso de estudo em questão, com a coorientação de uma investigadora especialista, que tanto tempo tem dedicado a estas temáticas, desenvolveu-se a presente dissertação – Mulheres, Percursos e Universidade: as arquitetas docentes do d'Arq.



### 3.3 Testemunhos

Com toda a pertinência, as investigações em Portugal têm-se focado no sentido de perceber e divulgar o papel da arquiteta, essencialmente no atelier, enquanto projetista. Esta dissertação propõe uma investigação sobre o papel da arquiteta na docência. O caso de estudo deste trabalho teve o seu foco nas 17 arquitetas professoras que deram aulas no d'Arq nos últimos 34 anos. No sentido de ter uma noção mais criteriosa sobre o percurso de cada professora e o estado atual da mulher na arquitetura, essencialmente no contexto académico, em relação a estereótipos a ela associados e problemáticas existentes, foram feitas entrevistas a 16 dessas mulheres, não tendo, apenas, sido possível entrevistar a arquiteta Luísa Brandão. Como já referido anteriormente, por questões éticas de preservação da confidencialidade e do anonimato e no sentido de proteger a identidade das pessoas, todos os excertos abaixo citados serão de autoria anónima. As entrevistas seguiram um formato semiestruturado, estando estipulado um guião que foi adaptado de caso para caso, dependendo dos contextos temporais e profissionais em que cada professora esteve inserida durante percurso académico e da carreira de docente, tão bem como o contexto em que estão inseridas atualmente. Seguiram-se uma série de questões com objetivo de entender as diferenças e obstáculos sentidos nestes percursos devido à condição de género, tal como, avaliar a importância sentida por parte destas mulheres em abordar o assunto das mulheres na arquitetura de forma particular. Dada a particularidade do tema sensível e de uma possível exposição, acompanhado de algum desconforto por parte de algumas mulheres entrevistadas e com o principal objetivo de poder ter-se acesso a um discurso mais livre, ficou estipulado, a posteriori, salvaguardar as entrevistas, não as publicando em anexo e, por isso, não identificar a autoria dos excertos aqui transcritos. Nesse sentido, em análise serão descritos e transcritos maioritariamente excertos relativos às questões de género, faltando a parte em que descrevem o seu percurso e conquistas. Serão ainda abordadas problemáticas atuais derivadas de outros contextos, as quais a grande parte das entrevistadas trouxe no seu discurso. Desta forma, começa-se por analisar as exigências e condições que existem nas carreiras académicas; de seguida procura-se entender qual a perceção e questionamento que existia em relação à presença da mulher na arquitetura – enquanto alunas – e, nesta fase – enquanto arquitetas -, como avaliam essa evolução dos números, presença e visibilidade da mulher arquiteta, onde entra a questão da imposição de cotas e os seus prós e contras e é questionada a relevância da discussão ou não do tema das mulheres na arquitetura nos dias atuais. Depois,



procura-se entender de que forma estão satisfeitas e concretizadas com as oportunidades que a arquitetura lhes deu e onde se focam as suas ambições, bem como a interferência que a condição de género, numa área associada por muito tempo ao sexo masculino, teve ou não nos seus percursos. Neste momento, e por fim, é questionada a presença discriminação de género no percurso académico e profissional de cada uma.

No universo desta escola, as arquitetas em questão surgem com práticas profissionais diversas. Umas têm atelier próprio, individual ou com sócios, outras trabalham num atelier por conta de outrem, outras são investigadoras e outras, ainda, dedicam-se em exclusividade à docência. Em relação a este tópico, foi evidente perceber que muitas acham essencial para se dar aulas, principalmente com componente prática – Projeto e Construção –, que, em simultâneo se esteja a exercer a prática da profissão. Ora, atualmente, para se poder progredir na carreira académica é necessário estar-se disposta a uma exclusividade de contrato, o que torna de certa forma, difícil e até, impossível, a conciliação destas duas áreas. O que foi notado, também, é que muitas das vezes as dificuldades que estas arquitetas enfrentaram, ultrapassam o contexto estrito do Departamento, derivadas de burocracias e leis da universidade e do Estado. Uma ex-professora, em resposta à pergunta se gostava de ter continuado a dar aulas:

*“Eu gostava. Mas acho que as condições que são hoje dadas aos professores convidados são muito reduzidas, aliás a figura dos professores convidados praticamente desapareceu, o que é pena e sobretudo em arquitetura, em cursos que têm uma componente prática muito grande, acho que é muita pena que não se dê a possibilidade de haver convidados. Tenho sempre esta discussão com os meus colegas académicos e a maioria concorda, mas a legislação assim o determina e é uma pena, porque na área da prática profissional é muito interessante para os alunos terem alguém que tenha experiência profissional e muitas vezes como é necessário doutoramento e uma certa carreira profissional na área do ensino, na verdade o que acontece é que a maioria dos professores não têm exercício de prática profissional pelo menos nos anos mais recentes, e como está tudo sempre em mudança, está tudo sempre em perspectiva, é uma pena que não considerem convidar profissionais, nem que seja por um semestre, dois, como fazem nas outras universidades.”*





Nas questões de género, quando questionadas sobre o tempo em que eram alunas, abrangendo talvez um passado de até 40/60 anos, alegam que realmente não havia professoras na Escola onde estudavam e que isso tornaria, aos seus próprios olhos, de certa forma, indefinido o que seria ser uma mulher arquiteta no mundo da arquitetura. Em resposta à pergunta “(...) tinha dito que não havia mulheres na sua altura. E na altura, refletia sobre isso?”

*“Eu acho que sim, que pensava. É evidente que toda a gente pensava, pensávamos, sobretudo..., como é que eu hei de explicar isso..., há uma frase, não me lembro da autora, mas diz: ‘nós não sonhamos ser aquilo que não conhecemos’, e nesse aspeto é uma falha da escola quando não oferece, não mostra a diversidade que o mundo tem dentro da própria escola, não é? É uma escola que não mostra essa diversidade, e eu, de uma forma, se calhar, bastante inconsciente, tinha noção disto.”*

*“Havia um professor que dizia à boca cheia ‘quando as mulheres entrarem neste departamento, está tudo estragado’, e isso era extremamente desmotivador para nós mulheres... E foi assim durante muitos anos. Daí que considero que a primeira mulher do d’Arq seja a Teresa Pais. Foi a primeira assistente a entrar, mas, lá está, entrou para a disciplina de Desenho, não para a de Projeto.”*

Apesar de algumas acharem que era uma condição natural do peso que a História da Arquitetura direcionada para os autores masculinos tinha, o crescente número de alunas a ingressarem nos cursos de arquitetura e a terminá-los, iria trazer, no futuro, esse lugar às mulheres na arquitetura de forma crescente. No entanto, outra parte do grupo concluiu que isso não está a acontecer e que os números o podem confirmar. A introdução da mulher na arquitetura em Portugal deu-se pelo menos há 80 anos, e a nível internacional há mais de um século e, por isso, o peso do número de mulheres pouco tem vindo a influenciar no aumento da presença e visibilidade feminina nas áreas da arquitetura. Neste momento, praticamente a totalidade das entrevistadas levantaram a questão da imposição das cotas como condição necessária para a introdução da presença feminina nesta área. Das que abordaram a questão de forma direta, cinco são as que não duvidam da necessidade de ser aplicada esta medida, principalmente em cargos mais



hierárquicos e de chefia, reforçando que é uma medida temporária até se atingir um equilíbrio e esses números ficarem equilibrados.

*“Há muitos comentários que já não se podem dizer. Mas a questão é, em qualquer progresso no pensamento coletivo, há uma fase inicial que é mais impositiva e depois se torna natural. Quer dizer, não se fazem comentários machistas/racistas porque fica mal, é diferente de: ‘não faço comentários racistas, porque não sou racista’. Mas é importante, provavelmente, da parte de todos, pegar na questão e fazê-la normativa entre nós, para modificar o pensamento. De certeza que há imensa discussão sobre este tema. É como a questão da discriminação positiva. Portanto, a discriminação positiva é uma questão normativa também, que é o que acontece quando estamos a tentar reverter uma corrente de pensamento, de forma de estar, na qual estamos contra, e criamos normas para compensar. Por exemplo, as cotas. Isso é discriminação positiva, ou seja, existe uma discriminação negativa perante um grupo, uma minoria (neste caso não é uma minoria, é metade) e então criamos normas que as defendem, isso é discriminação positiva. É uma medida que é pensada para ser temporária, transitória, porque também é baseada numa discriminação, apesar de ser positiva, é a favor de um grupo para compensar e introduzir nas cadeias de decisão, de trabalho, de pensamento. Pronto e é muito, muito polémica a questão da discriminação positiva.” (...)* “Sem abrir esse espaço para as mulheres, ele nunca existe. Normalmente, decorrente do dia a dia das cadeias de decisão que têm imensos anos, não vai acontecer, tem que se advertir uma serie de.... Só que isto tem consequências duvidosas, porquê? A última coisa que alguém quer é sentir-se questionado pela posição que ocupa. Quer dizer, estar a exercer um trabalho, uma decisão em que exista alguma dúvida sobre os meios que te permitiram lá chegar, desmerece a tua posição. Então as pessoas tomam uma posição muito defensiva perante este possível questionamento. Porque tu podias dizer-me a mim: ‘se calhar só estás aqui, porque és mulher’, e então estás a questionar o meu valor para estar aqui, que decorre da eventual aplicação de uma discriminação positiva, que é uma coisa que ninguém quer sentir em primeira pessoa. Mas a verdade é que é eu não sei porque razão é que eu estou aqui, mas se é preciso forçar os mecanismos para que as mulheres tenham acesso à carreira docente, se calhar é preciso mesmo fazê-lo. Porque até há algum tempo não



*tinham de facto, nos quadros de professores de Projeto, com uma carreira arquitetónica consolidada, eu acho que não há nenhuma mulher aqui. Ou seja, professores de carreira baseado na sua atividade como arquiteto e pedagógico, eu acho que não há ninguém.”*

A arquiteta vice-presidente da Ordem dos Arquitetos, Paula Santos, quando questionada sobre a posição da ordem em relação às cotas, alega haver uma atenção por parte da mesma ao tema da paridade.

*“Sim, a Ordem tem nos seus princípios, digamos a paridade, como principal forma de organizar os seus corpos gerentes e os seus próprios associativos e, portanto, em todos os momentos nós tentamos ter paridade em todos os órgãos, e isso está a acontecer sim.”*

Três professoras discordam desta imposição, por acharem que se está tendencialmente a favorecer a mulher e a desvalorizar o trabalho do homem, considerando que se promove uma desigualdade inversa, além de pôr em causa, segundo as próprias, o mérito das próprias mulheres, abrindo espaço a ser questionado o cargo ocupado, por se assumir que foi apenas resultado de o mesmo ser reservado para um elemento feminino.

*“Portanto, discutir o tema tipo: vamos impor cotas para ter mulheres a dar aulas no Departamento de Arquitetura? Pode ser uma discussão que eu, pessoalmente, não subscrevo, como já te disse. E tenho alguma felicidade também, porque acho que é, no facto de assim da minha vida nunca ter sido confrontada com isso. Agora, não é um tema que se possa fazer de conta que não existe. Quando tens um corpo docente em que tens 30 homens e 2 mulheres: é desequilibrado por natureza. Portanto eu até acho que é estranho ainda haver a discussão, porque acho que já não devia ser tão desequilibrado. Agora se discussão serve para obrigar a mudar as coisas de uma forma institucional tipo: os próximos concursos só entram mulheres. Mas e se essas mulheres foram piores que os homens? Vão entrar só mulheres só para equilibrar? Portanto, mais uma vez isto são discussões que são sensíveis, acho importante falar do assunto, claro. Acho importante acusar os desequilíbrios. Mas a mim faz-me muita impressão também esta coisa*



*de impor o contrário... , porque eu prefiro ter um bom professor homem, do que uma má professora mulher. E, portanto, se for uma boa professora mulher, excelente. Mas se eu tivesse que escolher entre a qualidade ou género, eu, como instituição, escolheria a qualidade, acho eu. Mas isto, se calhar, é uma mentalidade que não acompanha algumas discussões mais avançadas, eu sei disso, que isto não cai bem nos discursos feministas. Mas é verdadeiramente a minha opinião.”*

Deste grupo, quem não concorda com a imposição de cotas, consideram que se pode estar a dar lugar a uma mulher com menos qualificações, só por ser mulher, e não dar lugar ao homem, por ser homem. A dúvida que se pode levantar desta leitura das entrevistas é o porquê de questionarmos e até assumirmos que isto pode possibilitar a que num concurso entre uma mulher em piores qualificações e não entre um homem com melhores qualificações, partindo do pressuposto que para o mesmo concurso, não haverá mais nenhuma mulher tão bem qualificada como o homem, sabendo que para estes concursos, normalmente há vários concorrentes. Além disso, quando a questão passa por só entrarem homens, em nenhum momento é questionado se algum desses homens que entrou, entrou a ocupar um lugar de uma mulher, ainda que essa mulher tenha mais mérito que ele.

Duas das professoras que demonstram algum desconforto com esta situação, pelas mesmas questões que as anteriormente lançadas, referem, no entanto, que dada a experiência de vida e o contexto ao seu redor, reconhecem que para já é a única e melhor opção. Ainda, três delas reforçam que o facto da mulher historicamente e atualmente não ocupar lugares de relevo na arquitetura, se relaciona com opções pessoais, nomeadamente a opção de priorizar a vida familiar e o tempo dedicado aos filhos, libertando esses lugares para o homem.

*“Acho que se deve perceber as raízes do problema e tentar perceber como é que se pode limar isso. Eu gostava é que que nos conseguimos enraizar de outra forma, de forma mais subtil. Até para não sentir a incompreensão dos homens, além do desconforto da nossa autoimposição, que pessoalmente não aprecio. Mas tens razão que em termos da projeção das mulheres, é evidente, de facto é evidente. De qualquer forma, não sei até que ponto. Porque muitas mulheres também acabam por contribuir em parte para essa situação de forma natural: e*





*isto já tem a ver também com a maneira como a própria sociedade vai sendo gerida. Se uma mulher quiser ter filhos (um papel socialmente estrutural), ao sentir a responsabilidade desse papel tão importante, muitas vezes acaba por deixar a profissão para segundo plano e naturalmente não vai tão longe (o que não é sinónimo de menor qualidade). O homem tende a deixar esse papel mais para a mulher, o que lhe dá mais tempo de dedicação, logo uma maior possibilidade de ir mais longe. E quando existir esse equilíbrio do ponto de vista familiar, do ponto de vista profissional haverá mais margem para um maior equilíbrio. A mulher terá possibilidade de ir mais longe. Mas essa escolha da mulher é muito nobre, porque a mulher está a anular-se por algo maior (os homens mais dificilmente o fazem). A arquitetura é que perde.”*

Porém, esse ponto de vista pode ser entendido como uma forma de perpetuar a condição da mulher em desvantagem nestas áreas, sobrecarregando-a, além de desresponsabilizar o homem.

*“Acho que as mulheres foram sempre estando e às vezes com um papel mais importante do que aquilo que se vê, porque são sempre um bocado invisíveis, não é? Um bocado como em casa, estão lá, fazem a coisa funcionar, mas pronto ninguém se lembra disso, só se lembram quando elas deixam de estar.”*

Além disso, a condição de mãe não é inerente a todas as mulheres, nem a todas as mulheres arquitetas que a história presenciou e não valorizou.

*“Pois, eu percebo isso. Nesse contexto já não sei muito bem como será ou qual será o motivo..., mas tens razão. Há uma coisa que era interessante tentares perceber, acho eu, que é se as arquitetas (ou eventualmente outras profissionais) que ‘vão mais longe na carreira’, conseguem compatibilizar com filhos e família... Parece-me que não terão. Por exemplo, arquitetas de renome, ou que tenham ganhado um Pritzker... lembrás-te logo da Zaha Hadid. A Zaha Hadid não teve filhos e não teve propriamente uma vida de família, pelo que sei. Foi completamente independente, autónoma, no registo dela, mas vivia para o trabalho e conseguiu chegar muito longe. Talvez valha a pena tentar pensar nisso...”*



Como exemplo prático do d'Arq, por curiosidade, doze professoras são mães e as restantes cinco não tiveram filhos até ao momento. Ainda, das que lecionam atualmente, seis têm filhos, e quatro não. Destas últimas quatro, três têm contratos a serem renovados anualmente, pelo que existe uma condição de desproteção no trabalho que pode ser importante para ponderarem ser mães. Também, relativamente a esta questão, quando, em algum momento isso pode ser considerado como um fator positivo, chega a ser interpretado, de igual forma, como negativo nos percursos de vida destas mulheres. Se, por um lado, é cobrado o facto de a mulher não ser mãe e, por isso mesmo, não ter um percurso mais sobrecarregado associado a essa condição, por outro lado, o facto de ser mãe pode implicar a leitura de uma suposta não entrega total à profissão e, por isso, não pode ocupar cargos importantes como poderia talvez, um homem. É importante sublinhar que a questão da paternidade não é tida como fator de menor capacidade ou entrega à profissão.

*“Era um tempo do d'Arq em que não havia mulheres a dar aulas, eu ouvi coisas como: ‘não podes estar chateada porque tu não tens filhos e a professora tal tem filhos’, quer dizer havia discussões um pouco...”*

No fundo, a imposição da paridade pode trazer, não só a possibilidade de um equilíbrio de presença e valorização justo, como pode permitir uma potencial perspetiva mais plural presente nas áreas da arquitetura: no pensar, no desenhar, no projetar, que maioritariamente contempla como visão masculina. Algumas professoras consideram não existir essa distinção no modo de pensar e fazer arquitetura dependendo do sexo. Mas, houve quem considere que a figura feminina pode trazer uma perspetiva diferente à arquitetura:

*“A estrutura mental de um homem e de uma mulher é diferente, as preocupações são outras, são diferentes. Não é melhor nem pior, são diferentes. E acho que há aspetos da vida que se refletem na arquitetura que são naturalmente de entendimento diferente por parte de um homem e por parte de uma mulher, e tenho a certeza, isso se calhar tinha que ser um estudo mais desenvolvido, que se pode refletir na maneira como se desenham os espaços na arquitetura. Não sei que aspetos serão esses, mas por exemplo, claro que hoje em dia há montanhas de homens que cozinham, mas será que os arquitetos que desenham as cozinhas,*



*cozinham? Sabem o que é estar dentro de uma cozinha a cozinhar? Será que quem cozinha não pensa nalguns aspetos de maneira diferente de outras pessoas que não cozinham?”*

A grande parte das arquitetas entrevistadas consideram importante abordar o tema das mulheres na arquitetura, nas suas variadas perspetivas, para se poder conhecer e recontar a História e para se combater estereótipos de género associados a este tema, ou a todos os níveis. Ainda que várias demonstrem um certo descontentamento com o facto de ainda ter que ser um tema a abordar, porém necessário.

*“Eu acho que não devia ser importante, ou seja, não devia ser um tema, porque na verdade deveria haver paridade e não haveria necessidade de se falar do assunto. Eu acho que a questão da mulher na arquitetura e noutras áreas ainda merece ser debatida porque, por algum motivo que eu desconheço e que me escapa, não me parece que haja um reconhecimento igual, ou se calhar também por aquilo que eu dizia no início, se nós normalmente temos tendência para chamar as pessoas com quem trabalhamos para fazer um gabinete, para fazer um projeto, se trabalhamos com homens, temos mais tendência em chamar homens. Por exemplo, quando se acaba o curso, se se decidir formar um gabinete, há tendência será para fazê-lo com os colegas com quem trabalhámos durante o curso e talvez haja mais grupos de mulheres com mulheres e mais grupos de homens com homens, mas não sei. Acho que hoje há mais mulheres a concluírem o curso, do que homens, mas não sei se, depois em termos de mercado de trabalho, ou da criação de ateliers, há mais ateliers de homens ou de mulheres, tenho algumas dúvidas. Mas nunca fiz o estudo sobre o mercado, mas tenho a ideia que haverá mais ateliers de homens, mas pode ser uma perceção que não corresponde à realidade, não é? Mas acho que tem havido mais visibilidade de arquitetos homens e não sei se os arquitetos ainda são a maioria ou se teremos números muito próximos entre arquitetos e arquitetas, e se assim for, vale a pena tentar perceber porque existe esta diferença de visibilidade, porque é que há uma divulgação e projeção maior do trabalho dos arquitetos e dos ateliers de homens...”*



Por outro lado, houve quem não considerasse que deva ser dada uma relevância específica ao tema.

*“Eu não sou muito a favor deste discurso da Mulher vs. Homem, sinceramente. Por acaso, tenho várias colegas que estão a abordar o tema do feminismo na arquitetura. Eu não simpatizo com a palavra feminismo, porque sinto sempre que essa palavra define o oposto ao machismo (apesar de estar consciente que não é isso que quer dizer). Eu não acredito que a mulher tem que ser mais que o homem, nem o contrário. Mas não acho que sejamos iguais. Acho que estar à procura de uma igualdade entre o homem e a mulher é para esquecer, porque acho que o caminho não é por aí. Somos diferentes e acho mesmo que nós, mulheres, nos temos de assumir como diferentes.*

*Eu não defendo de maneira nenhuma que as oportunidades se baseiem em ‘ser homem ou ser mulher’. Eu acho que cada um tem o seu caminho, e acredita nas suas coisas. Tenho a certeza absoluta que as mulheres, de uma forma geral, valorizam coisas diferentes das que valorizam os homens. E não acredito nesta coisa das cotas com base numa percentagem de homens ou de mulheres. Por exemplo, olha para Geometria! Em Geometria há um corpo docente maioritariamente feminino. A Desenho I também. Há áreas em que se fossemos obrigados a cotas, se calhar as mulheres não podiam estar, porque tinha que haver homens. Portanto eu não gosto muito de pôr as coisas desta forma.”*

Ainda, houve uma arquiteta que se pronunciou relativamente ao facto de ser chamada para várias situações, nomeadamente para falar de arquitetura, pela sua condição de mulher e não de arquiteta, confessando que essa particularidade a deixa pensativa e também consciente de que realmente, por muitos avanços que se possam notar em relação às mulheres ocuparem os mesmos lugares que os homens na sociedade e em profissões tendencialmente masculinas, ainda há um longo percurso a percorrer, porque no caso dos homens arquitetos serem convidados para determinadas entrevistas/momentos em nada se relaciona com o sexo que lhes está atribuído.

*“Sabes há uma coisa que por vezes me deixa intrigada. Normalmente, cada vez que estou em algum lado como arquiteta, e não sou só eu, muitas outras colegas pensam o mesmo: estamos como Mulheres. É óbvio que o nosso valor e a*





*qualidade do nosso trabalho não é posto em causa, mas estamos ali como Mulheres Arquitetas, e não como Arquitetas por si. Ainda falta muito até estares lá exatamente da mesma maneira que está um homem arquiteto e não pela quota, por isso sentes sempre esta dúvida. No entanto, e apesar de me irritar poder ser esse o motivo, acho que devemos estar porque quantas mais vezes estivermos presentes, mais natural o processo será, até se naturalizar. É por isso um tema ao qual somos muito sensíveis, evidentemente. Temos de sê-lo!”*

Também a questão de haver uma invisibilidade constantemente associada ao trabalho da mulher, e o porquê de isso acontecer, desperta a relevância do tema ser investigado para algumas professoras.

*“Eu faço parte de um projeto investigação, e a minha linha de investigação com um colega era sobre a investigação em Arquitetura em Portugal. Tentámos mapear os primeiros investigadores arquitetos, nos anos de 1960 e 70, e foi muito difícil encontrar mulheres, porque as mulheres eram menos representativas. Os temas das mulheres que encontramos eram sempre associados à casa, à cozinha, ao dimensionamento desses espaços domésticos e houve muitas mulheres que nós não conseguimos mapear porque, por exemplo, casam e mudam de nome, e depois deixamos de as conseguir encontrar. Quando queremos, por exemplo, pedir autorização para consultar os seus dados não podemos, porque não chegamos a elas, não obtemos consentimentos. Portanto, ou são muito menos, ou são muito difíceis de encontrar, ou porque têm filhos e pararam de trabalhar, ou porque quando pararam, tiveram dificuldades em retomar. São questões físicas e profundamente sociais, ainda. De facto, há aqui uma identidade que é perdida.”*

*“Acho que continua a ser importante, só deixa de ser importante quando ela estiver realmente vigente, e ainda não está. Acho que ainda temos muito a fazer. De uma maneira geral, e concretamente no departamento também. Nós percebemos que ainda não há igualdade, pelo menos a nível quantitativo, de professoras e professores, e também a nível de hierarquia na carreira. Os professores que nós conhecemos, associados e catedráticos, são homens, possivelmente porque não há, de facto, tantas mulheres. Então, o corpo docente tem, primeiro, de se equilibrar e depois tem também de ser equilibrado do ponto*



*de vista hierárquico. Até porque nós sabemos que, hoje em dia, temos muito mais alunas mulheres do que homens. Faz todo o sentido percebermos como é esta realidade.”*

Quando questionadas acerca de estarem satisfeitas com o rumo que a arquitetura teve na vida profissional de cada uma, de forma geral todas inicialmente demonstraram estarem satisfeitas e sentirem alguma paixão pela área que acabaram por seguir dentro da arquitetura, seja prática ou teórica, embora uma parte da percentagem que ainda é docente no Departamento ambicionasse estar, nesta fase da vida, já numa condição menos precária do que a atual.

*“Nesta fase não é muito bom perguntar... porque estou um bocadinho descontente com a minha situação no departamento. A situação dos professores convidados, neste departamento e nesta Universidade, é má. Não estamos na carreira, somos Convidados, o que quer dizer que o nosso contrato é especificamente para dar aulas, o que na realidade não é apenas o que fazemos. Um professor de cadeiras teóricas, tem de fazer a preparação das teóricas e tem de fazer trabalho de investigação não remunerado, e por isso os contratos são injustos. Este é o meu sétimo contrato, portanto, em termos profissionais, sinto-me pouco reconhecida, e isso obviamente gera insatisfação. Mas se, gosto de dar aulas, gosto. Se, gosto da interação com os alunos, gosto. Gosto muito mais quando é possível uma interação mais próxima, ou seja, quando as turmas são mais pequenas, quando há trabalhos mais dedicados, aí é muito mais fácil.”*

*“Sim, há muitos professores que tiram um ano de sabática, que é um ano em que não dão aulas, para se centrarem na investigação. Eu não posso, porque como sou convidada, todos os anos me contratam para eu dar determinado número de aulas. É uma situação circular, porque eu tenho de ter um percurso de investigação sólido, para uma eventual candidatura a um concurso, que implica: organizar colóquios, publicar artigos, escrever livros e capítulos de livros, participar em conferências, .... Mas é naturalmente muito difícil, porque o tempo disponível com 12 horas letivas semanais é muito escasso, ao que acresce o facto da minha contratação ser a 60%.”*



Até hoje, das duas que supostamente têm esse direito, só uma professora pôde pedir um ano de licença de sabática.

*“Eu gosto muito desta escola, e tenho trabalhado muito para ela, e acho que esta escola é a minha casa, gosto muito, sinto-me muito feliz em dar aulas aqui. Mas eu tenho a noção que o meu trabalho vale mais do que as minhas circunstâncias contratuais, a 60%. Há naturalmente limites e, portanto, não excluo outras possibilidades, porque reconheço o meu valor e sei também que o meu currículo neste momento já tem o seu mérito.”*

Das investigadoras e das docentes, há quem tivesse curiosidade e interesse em poder apostar na componente prática da arquitetura, no entanto não lhes é possibilitado devido aos contratos de exclusividade. Outra percentagem considera ainda que o espaço e as oportunidades que o Departamento lhes abre para mostrarem outro tipo de potencial é de algum modo limitado, sentindo que lhes poderia ser possibilitado desenvolver mais outras áreas enquanto docentes no d’Arq, às quais têm conhecimento e reconhecimento fora do Departamento e até a nível internacional, e que essa falta de reconhecimento do mérito venha talvez associada à falta de aposta em lugares para elementos femininos.

Também é evidente para estas professoras que existe uma carência de mulheres a ocuparem cargos de relevo, nomeadamente, na comissão científica, na direção, e na regência das cadeiras, como podemos concluir na informação descrita no subcapítulo anterior e nos anexos.

*“É essencial sobretudo porque, como temos visto, é uma história que não está contada ou está contada por meias palavras. Em relação ao Departamento de Arquitetura, faz-me muita confusão esta questão de só haver duas professoras carreira, não é? No meio desta gente toda. E o facto de até há relativamente pouco tempo, ou até às últimas eleições, não haver uma mulher na Comissão Científica e nunca ter havido mulheres arquitetas na direção, por isso para mim eu acho fundamental discutir esses assuntos.”*

*“Houve um ano em que eu propus ser regente da cadeira de Projeto, porque o professor que era regente pediu licença sabática em simultâneo com outros dois professores do Departamento e era necessário encontrar quem os pudesse*



*substituir nesse ano. Como todos os outros professores que lecionavam essa cadeira de Projeto eram professores convidados excepto eu, eu era a única professora de carreira, fiz essa proposta. Depois de acertar essa hipótese com o então Diretor do d'Arq e o próprio professor regente, fiquei a saber, por conversas de corredor, que afinal não iam aceitar a minha proposta, de ser eu a regente, porque houve vozes contra esse facto e que, portanto, eu não podia ser regente de Projeto. O que soube na altura foi que, enquanto outros professores, homens, não fossem regentes de Projeto, eu não podia ser regente de Projeto. Isto apesar de eu já ter 13 anos de experiência a lecionar Projeto.”*

*“Há uns anos, já não sei ser precisa há quantos, houve um congresso sobre Mulheres na Arquitetura aqui em Coimbra, e foi o Jorge Figueira que organizou. Nesse congresso alguém fez uma pergunta acerca de não haver nenhuma mulher no Conselho Científico. E houve um professor que disse que não sabia qual era a vantagem de haver mulheres no conselho científico, e isso resume tudo, não é? Pode não haver nenhuma vantagem, mas a desvantagem é de facto não haver um universo interno que seja diversificado e que seja mais rico por isso, a todos os níveis. Não é por ser mulher, é precisamente porque dá conta do mundo onde nós todos temos que atuar como arquitetos, seja de que maneira for. Eu lembro-me de ouvir alguém dizer: ‘ah, mas um conselho científico só com mulheres ia ser uma chatice, depois não podíamos dizer palavrões.’ Era uma piada, mas é uma piada de alguém que se sente verdadeiramente incomodado a ter que debater questões sérias com mulheres. O que está implícito nisto é muito. Podemos levar para a piada e ir acumulando, mas depois, se analisarmos está incluído aí essa questão. A prova de que, mesmo sem havendo nada escrito, que se estivermos à procura de alguém a dizer por escrito, ninguém vai assinar hoje em dia, no seu perfeito juízo: ‘ah eu discordo na entrada de mulheres’, só que depois na prática não deixa, ou então faz a coisa de uma forma que a própria mulher diz: ‘Não... está tudo bem’. Temos que embarcar na onda.”*

Por outro lado, ainda a nível académico, Cidália Silva que, durante o período que lecionou no d'Arq, durante três anos letivos não teve evolução na carreira, permanecendo como Monitora, é agora Professora Associada na Universidade do Minho, sendo, entre





as 17 Arquitetas, a que teve uma progressão na carreira docente mais significativa e a única a ocupar esse cargo, atualmente.

Quanto às arquitetas que atualmente trabalham em ateliers, de modo geral, revelam que a profissão é por vezes ingrata, sem olhar a géneros, no valor que representa na sociedade, o trabalho dos *arquitet@s* é pouco reconhecido, valorizado e muito questionado. Apesar de estarem felizes com o rumo que a arquitetura teve na sua vida, deparam-se com estas questões.

Em resposta à questão sobre discriminação de género durante o percurso académico e profissional, as respostas diferem bastante de professora para professora, e dos contextos em que, enquanto arquitetas, estiveram e estão inseridas. Algo que relaciona quase todas as respostas é o facto de muitas terem dúvida em relação ao tipo de situações pelas quais passaram, estarem associadas diretamente com questões de género ou não, que no desenrolar da conversa, na maior partes das vezes acabaram por concluir que talvez se fosse um homem nessas situações em específico, provavelmente não aconteceria dessa forma, através de momentos que iam recordando. Além disso, deste grupo, todas afirmam com certeza que com outras mulheres viram isso acontecer. Existe uma certa dificuldade em identificar o que é uma situação de discriminação de género, ou por haver sempre um termo de comparação, onde alguém tivesse passado por algo pior, ou por serem situações já bastante recorrentes associadas a uma estrutura enraizada, não sendo necessariamente explícitas ou diretas. Por exemplo:

*“Eu não senti nenhuma discriminação por ser mulher, mas também lá está, eu ocupava um cargo que não era equiparado aos outros, é um cargo menor, e era um cargo transitório, ou seja, era a termo. Mas não senti nenhuma discriminação ou nada desse género, a coisa foi até bastante pacífica, mas lá está, isso também derivou do facto de ser um cargo precário/transitório e que dali não subiria para a carreira, no fundo, não sou concorrência, por isso não havia problema.”*

*“Essa é uma pergunta com muitas perguntas dentro e é uma pergunta difícil. Sim, mas vou tentar seguir. Acho que é inevitável responder que sim, que diferenças de tratamento sim, senti e sinto. Agora se isto é mau ou bom é que é a questão, porque a diferença de tratamento, não necessariamente, quer no contexto escolar, quer agora no contexto profissional, porque é inevitável, a mentalidade e a cultura do país e do mundo é esta, embora em mudança, mas há muitos*



*preconceitos, e muitos modos de atuar que prevalecem e que distinguem claramente as mulheres dos homens. Se pensares que parte da nossa atividade ocorre em obras, em que, aí sim, é quase que, maioritariamente, um ambiente masculino, e que o estereótipo da mulher é muito presente e tem uma forte conotação, portanto, aí sente-se claramente um tratamento diferente, eu diria que tu para seres levada a sério, respeitada e atendida tens que fazer um esforço e um trabalho muito maior do que o que terão que fazer os homens na mesma situação. Pronto, claramente que aí é um meio em que essas distinções são muito evidentes, não quero com isto dizer que não se consiga fazer esse trabalho e fazes na mesma, mas talvez com mais algum esforço, e menos naturalidade, acho eu, no meu caso. Em ambiente escolar eu acho que toda a gente tinha, no período em que eu estudei e, se calhar agora também, a percepção dessa ideia. Mais no período em que eu estudei do que agora, porque agora há muito mais mulheres a estudar. Portanto, quando eu comecei a estudar, nos anos 90, eu creio que o corpo docente era integralmente composto por homens. Havia uma ou duas professoras, a professora de Geografia talvez e eu não tenho memória de mais ninguém, mas se calhar já havia.”*

Sobre este tópico, mas no seguimento de uma pergunta direcionada a uma das professoras que começou a dar aulas numa altura em que havia um número bastante reduzido de mulheres: “Quando começou a ser docente no d’Arq, sentiu que já estava normalizado o facto de as mulheres darem aulas neste espaço?”

*“Equilíbrio de género? Na docência da Arquitetura. Não estava de todo, nem sei se alguma vez vai estar. As estatísticas dizem-no, não é preciso ser eu a dizer. Na altura, em que fui monitora havia apenas uma professora mulher (de Geometria); admitia-se que a Geometria era possível haver uma professora mulher, a projeto, já era outro assunto. Na altura, houve um concurso para Assistente, eu concorri, não entrei. Eu tinha 2 anos e meio de experiência pedagógica como monitora (sim, eu sei que ser monitora não é pressuposto para continuar na carreira académica). Mas há um detalhe importante que é questionável: o facto de me terem avaliado com zero na experiência pedagógica, da mesma forma como avaliaram outros candidatos sem qualquer experiência! O argumento foi: “eu tinha experiência a Teoria da Arquitetura, não a Projeto”. Paradoxalmente, no*



*mesmo ano letivo, um Professor de Projeto passa a dar História da Arquitetura. Mais uma vez, questão de género ou não? Não sei, talvez.”*

E houve ainda quem reconhecesse que, de certo modo, o contexto social e económico em que estavam inseridas fazia com que fossem um exemplo “deturpado” dessa realidade. Quando existe uma envolvente consistente, mais favorável às oportunidades, os obstáculos acabam por ser menores, ou, dito por outras palavras, acaba por haver uma maneira mais favorável de contorná-los.

*“Portanto, era inevitável que se tinha esta perceção que era um meio predominantemente masculino. Se alguma vez senti que enquanto estudante, por ser mulher, tinha um tratamento ou uma discriminação qualquer, não tenho muita noção disso. Acho que não. Mas eu tenho que te dizer com isto que, eu creio que eu e, talvez, a maior parte das minhas colegas, nós vivemos, talvez, num ambiente muito particular, que não sei muito bem se tem a ver com a condição social, económica e background das pessoas envolvidas, em que, talvez, estas questões não sejam tão prementes. Portanto, eu não quero dizer que a minha experiência sendo uma, eu não admito e não reconheço em que outros meios essa discriminação é infinitamente mais sentida. E eu própria também admito que eu acho que é difícil, salvo as inúmeras exceções na vida e no mundo, em que a discriminação é muito expressiva e tremenda. O preconceito que nós temos, e a educação que tivemos, tudo como vemos o mundo, e como fomos criadas e educadas, torna às vezes difícil perceber quando se trata de uma situação de exclusão ou de discriminação. Porque há coisas que já estão tão enraizadas. Portanto, eu estou a dizer isto de que nunca fui vítima de discriminação por ser mulher, provavelmente fui, provavelmente sou, mas nem valorizo porque nem me apercebo, porque os preconceitos ainda estão muito enraizados e no meu caso, admito que nem sempre tenho essa consciência. Agora, se me perguntares coisas concretas, que às vezes é útil também como, oportunidades, se alguma vez senti que perdi oportunidade, ou se a minha retribuição pelo meu trabalho é diferente ou inferior pelo facto de eu ser mulher, aí acho que não, tenho que te dizer que não, porque a minha experiência não é essa. Coisas mais concretas é mais fácil*



*de perceber, outras que são mais do domínio da ética, ou da antologia, ou da posição no mundo, às vezes, podem-se baralhar as percepções.”*

Enquanto estudantes, a maior parte começou por afirmar não ter sofrido nenhuma discriminação de género de forma direta, mas houve quem sentisse que tivesse havido uma desvalorização derivada da condição de género.

*“Senti, e não foi a única vez. Quando terminei o curso, havia um prémio para o melhor aluno. Acabei com média de 16.4 (16), numa época em que as notas a projeto muito raramente eram superiores a 15. Por duas vezes o prémio não me foi dado. Foi triste. Da primeira vez, os serviços académicos alegaram o facto de ter terminado fora da época normal (algo à qual era alheia); os serviços académicos passaram então um documento a referir que dado o acontecido, deveria ser considerada no ano letivo seguinte. Informei o Senhor Presidente do Darq, sobre este assunto. No ano conseqüente, quando lhe perguntei sobre a entrega do prémio, o mesmo já tinha sido dado a um colega (homem) com média de 15. A resposta que obtive foi: “E o que queres? Tirar o prémio ao teu colega?” Se esta discriminação foi de género ou não, não saberemos, mas que não deveria ter acontecido, não. Não se pensou em pedir desculpa, ou lamentar o sucedido, mas antes atacar-me como se eu quisesse algo ao qual não tinha direito.*

Em simultâneo são algumas as que reconhecem ter ouvido alguns comentários por parte dos professores em relação às mulheres e alguma condescendência, tanto no d’Arq, como na FAUP.

*“Eu não tive nenhum problema desses, não me terei apercebido. Na altura, eu também era um bocadinho intransigente e essas questões afetavam-me imenso, e era absolutamente feminista, e dizia-o muito abertamente. Portanto, como toda a gente sabia o que eu pensava, se essa questão se colocasse, não ia correr bem. Talvez não tenha passado por isso, precisamente por já ter anunciado que era um tema ao qual era muito sensível.”*





*“Não estou a dizer que os professores não fossem simpáticos connosco, mas também muito condescendes, não é? Não tenho nenhuma queixa grave a relatar, mas por vezes não era fácil ser mulher. Porque também não havia referências femininas, alunas mais velhas, com quem nos pudéssemos identificar. Havia duas pessoas que se tinham formado, a colega do Eduardo Souto Moura, a Teresa Fonseca, depois a Paula Petiz, a Luísa Penha, a Conceição Melo, a Maria Manuel Oliveira. Quando eu estava no 1º ano, elas já estavam no 4º ou no 5º ano, mas era a tal coisa, não é? Para cada turma duas ou três.”*

Das professoras que passaram de alunas para docentes, a maior parte não teve nenhuma questão relevante a acrescentar em relação a esse momento de transição, porque, em muitos casos houve um interregno. Ainda assim, algumas professoras que tiveram um percurso mais contínuo sentiram, em alguns momentos, algum deprecio combinando a condição de género com a idade jovem, por estar intrinsecamente associada à inexperiência e por ser próxima da dos alunos.

*“Eu era jovem e era rapariga, mulher, e dava aulas com o Professor Pedro Maurício, que era considerado o grande professor do primeiro ano, e ainda é um professor carismático, com uma presença que todos os alunos gostam imenso. É difícil ‘competires’ quando trabalhas com uma pessoa que tem uma presença como o Pedro, mas apesar de tudo eu também tenho alguma presença, não é? E acho que funcionámos bem os dois. Só que eu percebia isso a falar com os alunos. Depois, nós também somos um bocado ingénuos no início, queremos ser os porreiros, e então tratamos as pessoas por tu, e os alunos esquecem-se que eu não sou colega deles, sou professora, e houve uma vez ou outra em que um aluno falou comigo de uma forma mais familiar, e eu não gostei. Percebi que é melhor começares a demarcar, logo desde o início, que tu és a professora, que não és uma colega, do que queres ser a ‘porreiraça’ e depois ter que chegar a um ponto em que tens de marcar a tua posição. É um processo de aprendizagem. Mas a verdade é que eu senti. Senti pelo facto de ser mulher, pelo facto de não ter obra. Era de certa forma comparada com outros professores. Mas fui ganhando*



*confiança. Inicialmente, às vezes os alunos não aceitavam as ideias que eu dava, mas depois lá faziam e até houve uma situação em que um aluno fez uma planta da maneira que eu lhe disse que devia fazer, contrariado, e foi falar com o professor e o professor não gostou nada do projeto, só gostou daquela planta, e era a planta que eu lhe tinha desenhado. E eu senti-me logo mais confiante. Eu sabia o que estava a fazer.”*

Em atelier/obras, praticamente todas as arquitetas que estiveram nesse contexto, sentiram o peso da discriminação de género de forma mais evidente, seja por serem constantemente descredibilizadas por serem mulheres e postas atrás do homem, as que trabalhavam em conjunto com arquitetos. Duas professoras, contaram que perceberam que a única opção seria enfrentar o problema e esse mundo da obra, e não refugiar-se no atelier, e apostar até numa versão mais rígida delas próprias, para poderem ser levadas a sério. No entanto, consideram uma questão com a qual se foram habituando a lidar e gerir.

*“Nas obras, era recorrentíssimo que não me ligavam nada e era preciso o meu sócio chegar lá e dizer exatamente o que eu tinha dito para ser aceite. Por isso tornei-me muito mais dura nas obras. E passava a vida a dizer: “só quero envelhecer para ver se me levam a sério e se me respeitam” porque era difícil, por isso nem imagino o que terão passado as primeiras mulheres arquitetas que fizeram obras.” (...) “Já respeitam mais e também obviamente ganhei muito mais experiência. Sei lidar com situações mais complexas. Envelhecer é isso: passar por muitas situações que me permitem ter uma resposta adequada a uma situação inesperada. Foi muito importante ter assumido obras muito nova, a partir dos 30. Fiz mesmo questão a ser eu a estar ali com a mão na massa, a estar a lidar com pessoas que construíam porque precisava de ganhar resiliência, capacidade de resposta; aprendi imenso e ainda estou a aprender. Se me tivesse refugiado no atelier, no escritório, não me parece que teria a solução para mim. Senti que tinha de combater esse estereótipo, porque aprende-se imenso com quem está a construir.”*

*“Nunca me chamarem por “arquiteta”, chamarem-me por menina. E os colegas chamarem-me por “Arquiteto”, ou duvidarem da minha capacidade para fazer*



*qualquer trabalho. Essas questões aconteciam, em especial com o empreiteiro, aquela coisa...”*

*“Devo dizer que, em termos de atelier no trabalho de obra, eu senti que havia um tratamento diferenciado, e em algumas situações até me dava gozo. Por exemplo, ir visitar uma obra grávida era divertido, toda a gente me olhava como se fosse o bicho mais estranho da terra, estava grávida, por isso era claramente diferente, o que para mim era divertidíssimo, porque eu ia à obra naturalmente, e fazia as coisas naturalmente obviamente. Acho que isto é mais visível num mundo de homens, porque olham para a maternidade de maneira diferente, não acham tão natural. Enquanto que em todas as outras fases, eu ia à obra e sentia que estavam sempre à espera que eu escorregasse, para haver um motivo de riso, estavam sempre à espera que a senhora arquiteta fizesse alguma coisa de errado, ou não soubesse alguma coisa do que perguntavam. Quando estava grávida havia um sentido de protecionismo, que me divertia imenso. Porque de repente andavam com medo que eu me magoasse. (Risos) Ou seja, aqui senti claramente um tratamento desigual. Em termos de atelier não senti nenhuma diferença. Mas também sempre trabalhei com outras mulheres, no primeiro atelier, as mulheres estavam em maioria e o segundo atelier, apesar das mulheres não serem a maioria, era de uma arquiteta. O gabinete tinha sido do pai dela e era de engenharia e passou a ser também de arquitetura quando ela tirou o curso de arquitetura. Havia engenheiros e engenheiras e havia duas arquitetas, por isso, dentro do gabinete eu não sentia nenhuma distinção por ser mulher. Com alguns clientes sentia um tratamento diferente, mas porque achavam que eu era nova e inexperiente. Não digo que fosse por ser mulher, porque se não falassem comigo, falavam com a minha chefe que também era arquiteta. Em termos de obra sentia alguma falta de confiança nas minhas capacidades por parte dos construtores.”*

E se por um lado, sentem que uma versão mais firme e rígida delas próprias é, por vezes, a única maneira de serem ouvidas e valorizadas é, por outro lado, quando parte de forma até mais natural, ridicularizado. Há, ainda, quem considere que no meio académico se torna ainda mais complicado lidar com essa questão.



*“Claro que sim, até porque eu vivo na pele, na área académica, na universidade, que é um meio ainda mais complicado, porque, apesar de tudo, na prática tu é que constróis o teu contexto, de alguma forma, os clientes, as pessoas com quem trabalhas, os construtores. É certo que também tens que enfrentar muitos obstáculos, mas no meio académico ainda é mais pesado, porque é uma máquina com os seus vícios, é um meio conservador e eu comecei nova e tenho resistido a uma série de situações e comentários de longa data. Desde que comecei a dar aulas oiço aquela famosa citação de um professor da escola do Porto, já não sei quem é que dizia isto, qual era o professor, que era: ‘Se querem problemas, contratem mulheres’. Oiço isto desde que eu sou Monitora e eu sou mulher. Tenho sempre esta consciência entre os meus pares, entre os meus colegas professores, tenho que ter sempre algum cuidado de não acharem que eu estou a criar problemas. E eu sei que eles acham todos que eu crio problemas, porque eu não sou uma figura consensual, e tenho a minha personalidade vincada. Com a idade fui-me tornando mais calma, mas nunca fui uma pessoa muito calma, e critico e marco a minha posição. Mas lembro-me sempre desta história e penso: “se calhar estou a criar problemas.”*

Dada a diversidade das áreas na arquitetura das docentes entrevistadas, é possível identificar que o problema é transversal a qualquer área específica, ainda que pareça, por vezes, estar concentrado numa delas, nomeadamente na obra, dependendo de cada professora e, através destes testemunhos, pôde-se verificar que, é de facto, latente à sociedade em geral, e que pode ser para umas um problema mais evidente numa área e para outras noutra área. No campo da investigação, o paradigma também se repete.

*“Noutros contextos já tive situações de mansplanning, fora do d’Arq, mas na profissão que nem vale a pena contar aqui, era uma coisa absolutamente extraordinária. Chegou a ser assédio moral, entre colegas. Há coisas que são ao nível da anedota, mas há outras coisas que nos prejudicam mesmo, e também é assim, muitas anedotas juntas também prejudicam. Lembro-me quando estava a fazer doutoramento, estava grávida do meu segundo filho e um colega perguntou-me: ‘Mas pode-se ter filhos com bolsa?’ E eu disse-lhe que as bolsas não eram um método*





*contracetivo. Esta conversa foi surreal. Ele achava natural que uma mulher se queria fazer doutoramento não podia ter filhos.”*

No seguimento da abordagem destes temas na área da investigação e da história, foi ainda levantada a questão de apesar da arquitetura ser um meio de reprodução de estereótipos de género ainda com algum significado, a ele não deixa de estar associado um certo elitismo, transversal aos dois sexos, em comparação com outras áreas científicas, que por consequência, de algum modo, e não regra geral, se pode sobrepor às questões de género, em algum momento, também, acima de tudo, por nas áreas de ciência haver uma preocupação maior em combater estas desigualdades.

*“Em rigor, eu nunca senti qualquer desigualdade por ser mulher. Mas lá está, eu candidato-me a concursos nacionais e internacionais onde é difícil haver preferências com base no género, muito pelo contrário; do mesmo modo, também nunca senti desigualdade salarial porque os valores são tabelados. No entanto, sei que existem estas desigualdades e sou muito sensível a elas, porque lá por não as sentir na pele, não quer dizer que não existam, pois existem e muito! Por outro lado, o facto de eu ser arquiteta, sobretudo num grupo maioritariamente composto por historiadores, tem outras compensações.”*

“Há um certo prestígio associado à profissão de arquitetura?”

*“Exatamente. Curiosamente, o meu grupo de investigação tem várias arquitetas, todas mulheres. Existe também um arquiteto no meu centro, mas noutra grupo. Ora, como nós temos uma formação de base diferente torna-se mais interessante para a discussão, ainda que não dê vantagem, nem desvantagem, é o que é. Não sei se seria diferente se estivesse a exercer arquitetura...”*

Em relação à presença, visibilidade e credibilidade das mulheres na arquitetura atualmente, grande parte afirma não ter dados suficientes para avaliar, mas pode perceber-se a ideia de que realmente umas coisas levam às outras por arrasto.

*“O que eu acho é que, primeiro há um défice grande da visibilidade e credibilidade dos Arquitetos no geral. Eu acho que visibilidade, credibilidade e*



*presença da arquitetura é pouca e é relativamente inexpressiva, nos dias atuais, como eu disse, a atividade está muito desvalorizada e, portanto, está muito desequilibrada a distribuição do trabalho a credibilidade das mulheres não sei, quer dizer, está um bocadinho encadeado com o que eu respondi antes, não é? Quando as mulheres não têm acesso a cargos de decisão, quando não há regras estabelecidas relativamente a convites para projeto, a paridade relativamente a essas essas questões de género, eu acho que há sempre um prejuízo das mulheres em relação aos homens.”*

De um modo geral, o raciocínio é que, não havendo tanta presença, por muita que a credibilidade seja igual à dos homens, não é exposto o seu trabalho e, por isso, não pode ser avaliada. Objetivamente, há já mulheres que têm alguma presença na arquitetura e algum reconhecimento, mas continuam a ser casos pontuais, mais escassos quando o reconhecimento é na sua individualidade, e quando comparados com a quantidade de casos masculinos, que permanecem, no mundo e em Portugal, como grandes referências, seja em contexto de atelier, docência ou nível de investigação, não esquecendo que esta última é percebida como uma área mais subvalorizada dentro da arquitetura. A nível do departamento:

“Acho que há se calhar uma, quase, sobrevalorização de uns aspetos, se calhar, como digo, muitas vezes inconsciente de colegas homens, e subvalorização de algumas coisas e de alguns objetivos que eu alcancei, e que colegas minhas alcançaram, que são desvalorizados. Por exemplo, ganhar concursos de bolsa, ganhar concursos de investigação. São processos supercompetitivos e nem sempre são valorizados como, se calhar, deviam. Há outras realidades, outras escolas onde isso é supervalorizado, de facto, são processos competitivos, e necessariamente validam aquela pessoa para pensar atribuir as tarefas de responsabilidade, mas isto é como digo, isto é tudo uma questão de cultura. Se não houver aqui a cultura de investigação, se não houver cultura do procurar financiamentos, há alguns professores aqui que já conseguiram ótimos financiamentos, mas é residual. A maioria, se calhar, nunca fez um concurso de um projeto de investigação, portanto não sabe o que é que isso custa e, portanto, quando vê alguém a ganhar pensa: ‘epá, tiveste sorte!’ . Essa é outra coisa típica que também vem nos livros do



feminismo, não é? Às mulheres dizem-lhes muitas vezes: ‘ah! Tiveste sorte’, e ter sorte dá muito trabalho.”

Uma vez mais é considerado, por uma parte das entrevistadas, que só a questão das cotas pode dar uma resposta objetiva a esta questão. Além de que, por ser um tema que está na ordem do dia, poderá muito em breve ser questionado no campo da arquitetura e, por consequência, nas suas escolas. Tendo sido já aprovado pela universidade um plano de igualdade, as suas diretivas poderão, muito em breve, percorrer os departamentos de cada faculdade, mesmo se não trazendo as questões das cotas, necessariamente.

*“Mas em relação, aqui em concreto, como eu estava a dizer, eu acho que não reconhecer que o problema existe, é fazer com que no futuro, e se calhar não é tão longe assim, a solução seja imposta de cima para baixo. E depois até acho que é uma questão de valorização da própria escola. Que escola é que se quer oferecer? Numa altura em que as escolas também se mexem num mundo também muito competitivo, que tem de atrair muitos alunos. Queremos uma escola que é monótona? Que não espelha a cidade? Que não mostra a realidade complexa que existe no mundo? Por isso é que eu digo que é uma questão de cultura, vem já de dentro, é estrutural. E é uma cultura de escola que já não é aceitável. Já foi aceitável e já não é. Acho que isto tem aqui muitas camadas de problemas, não é só o do género, acho que é tanta coisa. Acho que se combinam aqui uma série de problemas que são, não só sequer do departamento, também da universidade.”*

*“Mas eu estava-te a dizer, isto em relação à competitividade entre escolas e entre os alunos escolherem ou não uma escola, eu, hoje me dia, estando alerta para isso, se eu ouvisse dizer que esta escola era só homens, já pensava três vezes se queria mesmo vir para cá ou não. No meu tempo, isso nem se colava porque eu acho que todas as escolas eram mais ou menos a mesma coisa, mas, se calhar, hoje em dia, só perguntando às alunas e aos alunos, que acho que também é importante aqui ter a perceção da geração e não só das mulheres e dos homens, que é para perceber se as pessoas levam em consideração isso incomoda ou se faz confusão.”*



Por último, uma das professoras que tem mais contacto com o estrangeiro, explica como as questões de género têm uma relevância diferente da do contexto português e esclarece que as questões mais proeminentes, atualmente, não passam tanto pela valorização do papel da mulher na arquitetura e pela sua inclusão em cargos relevantes, afirmando que essas questões estão de alguma forma regularizadas, antes estão a ser discutidos outro tipo de tópicos dentro das discussões do género. No caso das referências da arquitetura, confessa que, de um modo geral, tem de, logo, à partida, haver uma maior abertura e ser mais abrangentes, já que as referências que são dadas em Portugal não podem ser as mesmas que são dadas num universo multicultural, e, por isso, há já uma maior diversidade, onde, por consequência, poderão entrar mais mulheres como referência.

Em suma, de modo geral existe um grande desconforto e modéstia inerente à conversa dedicada exclusivamente às mulheres e à exposição dos problemas e discriminações, por poder ser entendida como forma de vitimização, ou por haver a possibilidade de ser interpretada como uma valorização forçada, podendo isto, de modo involuntário, resultar num dos fatores que também contribui para a problemática em causa prevalecer nos dias atuais. Pôde-se confirmar que estas questões são estruturais e enraizadas, e, por isso, têm vindo a ser bastante normalizadas e desvalorizadas na sociedade, o que leva a que até as próprias entrevistadas, em alguns casos, não consigam e muitas vezes não queiram identificar o problema como sendo suficientemente grave para o expor. Também existe a preocupação em não realçar problemas de escala mais diminuta, por não haver uma tendência a vulgarizar o problema. Nomeadamente, foi evidente durante as entrevistas que a nível de “piadas” - situação bastante recorrente em vários contextos, inclusive quando se fala seriamente sobre abrir espaço para mulher, há uma maior tendência a relativizar, às quais, preferiam nem fazer referência para não ridicularizar o tema, mas, realmente, reconhecendo como sendo uma forma de discriminação comum e disfarçada nestes meios, acabando por ser um eufemismo da realidade desigual.

Assim, poucas foram as que não reconheceram que sim há uma discriminação de género na profissão de arquiteta, que também se reflete no Departamento, onde os números comprovam esse facto, havendo uma consciencialização por parte da maioria em relação a isso. No entanto, quase todas, quando questionadas diretamente se haveriam sofrido na pele, negaram que tivessem passado por isso diretamente, mas afirmaram que viam acontecer há volta delas. No entanto, deste número, com o desenrolar da conversa





a maior parte acabou por concluir que sim, em algum momento tinham presenciado pessoalmente discriminação de género nas diferentes áreas da profissão e da vida. Todas têm a noção de que, tanto o corpo docente, como as referências dadas nas aulas eram na sua exclusividade masculinas, no tempo em que eram alunas e que hoje ainda é uma realidade, bem como a pequena presença de ateliers com reconhecimento que sejam representados por mulheres. Também, todas as professoras se mostraram abertas ao tema, em diferentes dimensões, focando em áreas nas quais acabavam por ter mais contacto, porque, apesar de terem sido docentes em algum momento da vida delas, e outras ainda o serem, cada uma trouxe pontos e perspetivas diversificadas. Um facto curioso que se tornou evidente é que, em relação a certas questões, várias professoras referiram nunca terem pensado no assunto. Mesmo as docentes que inicialmente mostraram alguma resistência, acabaram por desenvolver ideias e questionar certos posicionamentos que a sociedade e o meio da arquitetura têm perante as mulheres. Uma das questões onde as entrevistas tiveram mais foco foi em perceber de que forma as discriminações são perpetuadas nas suas diferentes dimensões, e, desta forma, várias foram as que levantaram questões que estavam fora do guião pré-definido, trazendo uma abordagem mais livre e abrangente sobre estes tópicos.



## Considerações Finais

Com base nos dados que foram recolhidos e descritos, tanto a nível do número reduzido de contratações de mulheres que se pôde verificar ao longo dos anos; da particularidade dos contratos precários que a maior parte das professoras assume e assumiu; bem como a falta de presença nos cargos de direção e de regência de cadeiras, sobretudo na área de Projeto, acompanhado dos testemunhos aqui reunidos que, de forma transversal, expressam várias formas de desigualdade, torna-se inegável que existe uma diferença de tratamento e de oportunidades no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra e que as mesmas têm relação com questões de género. É de realçar que, apesar do reduzido número de mulheres a dar aulas nesta escola, uma vez que algumas já assumem a docência e responsabilidades dentro do Departamento há vários anos e, por outro lado, pelo currículo variado que têm vindo a construir, seria espectável que algum reconhecimento lhes fosse dado, com o título de cargos de relevo ou com novas oportunidades, já que esse processo tem acontecido com outra naturalidade com os professores homens há vários anos. Pode-se, assim, concluir que o d'Arq e, por extensão, a Universidade pouco tem vindo a contribuir para a promoção de uma igualdade de oportunidades e presença feminina na arquitetura e na escola, bem como para o incentivo do estudo da mulher arquiteta do passado. Os nomes que prevalecem, de anos para anos, são os mesmos e, na sua exclusividade, masculinos. A questão engloba um passado predominantemente masculino, mas, atualmente, deveria haver um maior incentivo em combater estas desigualdades por parte de uma escola que, com certeza, terá, nos seus princípios, um sentido de progressão.

Para colmatar os dados aqui recolhidos, que já nos permitem tirar algumas conclusões, seria interessante apostar numa futura investigação com uma análise mais detalhada acerca dos percursos dos professores homens do d'Arq, as suas preocupações atuais e como entendem e abordam a questão da mulher na arquitetura, tendo como base os dados reunidos nesta investigação. Não deixa, no entanto, de ser significativo que, das 16 docentes ou ex-docentes mulheres do d'Arq entrevistadas no âmbito desta dissertação, algumas tenham pedido que essas mesmas entrevistas não fossem publicadas e que os seus testemunhos fossem apresentados de forma anónima. O receio de falar abertamente da questão prevalece e, apesar de ser compreensível que exista esta necessidade de se salvaguardarem, é injusto que se tenha que evitar denunciar e expor situações de



desigualdades, por serem ainda um tabu na sociedade e, neste caso, no meio académico. A questão que se levanta é que, provavelmente, não exista o mesmo receio por parte das pessoas e entidades que proferem, perpetuam, e de alguma maneira encobrem e compactuam com determinados comentários e situações, uma vez que, pela ordem lógica, se existisse o receio de que estas situações fossem facilmente expostas, possivelmente haveria uma posição diferente. Mas isso é um dado que pode também ser averiguado numa futura investigação, ou mesmo numa mesa redonda até, no próximo aniversário do d'Arq.

Dada a minha experiência enquanto aluna e com os dados que aqui reuni, assumo que de uma forma geral, a posição que é tomada pelo d'Arq em relação a estas questões, é de indiferença e o mesmo se reflete por parte do corpo discente. O *fem.in* nasceu através de estudantes internacionais que sentiam uma enorme resistência em relação a estas questões, tanto em Portugal, como no contexto académico – no d'Arq. Mas, a partir do momento em que os seus primeiros membros passaram a ser ex-estudantes, o coletivo tem variado de um estado ativo para inativo, conforme o interesse das e dos estudantes que passam por ali e que decidem dedicar-se a ele e às suas temáticas. A opção de tomar uma posição neutra relativamente a estes assuntos, por parte dos alunos, é um reflexo da posição do d'Arq e dos seus membros. Quando o coletivo *fem.in* decidiu manifestar-se contra o *Haka*<sup>18</sup>, por considerarem que as suas palavras misóginas e machistas estavam demasiado normalizadas, uma vez que durante todos os anos os alunos o reproduziam com orgulho e as alunas o idolatravam, imprimiram a letra, onde deixavam explícito o conteúdo das suas palavras, realçando as partes mais violentas e espalharam pelas paredes do claustro do departamento, o diretor do departamento à altura, pediu para que todos os papéis fossem retirados por serem um desrespeito pelo arquiteto Tomás Taveira. A questão aqui foi apenas e unicamente haver um desrespeito pelo arquiteto citado e em nenhum momento foi debatido o facto de a letra ser humilhante para as mulheres em geral e as do departamento.

Por fim, seria importante que, no futuro, este tema despertasse interesse nas alunas e alunos e continuasse a ser investigado tanto no d'Arq, a nível do corpo discente e, como já dito anteriormente, a nível de professores, para se conhecer mais aprofundadamente as várias dimensões que o tema implica. Seria igualmente importante ser feito noutros cursos

---

<sup>18</sup> Ver letra do *Haka* na p. 4.



de arquitetura em Portugal, para podermos ter um retrato do que é ser-se arquiteta docente em Portugal, na atualidade e historicamente.





## **Anexos**



## **Historial de contratações no d'Arq - Professoras**

### **Teresa Maria da Silva Pais**

1996/1997 – Monitora  
1997/1998 – Monitora/Assistente Estagiária  
1998/1999 – Assistente Estagiária  
1999/2000 – Assistente Estagiária  
2004 (2º semestre) – Assistente Convidada 60%  
2004/2005 – Assistente Convidada 60%  
2005/2006 – Assistente Convidada 60%  
2007/2008 – Assistente 100%  
2008/2009 – Assistente 100%  
2009/2010 – Assistente 100%  
2010/2011 – Dispensa de atividade letiva (conclusão de doutoramento)  
2011/2012 – Dispensa de atividade letiva (conclusão de doutoramento)  
2012/2013 – Assistente 100%  
2013/2014 – Assistente 100%  
2014/2015 – Assistente 100%  
2015/2016 – Assistente 100%  
2016/2017 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2017/2018 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2018/2019 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2019/2020 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2020/2021 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2021/2022 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2022/2023 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva

### **Luísa Amélia Brandão<sup>19</sup>**

1997/1998 – Assistente Convidada  
1998/1999 – Assistente Convidada

---

<sup>19</sup> Não foi possível confirmar oficialmente os dados assinalados.

### **Susana Luísa Mexia Lobo**

1998/1999 – Monitora  
1999/2000 – Monitora  
2000/2001 – Monitora  
2001/2002 – Monitora  
2009 (2º semestre) – Assistente Convidada 30%  
2009/2010 – Assistente Convidada 30%  
2010/2011 – Assistente Convidada 59%  
2011/2012 – Assistente Convidada 59%  
2012/2013 – Assistente Convidada 59%  
2013/2014 – Professora Auxiliar Convidada 100%  
2014/2015 – Professora Auxiliar Convidada 100%  
2015/2016 – Professora Auxiliar Convidada 100%  
2016/2017 – Professora Auxiliar Convidada 100%  
2017/2018 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2018/2019 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2019/2020 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2020/2021 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2021 (2º semestre) – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva  
2014 - 2023 – Professora Auxiliar em regime de dedicação exclusiva (retroativo)

### **Cidália Maria Ferreira da Silva**

1998 (2º semestre) – Monitora  
1998/1999 – Monitora  
1999/2000 – Monitora  
2000/2001 – Monitora

### **Sandra Mara Gameiro Pinto**

2001/2002 – Monitora  
2002/2003 – Monitora

### **Ana Paula Santos<sup>20</sup>**

2008/2009 – Professora Auxiliar Convidada  
2009/2010 – Professora Auxiliar Convidada  
2010/2011 – Professora Auxiliar Convidada 60%  
2011/2012 – Professora Auxiliar Convidada  
2012/2013 - Professora Auxiliar Convidada 99%

---

<sup>20</sup> Não foi possível confirmar oficialmente os dados assinalados.

**Susana Constantino**

2010/2011 – Assistente Convidada 59%

2011/2012 – Assistente Convidada 59%

2012/2013 – Assistente Convidada 59%

**Alice Santiago faria**

2011 (1ºsemestre) - Monitora

2012 (1ºsemestre) – Monitora

**Carolina da Graça Cúrdia Lourenço Coelho**

2010/2011 – Adjunta de Ensino

2013/2014 - Assistente Convidada 30% / Adjunta de Ensino

2014/2015 - Assistente Convidada 30%

2015/2016 – Assistente Convidada 50%

2016/2017 – Assistente Convidada 59%

2017/2018 – Assistente Convidada 59%

2018/2019 – Professora Auxiliar Convidada 60%

2019/2020 – Professora Auxiliar Convidada em regime de dedicação exclusiva 100%

2020/2021 – Professora Auxiliar Convidada 60%

2021/2022 - Professora Auxiliar Convidada 60%

2022/2023 - Professora Auxiliar Convidada 60%

**Armandina Désirée Tomás Pedro**

2013/2014 – Assistente Convidada 59%

2014/2015 – Assistente Convidada 59%

2015/2016 - Assistente Convidada 59%

2016/2017 – Assistente Convidada 50%

2017/2018 – Assistente Convidada 50%

2018/2019 – Professora Auxiliar Convidada 60%

2019/2020 – Professora Auxiliar Convidada 60%

2020/2021 – Professora Auxiliar Convidada 60%

2021/2022 – Professora Auxiliar Convidada 60%

2022/2023 – Professora Auxiliar Convidada 60%

### **Catarina Fortuna Campos**

2013/2014 – Assistente Convidada 59%  
2014/2015 – Assistente Convidada 59%  
2015/2016 - Assistente Convidada 59%  
2016/2017 – Assistente Convidada 59%  
2017/2018 – Assistente Convidada 50%  
2018/2019 – Assistente Convidada 40%  
2019/2020 – Assistente Convidada 40%  
2020/2021 – Assistente Convidada 40%  
2021/2022 – Assistente Convidada 40%  
2022/2023 – Assistente Convidada 40%

### **Margarida Isabel Relvão Calmeiro**

2015/2016 – Assistente Convidada 30%  
2016/2017 – Professora Auxiliar Convidada 60%  
2017/2018 – Professora Auxiliar Convidada 60%  
2018/2019 – Professora Auxiliar Convidada 60%  
2019/2020 – Professora Auxiliar Convidada em regime de dedicação exclusiva 100%  
2020/2021 – Professora Auxiliar Convidada 60%  
2021/2022 – Professora Auxiliar Convidada 45%  
2022/2023 – Professora Auxiliar Convidada 45%

### **Antonieta Ferreira Reis Leite Porto**

2018/2019 - Professora Auxiliar Convidada 15%  
2019/2020 - Professora Auxiliar Convidada 20%  
2020/2021 - Professora Auxiliar Convidada 10%  
2021/2022 - Professora Auxiliar Convidada 10%  
2022/2023 - Professora Auxiliar Convidada 10%

### **Maria João Pinto**

2017 (2º semestre) – Adjunta de Ensino  
2017/2018 – Adjunta de Ensino  
2018/2019 – Assistente Convidada 59%  
2019/2020 – Assistente Convidada 59%  
2020/2021 - Assistente Convidada 59%  
2021/2022 - Assistente Convidada 59%  
2022/2023 - Assistente Convidada 59%

**Teresa Novais**

2018/2019 – Assistente Convidada 50%

2019/2020 - Assistente Convidada 50%

**Paula del Rio**

2019/2020 – Assistente Convidada 40%

2020/2021 - Assistente Convidada 40%

2021/2022 - Assistente Convidada 40%

2022/2023 - Assistente Convidada 40%

**Joana Maia**

2019/2020 – Assistente Convidada 30%

2020/2021 - Assistente Convidada 20%

2021/2022 - Assistente Convidada 20%

2022/2023 - Assistente Convidada 20%

**Distribuição do corpo docente do d'Arq (mulheres), ao longo dos 35 anos**



ANO LETIVO	NOME	DISCIPLINA	REGENTE
1988/1989	Dina Loff	Estática I	
	Manuela Sobral	Análise Matemática I	
	Emília Miranda	Geometria Analítica	
1989/1990	Dina Loff	Estática I	
	Celeste Gouveia	Análise Matemática I Geometria Analítica	
	Esmeralda Gonçalves	Matemática Aplicada II	
1990/1991	Dina Loff	Estática	
	Helena Barros	Resistência de Materiais e Estruturas	
	Isabel Alves	Introdução aos Computadores e Programação	
1991/1992	Dina Loff	Estática	
	Helena Barros	Resistência de Materiais	
	Isabel Alves	Introdução aos Computadores e Programação	
1992/1993	Dina Loff	Estática	
	Helena Barros	Resistência de Materiais	
	Isabel Alves	Introdução aos Computadores e Programação	
1993/1994	Paula Santana	Geografia	
	Dina Loff	Estática	
	Isabel Torres	Resistência de Materiais	
	Isabel Alves	Introdução aos Computadores e Programação	
	Paula Santana	Geografia	
1994/1995	Dina Loff	Estática	
	Lucília Brito	Elementos de Física	
	Paula Santana	Geografia	
1995/1996	Paula Santana	Geografia	
	Carla Ferreira	Resistência de Materiais	
	Dina Loff	Estática	
	Helena Albuquerque	Matemática	
	Lucília Brito	Elementos de Física	
1996/1997	Paula Santana	Geografia	
	Carla Ferreira	Resistência de Materiais	
	Carlota Simões	Estática	
	Helena Albuquerque	Matemática	
	Lucília Brito	Elementos de Física	
	Teresa Pais	Desenho Arquitetónico	Alexandre Alves Costa
1997/1998	Paula Santana	Geografia	
	Teresa Pais	Geometria	Vitor Murtinho

	Carla Ferreira	Resistência de Materiais	
	Carlota Simões	Estática	
	Cidália Silva	Teoria da Arquitetura II	Mário Kruger
		Morfologia Urbana	Mário Kruger
	Helena Albuquerque	Matemática	
	Luísa Brandão	Desenho II	Luísa Brandão
	Lucília Brito	Elementos de Física	
	Teresa Pais	Desenho Arquitetónico	Walter Rossa
1998/1999	Paula Santana	Geometria Analítica	
	Cidália Silva	Teoria da Arquitetura II	Mário Kruger
	Luísa Brandão	Desenho II	Luísa Brandão
	Susana Lobo	Introdução à Arquitetura	Raul Hestnes Ferreira
	Teresa Pais	Geometria	João Pedro Xavier
		Desenho II	Luísa Brandão
1999/2000	Paula Santana	Geografia	
	Cidália Silva	Teoria da Arquitetura II	Mário Kruger
	Susana Lobo	Introdução à Arquitetura	Raul Hestnes Ferreira
	Teresa Pais	Geometria	Sebastião Resende
		Desenho I	António Olaio
		Desenho II	António Olaio
2000/2001	Paula Santana	Geografia	
	Cidália Silva	Teoria da Arquitetura II	Mário Kruger
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador	
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço	
	Susana Lobo	Introdução à Arquitetura	Raul Hestnes Ferreira
2001/2002	Paula Santana	Geografia	
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador	
	Sandra Pinto	Teoria da Arquitetura II	Mário Kruger
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço	
	Susana Lobo	Introdução à Arquitetura	Raul Hestnes Ferreira
2002/2003	Paula Santana	Geografia	
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador	
	Sandra Pinto	Teoria da Arquitetura II	Mário Kruger
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço	
2003/2004	Paula Santana	Geografia	
	Isabel Torres	Tecnologia da Construção I	José Raimundo Silva
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador	
	Julietta António	Tecnologia da Construção II	Luís Serra e Silva

2004/2005	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Teresa Pais	Desenho I	António Olaio	
	Paula Santana	Geografia		
	Isabel Torres	Tecnologia da Construção I	José Raimundo Silva	
	Julieta António	Desenho Assistido por Computador	Luís Serra e Silva	
		Tecnologia da Construção II	Telmo Dias Pereira	
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador		
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada	
Geometria		Vítor Murtinho		
2005/2006	Paula Santana	Geografia		
	Isabel Torres	Tecnologia da Construção I	José Raimundo Silva	
	Julieta António	Tecnologia da Construção II	Telmo Pereira	
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador		
		Antropologia do Espaço		
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada	
Desenho II		António Olaio		
2006/2007	Paula Santana	Geografia		
	Isabel Torres	Tecnologia da Construção I	José Raimundo Silva	
		Tecnologia da Construção II	José Raimundo Silva	
	Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador	Laurentina Soares	
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada	
		Desenho II	António Olaio	
		Geometria	Vítor Murtinho	
	2007/2008	Paula Santana	Geografia	
		Andreia Pereira	Tecnologia da Construção II	
		Isabel Torres	Tecnologia da Construção I	José Raimundo Silva
			Tecnologia da Construção II	Isabel Torres
		Laurentina Soares	Desenho Assistido por Computador	
Sandra Xavier		Antropologia do Espaço		
Teresa Pais		Desenho I	Pedro Pousada	
		Geometria	Vítor Murtinho	
		Geografia Física		
2008/2009		Paula Santana	Geografia Física	
	Isabel Torres	Física da Construção	Isabel Torres	
	Paula Santos	Projeto II	Paulo Providência	
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Susana Lobo	Projeto Urbano II	Adelino Gonçalves	

2009/2010	Teresa Pais	Desenho I	Carlos Antunes	
		Geometria	Vitor Murtinho	
	Paula Santana	Geografia Urbana		
	Isabel Torres	Física da Construção	Isabel Torres	
	Paula Santos	Projeto II	Paulo Providência	
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Susana Lobo	Projeto Urbano I	Adelino Gonçalves	
		Projeto Urbano II	Adelino Gonçalves	
	Teresa Pais	Desenho I	Carlos Antunes	
		Geometria	Vitor Murtinho	
2010/2011	Alice Santiago Faria	História da Arquitetura Antiga e Medieval I	Paulo Varela Gomes	
		História da Arquitetura Antiga e Medieval II	Paulo Varela Gomes	
		História da Arquitetura Portuguesa I	Paulo Varela Gomes	
		História da Arquitetura Portuguesa II	Paulo Varela Gomes	
	Paula Santana	Geografia Urbana		
	Andreia Pereira	Física da Construção		
	Carolina Coelho	Teoria da Arquitetura III	Mário Kruger	
		Teoria da Arquitetura IV	Mário Kruger	
	Paula Santos	Projeto IV	José Fernando Gonçalves	
		Organização do Projeto e Prática Profissional	Paula Santos	
		Temas e Problemas da Arquitetura Contemporânea	Paula Santos	
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço		
	Susana Constantino	Projeto I	José António Bandeirinha	
	Susana Lobo	Projeto I	José António Bandeirinha	
	Teresa Pais	<i>Dispensa de Doutoramento</i>		
	2011/2012	Alice Santiago Faria	História da Arquitetura Antiga e Medieval I	Paulo Varela Gomes
			História da Arquitetura Antiga e Medieval II	Paulo Varela Gomes
História da Arquitetura Portuguesa I			Paulo Varela Gomes	
História da Arquitetura Portuguesa II			Paulo Varela Gomes	
Isabel Torres		Física da Construção	Isabel Torres	
Paula Santos		Projeto IV	José Fernando Gonçalves	
		Organização do Projeto e Prática Profissional	Paula Santos	
		Temas e Problemas da Arquitetura Contemporânea	Paula Santos	
Sandra Xavier		Antropologia do Espaço		

	Susana Constantino	Projeto I	José António Bandeirinha
	Susana Lobo	Projeto I	José António Bandeirinha
	Teresa Pais	<i>Dispensa de Doutoramento</i>	
2012/2013	Isabel Torres	Física da Construção	Isabel Torres
	Paula Santos	Organização do Projeto e Prática Profissional	Paula Santos
		Temas e Problemas da Arquitetura Contemporânea	Paula Santos
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço	
	Susana Constantino	Projeto I	José António Bandeirinha
	Susana Lobo	Projeto I	José António Bandeirinha
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada
Geometria		Vítor Murtinho	
2013/2014	Paula Santana	Geografia Urbana	
	Désirée Pedro	Projeto I	José António Bandeirinha
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Carolina Coelho	Teoria da Arquitetura III	Mário Kruger
		Teoria da Arquitetura IV	Mário Kruger
	Isabel Torres	Física da Construção	Isabel Torres
	Julieta António	Física da Construção	Isabel Torres
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço	
	Susana Lobo	Projeto I	José António Bandeirinha
		Território e Paisagem I	Susana Lobo
		Território e Paisagem II	Susana Lobo
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada
Geometria		Vítor Murtinho	
2014/2015	Paula Santana	Geografia Urbana	
	Désirée Pedro	Projeto I	José António Bandeirinha
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Carolina Coelho	Teoria da Arquitetura III	Armando Rabaça
		Teoria da Arquitetura IV	Armando Rabaça
	Julieta António	Física da Construção	Julieta António
	Sandra Xavier	Antropologia do Espaço	
	Susana Lobo	Projeto I	José António Bandeirinha
		Território e Paisagem I	Susana Lobo
		Território e Paisagem II	Susana Lobo
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada
		Geometria	Vítor Murtinho
2015/1016	Paula Santana	Licença Sabática	

2016/2017	Andreia Pereira	Construção III		
	Désirée Pedro	Projeto I	José António Bandeirinha	
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro	
	Carolina Coelho	Teoria da Arquitetura III	Mário Kruger	
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz	
		Urbanismo	Carlos Martins	
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves	
	Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa	
		Urbanização	Walter Rossa	
	Sandra Xavier	Antropologia Cultura e Arquitetura		
	Susana Lobo	Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo	
		Introdução à Arquitetura e à Cidade I	José António Bandeirinha	
		Introdução à Arquitetura e à Cidade II	José António Bandeirinha	
		Projeto I	José António Bandeirinha	
	Teresa Pais	Desenho I	Pedro Pousada	
		Geometria	Vitor Murtinho	
	Désirée Pedro	Projeto I	Joaquim Almeida	
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro	
	Carolina Coelho	Teoria da Arquitetura III	Armando Rabaça	
		História da Arquitetura I	Rui Lobo	
		História da Arquitetura II	Rui Lobo	
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz	
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves	
		Urbanismo	Carlos Martins	
		Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa
			Urbanização	Walter Rossa
			Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz
			Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Maria João Pinto	Geometria	Teresa Pais	
	Susana Lobo	Projeto I	Joaquim Almeida	
		Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo	
		Introdução à Arquitetura e à Cidade I	Susana Lobo	
		Introdução à Arquitetura e à Cidade II	Susana Lobo	
Teresa Pais		Desenho I	Teresa Pais	
	Geometria	Teresa Pais		

2017/2018	Andreia Pereira	Construção III	
	Désirée Pedro	Projeto I	José António Bandeirinha
		Construção do Edificado - Condições para a prática projectual I	Désirée Pedro
	Catarina Fortuna	Construção V	Jorge Carvalho
		Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Carolina Coelho	Teoria da Arquitetura III	Armando Rabaça
		História da Arquitetura I	Rui Lobo
		História da Arquitetura II	Rui Lobo
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz
	Margarida Relvão Calmeiro	Urbanismo	Carlos Martins
		Urbanística	Margarida Relvão Calmeiro
		Urbanização	Margarida Relvão Calmeiro
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Gonçalo Canto Moniz
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Maria João Pinto	Geometria	Teresa Pais
	Sandra Xavier	Antropologia Cultura e Arquitetura	
	Susana Lobo	Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo
		Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Teresa Pais	Desenho I	Teresa Pais
		Geometria	Teresa Pais
2018/2019	Antonieta Leite	História da Arquitetura Portuguesa I	Walter Rossa
		História da Arquitetura Portuguesa II	Walter Rossa
		Urbanismo	Walter Rossa
	Désirée Pedro	Atelier de Projeto I (4º ano)	José Fernando Gonçalves
		Construção do Edificado - Condições para a prática projectual I	Désirée Pedro
	Catarina Fortuna	Projeto III	Jorge Carvalho
	Carolina Coelho	História da Arquitetura I	Carolina Coelho
		História da Arquitetura II	Carolina Coelho
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Paulo Providência
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa
Urbanização		Walter Rossa	

2019/2020	Maria João Pinto	Desenho I	Teresa Pais
		Geometria	Teresa Pais
	Paula del Rio	Projeto I	Luís Miguel Correia
	Susana Lobo	Projeto III	Jorge Carvalho
		Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo
	Teresa Novais	Atelier de Projeto I (4º ano)	José Fernando Gonçalves
	Teresa Pais	Desenho I	Teresa Pais
		Geometria	Teresa Pais
	Antonieta Leite	História da Arquitetura Portuguesa I	Rui Lobo
		História da Arquitetura Portuguesa II	Rui Lobo
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Walter Rossa
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Désirée Pedro	Construção do Edifício - Condições para a prática projectual I	Désirée Pedro
		Atelier de Projeto I (4º ano)	José Fernando Gonçalves
	Catarina Fortuna	Projeto III	Jorge Carvalho
	Carolina Coelho	História da Arquitetura I	Carolina Coelho
		História da Arquitetura II	Carolina Coelho
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Walter Rossa
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Joana Maia	Geometria	Teresa Pais
Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa	
	Urbanização	Margarida Relvão Calmeiro	
	Urbanismo	Walter Rossa	
	Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves	
Maria João Pinto	Desenho I	Teresa Pais	
	Geometria	Teresa Pais	
Sandra Xavier	Antropologia Cultura e Arquitetura		
Susana Lobo	Projeto I	Luís Miguel Correia	
	Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo	
	Atelier de Projeto I (4º ano)	José Fernando Gonçalves	
Teresa Novais	Atelier de Projeto I (4º ano)	José Fernando Gonçalves	
Teresa Pais	Desenho I	Teresa Pais	
	Geometria	Teresa Pais	
Paula del Rio	Projeto I	Luís Miguel Correia	
Paula Santana	Geografia Urbana	Paula Santana	
Antonieta Leite	História da Arquitetura Portuguesa I	Rui Lobo	
2020/2021			



		História da Arquitetura Portuguesa II	Rui Lobo
	Désirée Pedro	Projeto I	Luís Miguel Correia
		Construção III	Joaquim Almeida
		Construção IV	Joaquim Almeida
		Organização do Projeto e Prática Profissional	Désirée Pedro
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Carolina Coelho	História da Arquitetura I	Rui Lobo
		Teoria da Arquitetura III	Carolina Coelho
		Seminário de Investigação	Walter Rossa
		Metodologias de Investigação	Walter Rossa
		História da Arquitetura II	Rui Lobo
		Investigação em arquitetura	Walter Rossa
	Isabel Torres	Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
		Estratégias de Reabilitação Funcional de Edifícios	Isabel Torres
	Joana Maia	Geometria	Vitor Murtinho
	Lídia Catarino	Materiais Geológicos e Arquitetura	Lídia Catarino
	Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Walter Rossa
		Urbanização	Margarida Relvão Calmeiro
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Conceição Lopes	Arqueologia, Paisagem, Cidade e Território	
	Maria João Pinto	Desenho I	Teresa Pais
		Geometria	Vitor Murtinho
	Paula del Rio	Projeto I	Luís Miguel Correia
	Sandra Xavier	Antropologia Cultura e Arquitetura	
	Susana Lobo	Projeto I	Luís Miguel Correia
		Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo
	Teresa Pais	Desenho I	Teresa Pais
2021/2022	Paula Santana	Geografia Urbana	Paula Santana
	Andreia Pereira	Conceção Construtiva e Ambiental	
	Antonieta Leite	História da Arquitetura Portuguesa I	Rui Lobo
		História da Arquitetura Portuguesa II	Rui Lobo
	Désirée Pedro	Projeto I	Luís Miguel Correia
		Construção III	Guilherme Machado Vaz

		Construção IV	Guilherme Machado Vaz
		Organização de Projeto e Prática Profissional	Désirée Pedro
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Carolina Coelho	História da Arquitetura I	Rui Lobo
		História da Arquitetura II	Rui Lobo
		Teoria da Arquitetura III	Carolina Coelho
		Seminário de Investigação em Arquitetura	Carolina Coelho
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
		Investigação em Arquitetura	Walter Rossa
		Seminário de Investigação 5º	Carolina Coelho
	Joana Maia	Geometria	Vitor Murtinho
	Lídia Catarino	Materiais Geológicos e Arquitetura	Lídia Catarino
	Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa
		Urbanização	Margarida Relvão Calmeiro
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Conceição Lopes	Arquitetura de Paisagem, Cidade e Território	Conceição Lopes
	Maria João Pinto	Desenho I	Teresa Pais
		Geometria	Vitor Murtinho
	Paula del Rio	Projeto I	Luís Miguel Correia
	Sandra Xavier	Antropologia Cultura e Arquitetura	Sandra Xavier
	Susana Lobo	Projeto I	Luís Miguel Correia
		Urbanismo, Arquitetura e Turismo	Susana Lobo
	Teresa Pais	Desenho I	Teresa Pais
2022/2023	Andreia Pereira	Conceção Construtiva e Ambiental	
	Antonieta Leite	História da Arquitetura Portuguesa I	Rui Lobo
		História da Arquitetura Portuguesa II	Rui Lobo
	Désirée Pedro	Construção I	Désirée Pedro
		Construção II	Désirée Pedro
		Construção III	Désirée Pedro
		Construção IV	Désirée Pedro
		Construção V	Jorge Carvalho
		Construção VI	Jorge Carvalho
	Catarina Fortuna	Projeto III	João Mendes Ribeiro
	Carolina Coelho	História da Arquitetura I	Rui Lobo
História da Arquitetura II		Rui Lobo	

	Joana Maia	Teoria da Arquitetura III	Carolina Coelho
		Seminário de Investigação	Vitor Murtinho
		Seminário de Investigação 5º	Carolina Coelho
		Metodologias de Investigação	Carolina Coelho
		Geometria	Vitor Murtinho
	Lídia Catarino	Materiais Geológicos e Arquitetura	
	Margarida Relvão Calmeiro	Urbanística	Walter Rossa
		Urbanização	Margarida Relvão Calmeiro
		História do Urbanismo Português	Walter Rossa
		Laboratório de Teoria	José Fernando Gonçalves
	Maria João Pinto	Desenho I	Teresa Pais
	Paula del Rio	Projeto I	Luís Miguel Correia
	Sandra Xavier	Antropologia Cultura e Arquitetura	
	Teresa Pais	Desenho I	Teresa Pais



## Listagem do corpo docente do d'Arq (**mulheres**, homens), ao longo dos 35 anos

### 1988-1989

- |                            |   |                                |
|----------------------------|---|--------------------------------|
| 1. António Filipe Pimentel | 4. <b>Dina Ferreira dos Santos Loff</b> | 7. <b>Maria Emília Miranda</b> |
| 2. António Reis Cabrita    | 5. João Mendes Ribeiro                  | 8. Vítor Murtinho              |
| 3. Armando Alves Martins   | 6. <b>Maria Manuela Sobral</b>          | 9. Manuel João Dixo            |

### 1989-1990

- |                            |  |                                  |
|----------------------------|--|----------------------------------|
| 1. Armando Alves Martins   | 7. Manuel Filhoais                         | 14. Vítor Serrão                 |
| 2. Alexandre Alves Costa   | 8. Manuel João Dixo                        | 15. José António Bandeirinha     |
| 3. António Filipe Pimentel | 9. <b>Maria Celeste Gouveia</b>            | 16. José Aguiar Portela da Costa |
| 4. António Reis Cabrita    | 10. <b>Maria Esmeralda Elvas Gonçalves</b> | 17. José Manuel Simões Pereira   |
| 5. Carlos Leal             | 11. <b>Maria Helena Melão Barros</b>       | 18. Jorge Lourenço               |
| 6. <b>Dina Loff</b>        | 12. Mário Bento                            | 19. Walter Rossa                 |
|                            | 13. Vítor Murtinho                         |                                  |

### 1990-1991

- |                              |                                      |                                     |
|------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Alexandre Alves Costa     | 9. Fernando Rebelo                   | 18. Raul Hestnes Ferreira           |
| 2. Alexandre Barbosa Ribeiro | 10. Gonçalo Seça Neves               | 19. Vítor Murtinho                  |
| 3. Armando Alves Martins     | 11. Manuel Filhoais                  | 20. João Eduardo Marta              |
| 4. António Caetano           | 12. Manuel Tainha                    | 21. José António Bandeirinha        |
| 5. António Filipe Pimentel   | 13. Manuel João Dixo                 | 22. José Manuel Pereira de Oliveira |
| 6. António Olaio             | 14. <b>Maria Helena Melão Barros</b> | 23. José Fernando Gonçalves         |
| 7. <b>Dina Loff</b>          | 15. <b>Maria Isabel Alves</b>        | 24. Jorge Lourenço                  |
| 8. Domingos Tavares          | 16. Mário Bento                      | 25. Walter Rossa                    |
|                              | 17. Paulo Providência                |                                     |

### 1991-1992

- |                            |   |                                      |
|----------------------------|---|--------------------------------------|
| 1. Alexandre Alves Costa   | 7. <b>Dina Ferreira dos Santos Loff</b> | 16. <b>Maria Helena Melão Barros</b> |
| 2. Armando Alves Martins   | 8. Domingos Tavares                     | 17. <b>Maria Isabel Alves</b>        |
| 3. António Caetano         | 9. Fernando Rebelo                      | 18. Mário Bento                      |
| 4. António Filipe Pimentel | 10. Fernando Távora                     | 19. Mário Kruger                     |
| 5. António Olaio           | 11. Gonçalo Seça Neves                  | 20. Paulo Providência                |
| 6. António Reis Cabrita    | 12. Lusitano dos Santos                 | 21. Paulo Varela Gomes               |
|                            | 13. Manuel Filhoais                     | 22. Pedro Maurício Borges            |
|                            | 14. Manuel Tainha                       |                                      |
|                            | 15. Manuel João Dixo                    |                                      |

23. Raul Hestnes  
Ferreira
24. Vítor Murtinho
25. João Eduardo Marta
26. João Mendes  
Ribeiro

27. Joaquim Almeida
28. José António  
Bandeirinha
29. José Carlos Teixeira
30. José Manuel Pereira  
de Oliveira

31. José Fernando  
Gonçalves
32. Jorge Lourenço
33. Walter Rossa

#### 1992-1993

1. Alexandre Alves  
Costa
2. Armando Alves  
Martins
3. António Caetano
4. António Filipe  
Pimentel
5. António lousa
6. António Reis  
Cabrita
7. **Dina Ferreira dos  
Santos Loff**
8. Domingos Tavares
9. Fernando Rebelo
10. Fernando Távora
11. Gonçalo de Byrne
12. Gonçalo Seiça  
Neves

13. Lusitano dos Santos
14. Manuel Filhoais
15. Manuel Tainha
16. Manuel João Dixo
17. **Maria Helena  
Melão Barros**
18. **Maria Isabel Alves**
19. Mário Bento
20. Mário Kruger
21. Nuno Ganho
22. Nuno Grande
23. Paulo Providência
24. Paulo Varela  
Gomes
25. Pedro Maurício  
Borges
26. Raul Hestnes  
Ferreira

27. Vítor Murtinho
28. João Eduardo Marta
29. João Mendes  
Ribeiro
30. Joaquim Almeida
31. José António  
Bandeirinha
32. José Carlos Teixeira
33. José Gigante
34. José Fernando  
Gonçalves
35. Jorge Lourenço
36. Jorge figueira
37. Walter Rossa

#### 1993-1994

1. Alexandre Alves  
Costa
2. **Ana Paula Santana**
3. António Batista  
Coelho
4. António Caetano
5. António Filipe  
Pimentel
6. António Lousa
7. António Reis  
Cabrita
8. Celestino Quaresma
9. **Dina Ferreira dos  
Santos Loff**
10. Domingos Tavares
11. Fernando Távora
12. Gonçalo de Byrne

13. Gonçalo Seiça  
Neves
14. **Isabel Torres**
15. Lusitano dos Santos
16. Manuel Filhoais
17. Manuel Tainha
18. Manuel João Dixo
19. **Maria Isabel Alves**
20. Mário Bento
21. Mário Kruger
22. Nuno ganho
23. Nuno grande
24. Paulo Providência
25. Paulo Varela  
Gomes
26. Pedro Maurício  
Borges

27. Raul Hestnes  
Ferreira
28. Vítor Murtinho
29. João Eduardo Marta
30. João Mendes  
Ribeiro
31. João Paulo  
Cardielos
32. Joaquim Almeida
33. José António  
Bandeirinha
34. José Carlos Teixeira
35. José Gigante
36. José Fernando  
Gonçalves
37. Jorge Figueira
38. Walter Rossa

#### 1994-1995

1. Alexandre Alves  
Costa

2. **Ana Paula Santana**
3. António Caetano

4. António Lousa

- |   |                                     |                                 |
|---|-------------------------------------|---------------------------------|
| 5. António Reis<br>Cabrita              | 13. Luís Alberto<br>Simões da Silva | 23. Vítor Murtinho              |
| 6. Celestino Quaresma                   | 14. Lusitano dos Santos             | 24. João Eduardo Marta          |
| 7. <b>Dina Ferreira dos Santos Loff</b> | 15. Manuel Graça Dias               | 25. João Mendes<br>Ribeiro      |
| 8. Domingos Tavares                     | 16. Manuel João Dixo                | 26. Joaquim Almeida             |
| 9. Fernando Távora                      | 17. Mário Bento                     | 27. José António<br>Bandeirinha |
| 10. Gonçalo de Byrne                    | 18. Mário Kruger                    | 28. José Carlos Teixeira        |
| 11. Gonçalo Seça<br>Neves               | 19. Nuno Ganho                      | 29. José Gigante                |
| 12. <b>Lucília Pires Brito</b>          | 20. Nuno Grande                     | 30. José Fernando<br>Gonçalves  |
|   | 21. Paulo Providência               | 31. Jorge Figueira              |
|   | 22. Raul Hestnes<br>Ferreira        |                                 |

#### 1995-1996

- |  |                                   |                                 |
|--|-----------------------------------|---------------------------------|
| 1. Alexandre Alves<br>Costa              | 14. Gonçalo de Byrne              | 28. Vítor Murtinho              |
| 2. <b>Ana Paula Santana</b>              | 15. Gonçalo Seça<br>Neves         | 29. João Eduardo Marta          |
| 3. António Bettencourt                   | 16. <b>Helena<br/>Albuquerque</b> | 30. João Mendes<br>Ribeiro      |
| 4. António Olaio                         | 17. <b>Lucília Pires Brito</b>    | 31. João Paulo<br>Cardielos     |
| 5. António Lousa                         | 18. Lusitano dos Santos           | 32. Joaquim Almeida             |
| 6. António Reis<br>Cabrita               | 19. Manuel João Dixo              | 33. José António<br>Bandeirinha |
| 7. <b>Carla Ferreira</b>                 | 20. Mário Bento                   | 34. José Carlos Teixeira        |
| 8. Carlos Afonso                         | 21. Mário Kruger                  | 35. José Gigante                |
| 9. Celestino Quaresma                    | 22. Nuno Ganho                    | 36. José Fernando<br>Gonçalves  |
| 10. <b>Dina Ferreira dos Santos Loff</b> | 23. Nuno Grande                   | 37. José Maria Amado<br>Mendes  |
| 11. Domingos Tavares                     | 24. Paulo Providência             | 38. Jorge Figueira              |
| 12. Fernando Távora                      | 25. Raul Hestnes<br>Ferreira      |                                 |
| 13. Gonçalo Canto<br>Moniz               | 26. Rui Lobo                      |                                 |
|  | 27. Vítor Figueiredo              |                                 |

#### 1996-1997

- |                             |                                   |                                |
|-----------------------------|-----------------------------------|--------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves        | 15. Gonçalo Seça<br>Neves         | 26. Jorge Figueira             |
| 2. Alexandre Alves<br>Costa | 16. <b>Helena<br/>Albuquerque</b> | 27. <b>Lucília Pires Brito</b> |
| 3. <b>Ana Paula Santana</b> | 17. João Eduardo Marta            | 28. Luciano Lourenço           |
| 4. António Bettencourt      | 18. João Mendes<br>Ribeiro        | 29. Lusitano dos Santos        |
| 5. António Lousa            | 19. João Paulo<br>Cardielos       | 30. Manuel João Dixo           |
| 6. António Reis<br>Cabrita  | 20. João Pedro Xavier             | 31. Mário Bento                |
| 7. <b>Carla Ferreira</b>    | 21. Joaquim Almeida               | 32. Mário Kruger               |
| 8. Carlos Afonso            | 22. José António<br>Bandeirinha   | 33. Nuno Grande                |
| 9. <b>Carlota Simões</b>    | 23. José Carlos Teixeira          | 34. Paulo Providência          |
| 10. Celestino Quaresma      | 24. José Gigante                  | 35. Pedro Maurício<br>Borges   |
| 11. Domingos Tavares        | 25. José Fernando<br>Gonçalves    | 36. Raul Hestnes<br>Ferreira   |
| 12. Fernando Távora         |                                   | 37. Rui Lobo                   |
| 13. Gonçalo Canto<br>Moniz  |                                   | 38. Sebastião Resende          |
| 14. Gonçalo de Byrne        |                                   | 39. <b>Teresa Pais</b>         |
|                             |                                   | 40. Vítor Figueiredo           |

### 1997-1998

- |                             |                                      |                              |
|-----------------------------|--------------------------------------|------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves        | 16. Gonçalo Seiça<br>Neves           | 27. Jorge Figueira           |
| 2. Alexandre Alves<br>Costa | 17. Helena<br>Albuquerque            | 28. Luísa Brandão            |
| 3. Ana Paula Santana        | 18. João Paulo<br>Cardielos          | 29. Lucília Pires Brito      |
| 4. António Bettencourt      | 19. João Pedro Xavier                | 30. Lusitano dos Santos      |
| 5. António Lousa            | 20. Joaquim Almeida                  | 31. Manuel João Dixo         |
| 6. António Reis<br>Cabrita  | 21. José António<br>Bandeirinha      | 32. Mário Bento              |
| 7. António Tadeu            | 22. José Carlos Teixeira             | 33. Mário Kruger             |
| 8. Carla Ferreira           | 23. José Gigante                     | 34. Nuno Grande              |
| 9. Carlota Simões           | 24. José Gomes dos<br>Santos         | 35. Paulo Providência        |
| 10. Celestino Quaresma      | 25. José Fernando<br>Gonçalves       | 36. Pedro Maurício<br>Borges |
| 11. Cidália Silva           | 26. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 37. Raul Hestnes<br>Ferreira |
| 12. Domingos Tavares        |                                      | 38. Rui Lobo                 |
| 13. Fernando Távora         |                                      | 39. Sebastião Resende        |
| 14. Gonçalo Canto<br>Moniz  |                                      | 40. Teresa Pais              |
| 15. Gonçalo de Byrne        |                                      | 41. Vítor Figueiredo         |
|                             |                                      | 42. Walter Rossa             |

### 1998-1999

- |                             |                                      |                              |
|-----------------------------|--------------------------------------|------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves        | 15. João Mendes<br>Ribeiro           | 28. Nuno Correia             |
| 2. Alexandre Alves<br>Costa | 16. João Paulo<br>Cardielos          | 29. Nuno Grande              |
| 3. Ana Paula Santana        | 17. João Pedro Xavier                | 30. Paulo Providência        |
| 4. António Bettencourt      | 18. Joaquim Almeida                  | 31. Paulo Varela<br>Gomes    |
| 5. António Lousa            | 19. José Carlos Teixeira             | 32. Pedro Maurício<br>Borges |
| 6. António Reis<br>Cabrita  | 20. José Gigante                     | 33. Raul Hestnes<br>Ferreira |
| 7. António Tadeu            | 21. José Fernando<br>Gonçalves       | 34. Rui Lobo                 |
| 8. Armando Rabaça           | 22. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 35. Sebastião Resende        |
| 9. Carlos Afonso            | 23. Jorge Figueira                   | 36. Susana Lobo              |
| 10. Cidália Silva           | 24. Luísa Brandão                    | 37. Teresa Pais              |
| 11. Domingos Tavares        | 25. Lusitano dos Santos              | 38. Vítor Figueiredo         |
| 12. Fernando Távora         | 26. Manuel João Dixo                 | 39. Walter Rossa             |
| 13. Gonçalo Canto<br>Moniz  | 27. Mário Kruger                     |                              |
| 14. Gonçalo de Byrne        |                                      |                              |

### 1999-2000

- |                                 |                            |                             |
|---------------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves            | 7. António Olaio           | 14. Gonçalo Canto<br>Moniz  |
| 2. Alexandre Alves<br>Costa     | 8. António Reis<br>Cabrita | 15. Gonçalo de Byrne        |
| 3. Alexandre Barbosa<br>Ribeiro | 9. Armando Rabaça          | 16. João Mendes<br>Ribeiro  |
| 4. Ana Paula Santana            | 10. Carlos Afonso          | 17. João Paulo<br>Cardielos |
| 5. António Bettencourt          | 11. Cidália Silva          | 18. Joaquim Almeida         |
| 6. António Lousa                | 12. Domingos Tavares       |                             |
|                                 | 13. Fernando Távora        |                             |



19. José Carlos Teixeira
20. José Gigante
21. José Maria Amado Mendes
22. José Raimundo Mendes da Silva
23. Jorge Figueira
24. Lusitano dos Santos

25. Mário Kruger
26. Nuno Correia
27. Nuno Ganho
28. Nuno Grande
29. Paulo Varela Gomes
30. Pedro Maurício Borges

31. Raul Hestnes Ferreira
32. Rui Lobo
33. **Susana Lobo**
34. **Teresa Pais**
35. Vítor Figueiredo
36. Vítor Murtinho
37. Walter Rossa

#### 2000-2001

1. Adelino Gonçalves
2. Alexandre Alves Costa
3. Alexandre Barbosa Ribeiro
4. **Ana Paula Santana**
5. António Bettencourt
6. António Lousa
7. António Olaio
8. António Reis Cabrita
9. Armando Rabaça
10. Carlos Martins
11. **Cidália Silva**
12. Domingos Tavares
13. Gonçalo Canto Moniz
14. Gonçalo de Byrne

15. João Mendes Ribeiro
16. João Paulo Cardielos
17. João Paulo Rodrigues
18. Joaquim Almeida
19. José Fernando Gonçalves
20. José Gigante
21. José Maria Amado Mendes
22. José Raimundo Mendes da Silva
23. Jorge Figueira
24. **Laurentina Soares**
25. Lusitano dos Santos
26. Mário Bento
27. Mário Kruger

28. Nuno Correia
29. Nuno Ganho
30. Nuno Grande
31. Paulo Providência
32. Paulo Varela Gomes
33. Pedro Maurício Borges
34. Pedro Pousada
35. Raul Hestnes Ferreira
36. Rui Lobo
37. **Sandra Xavier**
38. Sebastião Resende
39. **Susana Lobo**
40. Vítor Figueiredo
41. Vítor Murtinho
42. Walter Rossa

#### 2001-2002

1. Adelino Gonçalves
2. Alexandre Alves Costa
3. Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro
4. **Ana Paula Santana**
5. António Bettencourt
6. António Lousa
7. António Olaio
8. António Reis Cabrita
9. Armando Rabaça
10. Carlos Martins
11. Domingos Tavares
12. Gonçalo Canto Moniz
13. Gonçalo Seiça Neves
14. Gonçalo de Byrne

15. João Mendes Ribeiro
16. João Paulo Cardielos
17. João Paulo Providência
18. João Paulo Rodrigues
19. Joaquim Almeida
20. José António Bandeirinha
21. José Fernando Gonçalves
22. José Gigante
23. José Maria Amado Mendes
24. José Raimundo Mendes da Silva
25. Jorge Figueira

26. **Laurentina Pinto Soares**
27. Lusitano dos Santos
28. Mário Bento
29. Mário Kruger
30. Nuno Correia
31. Nuno Ganho
32. Nuno Grande
33. Paulo Providência
34. Paulo Varela Gomes
35. Pedro Barão
36. Pedro Maurício Borges
37. Pedro Pousada
38. Raul Hestnes Ferreira
39. Rui Lobo
40. **Sandra Pinto**

41. Sandra Xavier
42. Sebastião Resende

43. Susana Lobo
44. Telmo Dias Pereira

45. Vítor Murtinho
46. Walter Rossa

#### 2002-2003

1. Abílio Hernandez
2. Adelino Gonçalves
3. Alexandre Alves Costa
4. Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro
5. Ana Paula Santana
6. António Bettencourt
7. António Lousa
8. António Olaio
9. António Reis Cabrita
10. Armando Rabaça
11. Carlos Martins
12. Domingos Tavares
13. Gonçalo Canto Moniz
14. Gonçalo Seiça Neves

15. Gonçalo de Byrne
16. João Mendes Ribeiro
17. João Paulo Cardielos
18. Joaquim Almeida
19. José António Bandeirinha
20. José Fernando Gonçalves
21. José Gigante
22. José Maria Amado Mendes
23. José Raimundo Mendes da Silva
24. Jorge Figueira
25. Laurentina Pinto Soares
26. Luís Serra e Silva

27. Lusitano dos Santos
28. Mário Bento
29. Mário Kruger
30. Nuno Correia
31. Nuno Ganho
32. Nuno Grande
33. Paulo Varela Gomes
34. Pedro Maurício Borges
35. Pedro Pousada
36. Raul Hestnes Ferreira
37. Rui Lobo
38. Sandra Pinto
39. Sandra Xavier
40. Sebastião Resende
41. Vítor Murtinho
42. Walter Rossa

#### 2003-2004

1. Abílio Hernandez
2. Adelino Gonçalves
3. Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro
4. Ana Paula Santana
5. António Bettencourt
6. António Lousa
7. António Olaio
8. António Rochette
9. Armando Rabaça
10. Carlos Martins
11. Domingos Tavares
12. Gonçalo Canto Moniz
13. Gonçalo Seiça Neves
14. Gonçalo de Byrne
15. Isabel Torres
16. João Fôja

17. João Mendes Ribeiro
18. João Paulo Cardielos
19. Joaquim Almeida
20. João Nuno Gomes
21. João Paulo Providência
22. José António Bandeirinha
23. José Fernando Gonçalves
24. José Gigante
25. José Maria Amado Mendes
26. José Raimundo Mendes da Silva
27. Julieta António
28. Laurentina Pinto Soares

29. Luís Quintais
30. Luís Serra e Silva
31. Lusitano dos Santos
32. Mário Kruger
33. Nuno Correia
34. Nuno Grande
35. Paulo Jorge Pereira
36. Paulo Varela Gomes
37. Pedro Maurício Borges
38. Pedro Pousada
39. Raul Hestnes Ferreira
40. Rui Lobo
41. Sandra Xavier
42. Sebastião Resende
43. Teresa Pais
44. Vítor Murtinho
45. Walter Rossa

#### 2004-2005

- |                                     |                                   |                                    |
|-------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|
| 1. Abílio Hernandez                 | 16. Gonçalo de Byrne              | 29. <b>Laurentina Pinto Soares</b> |
| 2. Adelino Gonçalves                | 17. <b>Isabel Torres</b>          | 30. Luís Quintais                  |
| 3. Alexandre Alves Costa            | 18. João Mendes Ribeiro           | 31. Lusitano dos Santos            |
| 4. Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro | 19. João Paulo Cardielos          | 32. Mário Kruger                   |
| 5. <b>Ana Paula Santana</b>         | 20. Joaquim Almeida               | 33. Nuno Correia                   |
| 6. Anthony Shelton                  | 21. João Paulo Providência        | 34. Nuno Grande                    |
| 7. António Bettencourt              | 22. João Nuno Gomes               | 35. Nuno Porto                     |
| 8. António Lousa                    | 23. José António Bandeirinha      | 36. Paulo Varela Gomes             |
| 9. António Olaio                    | 24. José Fernando Gonçalves       | 37. Pedro Maurício Borges          |
| 10. António Rochette                | 25. José Gigante                  | 38. Pedro Pousada                  |
| 11. Armando Rabaça                  | 26. José Raimundo Mendes da Silva | 39. Rui Lobo                       |
| 12. Carlos Martins                  | 27. Jorge Figueira                | 40. <b>Sandra Xavier</b>           |
| 13. Domingos Tavares                | 28. <b>Julieta António</b>        | 41. Telmo Dias Pereira             |
| 14. Gonçalo Canto Moniz             |                                   | 42. <b>Teresa Pais</b>             |
| 15. Gonçalo Seiça Neves             |                                   | 43. Vítor Murtinho                 |
|                                     |                                   | 44. Walter Rossa                   |

#### 2005-2006

- |                                     |                                    |                           |
|-------------------------------------|------------------------------------|---------------------------|
| 1. Abílio Hernandez                 | 16. Gonçalo de Byrne               | 29. Luís Miguel Correia   |
| 2. Adelino Gonçalves                | 17. <b>Isabel Torres</b>           | 30. Luís Quintais         |
| 3. Alexandre Alves Costa            | 18. João Mendes Ribeiro            | 31. Lusitano dos Santos   |
| 4. Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro | 19. João Paulo Cardielos           | 32. Mário Kruger          |
| 5. <b>Ana Paula Santana</b>         | 20. João Paulo Providência         | 33. Nelson Mota           |
| 6. Anthony Alan Shelton             | 21. Joaquim Almeida                | 34. Nuno Correia          |
| 7. António Bettencourt              | 22. José António Bandeirinha       | 35. Nuno Grande           |
| 8. António Lousa                    | 23. José Fernando Gonçalves        | 36. Nuno Porto            |
| 9. António Olaio                    | 24. José Gigante                   | 37. Paulo Varela Gomes    |
| 10. António Rochette                | 25. José Raimundo Mendes da Silva  | 38. Pedro Maurício Borges |
| 11. Armando Rabaça                  | 26. Jorge Figueira                 | 39. Pedro Pousada         |
| 12. Carlos Martins                  | 27. <b>Julieta António</b>         | 40. Rui Lobo              |
| 13. Domingos Tavares                | 28. <b>Laurentina Pinto Soares</b> | 41. <b>Sandra Xavier</b>  |
| 14. Gonçalo Canto Moniz             |                                    | 42. Telmo Dias Pereira    |
| 15. Gonçalo Seiça Neves             |                                    | 43. <b>Teresa Pais</b>    |
|                                     |                                    | 44. Vítor Murtinho        |
|                                     |                                    | 45. Walter Rossa          |

#### 2006-2007

- |                          |                                     |                     |
|--------------------------|-------------------------------------|---------------------|
| 1. Abílio Hernandez      | 4. Alexandre Leitão Barbosa Ribeiro | 8. António Olaio    |
| 2. Adelino Gonçalves     | 5. <b>Ana Paula Santana</b>         | 9. António Rochette |
| 3. Alexandre Alves Costa | 6. António Bettencourt              | 10. Armando Rabaça  |
|                          | 7. António Lousa                    | 11. Carlos Martins  |

- |                               |                                      |                              |
|-------------------------------|--------------------------------------|------------------------------|
| 12. Gonçalo Canto<br>Moniz    | 21. José Antonio<br>Bandeirinha      | 31. Nelson Mota              |
| 13. Gonçalo Seica<br>Neves    | 22. José Fernando<br>Gonçalves       | 32. Nelson Rodrigues         |
| 14. Gonçalo de Byrne          | 23. José Gigante                     | 33. Nuno Correia             |
| 15. Isabel Torres             | 24. José Quintão                     | 34. Nuno Grande              |
| 16. João Mendes<br>Ribeiro    | 25. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 35. Nuno Porto               |
| 17. João Fja                 | 26. Laurentina Pinto<br>Soares       | 36. Pedro Maurício<br>Borges |
| 18. João Paulo<br>Providência | 27. Luís Miguel Correia              | 37. Pedro Pousada            |
| 19. Joaquim Almeida           | 28. Luís Quintais                    | 38. Rui Lobo                 |
| 20. Jorge Figueira            | 29. Lusitano dos Santos              | 39. Sandra Xavier            |
|                               | 30. Mário Kruger                     | 40. Teresa Pais              |
|                               |                                      | 41. Vítor Murtinho           |
|                               |                                      | 42. Walter Rossa             |

### 2007-2008

- |                             |                                      |                              |
|-----------------------------|--------------------------------------|------------------------------|
| 1. Abílio Hernandez         | 15. João Paulo<br>Providência        | 27. Nelson Mota              |
| 2. Alexandre Alves<br>Costa | 16. Joaquim Almeida                  | 28. Nuno Correia             |
| 3. Ana Paula Santana        | 17. Jorge Figueira                   | 29. Nuno Grande              |
| 4. Andreia Pereira          | 18. José Antonio<br>Bandeirinha      | 30. Nuno Porto               |
| 5. António Lousa            | 19. José Fernando<br>Gonçalves       | 31. Paulo Varela<br>Gomes    |
| 6. António Olaio            | 20. José Gigante                     | 32. Pedro Maurício<br>Borges |
| 7. António Rochette         | 21. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 33. Pedro Pousada            |
| 8. Carlos Martins           | 22. Laurentina Pinto<br>Soares       | 34. Rui Lobo                 |
| 9. Domingos Tavares         | 23. Luís Miguel Correia              | 35. Sandra Xavier            |
| 10. Gonçalo de Byrne        | 24. Luís Quintais                    | 36. Teresa Pais              |
| 11. Isabel Torres           | 25. Lusitano dos Santos              | 37. Vítor Murtinho           |
| 12. João Fja               | 26. Mário Kruger                     | 38. Walter Rossa             |
| 13. João Mendes<br>Ribeiro  |                                      |                              |
| 14. João Paulo<br>Cardielos |                                      |                              |

### 2008-2009

- |                             |                                 |                                      |
|-----------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|
| 1. Abílio Hernandez         | 14. Gonçalo de Byrne            | 24. José Fernando<br>Gonçalves       |
| 2. Adelino Gonçalves        | 15. Isabel Torres               | 25. José Gigante                     |
| 3. Alexandre Alves<br>Costa | 16. João Fja                   | 26. José Pinto Duarte                |
| 4. Ana Paula Santana        | 17. João Mendes<br>Ribeiro      | 27. José Raimundo<br>Mendes da Silva |
| 5. António Bettencourt      | 18. João Nuno Gomes             | 28. Luís Miguel Correia              |
| 6. António Lousa            | 19. João Paulo<br>Cardielos     | 29. Lusitano dos Santos              |
| 7. António Olaio            | 20. João Paulo<br>Providência   | 30. Mário Kruger                     |
| 8. António Rochette         | 21. Joaquim Almeida             | 31. Miguel Cerqueira<br>Soares       |
| 9. Armando Rabaça           | 22. Jorge Figueira              | 32. Nelson Mota                      |
| 10. Carlos Antunes          | 23. José Antonio<br>Bandeirinha | 33. Nuno Correia                     |
| 11. Carlos Martins          |                                 | 34. Nuno Grande                      |
| 12. Domingos Tavares        |                                 | 35. Paula Santos                     |
| 13. Gonçalo Canto<br>Moniz  |                                 |                                      |

- |                              |                   |                    |
|------------------------------|-------------------|--------------------|
| 36. Paulo Varela<br>Gomes    | 38. Pedro Pousada | 42. Teresa Pais    |
| 37. Pedro Maurício<br>Borges | 39. Rui Lobo      | 43. Vítor Murtinho |
|                              | 40. Sandra Xavier |                    |
|                              | 41. Susana Lobo   |                    |

#### 2009-2010

- |                             |                                      |                                |
|-----------------------------|--------------------------------------|--------------------------------|
| 1. Abílio Hernandez         | 17. João Mendes<br>Ribeiro           | 30. Miguel Cerqueira<br>Soares |
| 2. Adelino Gonçalves        | 18. João Nuno Gomes                  | 31. Nelson Mota                |
| 3. Alexandre Alves<br>Costa | 19. João Paulo<br>Cardielos          | 32. Nelson Rodrigues           |
| 4. Ana Paula Santana        | 20. João Paulo<br>Providência        | 33. Nuno Correia               |
| 5. António Bettencourt      | 21. Joaquim Almeida                  | 34. Nuno Grande                |
| 6. António Lousa            | 22. Jorge Figueira                   | 35. Paula Santos               |
| 7. António Olaio            | 23. José Fernando<br>Gonçalves       | 36. Paulo Varela<br>Gomes      |
| 8. António Rochette         | 24. José Gigante                     | 37. Pedro Maurício<br>Borges   |
| 9. Armando Rabaça           | 25. José Pedro Sousa                 | 38. Pedro Pousada              |
| 10. Carlos Antunes          | 26. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 39. Rui Lobo                   |
| 11. Carlos Martins          | 27. Luís Miguel Correia              | 40. Sandra Xavier              |
| 12. Domingos Tavares        | 28. Lusitano dos Santos              | 41. Susana Lobo                |
| 13. Gonçalo Canto<br>Moniz  | 29. Mário Kruger                     | 42. Teresa Pais                |
| 14. Gonçalo de Byrne        |                                      | 43. Vítor Murtinho             |
| 15. Isabel Torres           |                                      | 44. Walter Rossa               |
| 16. João Fôja               |                                      |                                |

#### 2010-2011

- |                             |                                      |                                |
|-----------------------------|--------------------------------------|--------------------------------|
| 1. Abílio Hernandez         | 18. João Mendes<br>Ribeiro           | 31. Miguel Cerqueira<br>Soares |
| 2. Adelino Gonçalves        | 19. João Paulo<br>Cardielos          | 32. Nelson Mota                |
| 3. Alexandre Alves<br>Costa | 20. João Paulo<br>Providência        | 33. Nelson Rodrigues           |
| 4. Alice Santiago<br>Faria  | 21. Joaquim Almeida                  | 34. Nuno Correia               |
| 5. Ana Paula Santana        | 22. Jorge Carvalho                   | 35. Paula Santos               |
| 6. Andreia Pereira          | 23. Jorge Figueira                   | 36. Paulo Varela<br>Gomes      |
| 7. António Bettencourt      | 24. José António<br>Bandeirinha      | 37. Pedro Maurício<br>Borges   |
| 8. António Lousa            | 25. José Fernando<br>Gonçalves       | 38. Pedro Brígida              |
| 9. António Olaio            | 26. José Pedro Sousa                 | 39. Pedro Pousada              |
| 10. António Rochette        | 27. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 40. Rui Lobo                   |
| 11. Armando Rabaça          | 28. Luís Miguel Correia              | 41. Sandra Xavier              |
| 12. Carlos Antunes          | 29. Lusitano dos Santos              | 42. Susana Constantino         |
| 13. Carlos Martins          | 30. Mário Kruger                     | 43. Susana Lobo                |
| 14. Carolina Coelho         |                                      | 44. Teresa Pais                |
| 15. Filipe Bandeira         |                                      | 45. Vítor Murtinho             |
| 16. Gonçalo Canto<br>Moniz  |                                      | 46. Walter Rossa               |
| 17. João Fôja               |                                      |                                |

## 2011-2012

- |                                  |  |                               |
|----------------------------------|--|-------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves             | 15. João Paulo Providência               | 27. Nelson Rodrigues          |
| 2. <b>Alice Santiago Faria</b>   | 16. Joaquim Almeida                      | 28. Nuno Grande               |
| 3. António Bettencourt           | 17. Jorge Carvalho                       | 29. <b>Paula Santos</b>       |
| 4. António Lousa                 | 18. Jorge Figueira                       | 30. Paulo Varela Gomes        |
| 5. António Olaio                 | 19. José António Bandeirinha             | 31. Pedro Brígida             |
| 6. António Rochette              | 20. José Augusto Maças da Silva Carvalho | 32. Pedro Pousada             |
| 7. Carlos Antunes                | 21. José Fernando Gonçalves              | 33. Ricardo Fernandes         |
| 8. Daniel Filipe da Silva Soares | 22. José Pedro Sousa                     | 34. Rui Lobo                  |
| 9. Diogo Seixas Lopes            | 23. José Raimundo Mendes da Silva        | 35. <b>Sandra Xavier</b>      |
| 10. Filipe Bandeira              | 24. Lusitano dos Santos                  | 36. Sérgio Dias Branco        |
| 11. Gonçalo Canto Moniz          | 25. Mário Kruger                         | 37. <b>Susana Constantino</b> |
| 12. <b>Isabel Torres</b>         | 26. Miguel Cerqueira Soares              | 38. <b>Susana Lobo</b>        |
| 13. João Mendes Ribeiro          |  | 39. <b>Teresa Pais</b>        |
| 14. João Paulo Cardielos         |  | 40. Vítor Murtinho            |
|                                  |  | 41. Walter Rossa              |

## 2012-2013

- |                                  |   |                               |
|----------------------------------|---|-------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves             | 16. João Paulo Providência                | 27. Miguel Cerqueira Soares   |
| 2. António Bettencourt           | 17. Joaquim Almeida                       | 28. Nelson Rodrigues          |
| 3. António Lousa                 | 18. Jorge Carvalho                        | 29. Nuno Grande               |
| 4. António Olaio                 | 19. Jorge Figueira                        | 30. <b>Paula Santos</b>       |
| 5. António Rochette              | 20. José António Bandeirinha              | 31. Pedro Maurício Borges     |
| 6. Armando Rabaça                | 21. José Augusto Maças da Silva Carvalho  | 32. Pedro Brígida             |
| 7. Carlos Antunes                | 22. José Miguel Neto Viana Brás Rodrigues | 33. Pedro Pousada             |
| 8. Carlos Martins                | 23. José Fernando Gonçalves               | 34. Ricardo Fernandes         |
| 9. Daniel Filipe da Silva Soares | 24. José Pedro Sousa                      | 35. Rui Lobo                  |
| 10. Diogo Seixas Lopes           | 25. José Raimundo Mendes da Silva         | 36. <b>Sandra Xavier</b>      |
| 11. Filipe Bandeira              | 26. Mário Kruger                          | 37. Sérgio Dias Branco        |
| 12. Gonçalo Canto Moniz          |   | 38. <b>Teresa Pais</b>        |
| 13. <b>Isabel Torres</b>         |   | 39. <b>Susana Constantino</b> |
| 14. João Mendes Ribeiro          |   | 40. <b>Susana Lobo</b>        |
| 15. João Paulo Cardielos         |   | 41. Vítor Murtinho            |
|                                  |   | 42. Walter Rossa              |

## 2013-2014

- |                             |   |                                   |
|-----------------------------|---|-----------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves        | 7. <b>Armandina Désirée Tomás Pedro</b> | 12. Daniel Filipe da Silva Soares |
| 2. <b>Ana Paula Santana</b> | 8. Armando Rabaça                       | 13. Diogo Seixas Lopes            |
| 3. António Bettencourt      | 9. <b>Catarina Fortuna</b>              | 14. Filipe Bandeira               |
| 4. António Lousa            | 10. <b>Carolina Coelho</b>              | 15. Gonçalo Canto Moniz           |
| 5. António Olaio            | 11. Carlos Martins                      |                                   |
| 6. António Rochette         |   |                                   |

- |  |   |                              |
|--|---|------------------------------|
| 16. Isabel Torres                              | 25. José Miguel Neto<br>Viana Brás<br>Rodrigues | 35. Pedro Maurício<br>Borges |
| 17. João Mendes<br>Ribeiro                     | 26. José Fernando<br>Gonçalves                  | 36. Pedro Brígida            |
| 18. João Paulo<br>Cardielos                    | 27. José Pedro Sousa                            | 37. Pedro Pousada            |
| 19. João Paulo<br>Providência                  | 28. <b>Julieta António</b>                      | 38. Ricardo Fernandes        |
| 20. Joaquim Almeida                            | 29. José Raimundo<br>Mendes da Silva            | 39. Rui Lobo                 |
| 21. Jorge Carvalho                             | 30. Mário Kruger                                | 40. <b>Sandra Xavier</b>     |
| 22. Jorge Figueira                             | 31. Miguel Cerqueira<br>Soares                  | 41. Sérgio Dias Branco       |
| 23. José António<br>Bandeirinha                | 32. Nelson Mota                                 | 42. <b>Susana Lobo</b>       |
| 24. José Augusto<br>Maças da Silva<br>Carvalho | 33. Nelson Rodrigues                            | 43. <b>Teresa Pais</b>       |
|  | 34. Nuno Grande                                 | 44. Vítor Murtinho           |
|  |   | 45. Walter Rossa             |

#### 2014-2015

- |   |                                      |                              |
|---|--------------------------------------|------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves                        | 14. Filipe Bandeira                  | 26. Luís Miguel Correia      |
| 2. <b>Ana Paula Santana</b>                 | 15. Gonçalo Canto Moniz              | 27. Mauro Costa Couceiro     |
| 3. António Bettencourt                      | 16. João Mendes Ribeiro              | 28. Nelson Rodrigues         |
| 4. António Lousa                            | 17. João Paulo Cardielos             | 29. Nuno Correia             |
| 5. António Olaio                            | 18. João Paulo<br>Providência        | 30. Nuno Grande              |
| 6. António Rochette                         | 19. Joaquim Almeida                  | 31. Pedro Maurício<br>Borges |
| 7. <b>Armandina Désirée<br/>Tomás Pedro</b> | 20. Jorge Carvalho                   | 32. Pedro Brígida            |
| 8. Armando Rabaça                           | 21. Jorge Figueira                   | 33. Pedro Pousada            |
| 9. Bruno Ricardo<br>Abrantes Gil            | 22. José António<br>Bandeirinha      | 34. Rui Lobo                 |
| 10. Carlos Martins                          | 23. José Fernando<br>Gonçalves       | 35. <b>Sandra Xavier</b>     |
| 11. <b>Catarina Fortuna</b>                 | 24. José Raimundo<br>Mendes da Silva | 36. Sérgio Dias Branco       |
| 12. <b>Carolina Coelho</b>                  | 25. <b>Julieta António</b>           | 37. <b>Susana Lobo</b>       |
| 13. Daniel Filipe da Silva<br>Soares        |                                      | 38. <b>Teresa Pais</b>       |
|   |                                      | 39. Walter Rossa             |

#### 2015-2016

- |   |  |  |
|---|--|--|
| 1. Adelino Gonçalves                        | 13. <b>Catarina Fortuna<br/>Campos</b> | 23. José António<br>Bandeirinha                |
| 2. <b>Ana Paula Santana</b>                 | 14. <b>Carolina Coelho</b>             | 24. José Augusto<br>Maças da Silva<br>Carvalho |
| 3. <b>Andreia Pereira</b>                   | 15. Daniel Filipe da<br>Silva Soares   | 25. José Fernando<br>Gonçalves                 |
| 4. António<br>Bettencourt                   | 16. Filipe Bandeira                    | 26. José Raimundo<br>Mendes da Silva           |
| 5. António Lousa                            | 17. Gonçalo Canto<br>Moniz             | 27. Luís Miguel<br>Correia                     |
| 6. António Olaio                            | 18. João Mendes<br>Ribeiro             | 28. <b>Margarida Relvão<br/>Calmeiro</b>       |
| 7. António Rochette                         | 19. João Paulo<br>Providência          | 29. Mário Kruger                               |
| 8. <b>Armandina Désirée<br/>Tomás Pedro</b> | 20. Joaquim Almeida                    |  |
| 9. Armando Rabaça                           | 21. Jorge Carvalho                     |  |
| 10. Bruno Ricardo<br>Abrantes Gil           | 22. Jorge Figueira                     |  |
| 11. Carlos Antunes                          |  |  |
| 12. Carlos Martins                          |  |  |

30. Mauro Costa  
Couceiro
31. Nelson Rodrigues
32. Nuno Correia
33. Nuno Grande

34. Pedro Maurício  
Borges
35. Pedro Brígida
36. Pedro Pousada
37. Rui Lobo

38. Sandra Xavier
39. Sérgio Dias Branco
40. Susana Lobo
41. Teresa Pais
42. Walter Rossa

#### 2016-2017

1. Adelino Gonçalves
2. António Bettencourt
3. António Lousa
4. Armandina Désirée  
Tomás Pedro
5. Armando Rabaça
6. Bruno Ricardo Abrantes  
Gil
7. Carlos Antunes
8. Carlos Martins
9. Catarina Fortuna  
Campos
10. Carolina Coelho

11. Daniel Filipe da Silva  
Soares
12. Gonçalo Canto Moniz
13. João Mendes Ribeiro
14. João Paulo Providência
15. Joaquim Almeida
16. Jorge Carvalho
17. Jorge Figueira
18. José Augusto Maças da  
Silva Carvalho
19. José Fernando  
Gonçalves
20. Luís Miguel Correia

21. Margarida Relvão  
Calmeiro
22. Maria João Pinto
23. Mauro Costa Couceiro
24. Nuno Correia
25. Nuno Grande
26. Pedro Brígida
27. Pedro Maurício Borges
28. Pedro Pousada
29. Rui Lobo
30. Susana Lobo
31. Teresa Pais
32. Walter Rossa

#### 2017-2018

1. Adelino Gonçalves
2. Andreia Pereira
3. António Bettencourt
4. António Olaio
5. António Lousa
6. Armandina Désirée  
Tomás Pedro
7. Armando Rabaça
8. Bruno Ricardo  
Abrantes Gil
9. Carlos Antunes
10. Carlos Martins
11. Catarina Fortuna  
Campos
12. Carolina Coelho
13. Daniel Filipe da  
Silva Soares
14. Gonçalo Canto  
Moniz

15. João Mendes  
Ribeiro
16. João Paulo  
Cardielos
17. João Paulo  
Providência
18. Joaquim Almeida
19. Jorge Carvalho
20. Jorge Figueira
21. José António  
Bandeirinha
22. José Augusto  
Maças da Silva  
Carvalho
23. José Fernando  
Gonçalves
24. Luís Miguel Correia
25. Margarida Relvão  
Calmeiro
26. Maria João Pinto

27. Mário Kruger
28. Mauro Costa  
Couceiro
29. Nuno Correia
30. Nuno Grande
31. Pedro Brígida
32. Pedro Filipe  
Martins de  
Carvalho
33. Pedro Maurício  
Borges
34. Pedro Pousada
35. Rui Aristides
36. Rui Lobo
37. Sandra Xavier
38. Susana Lobo
39. Teresa Pais
40. Vítor Murtinho
41. Walter Rossa

#### 2018-2019

1. Adelino Gonçalves
2. Alexandre Dias
3. Antonieta Reis  
Leite
4. António Bettencourt

5. António Olaio
6. Armandina Désirée  
Tomás Pedro
7. Armando Rabaça

8. Bruno Ricardo  
Abrantes Gil
9. Carlos Martins
10. Catarina Fortuna  
Campos



- |                                 |  |  |
|---------------------------------|--|--|
| 11. <b>Carolina Coelho</b>      | 19. José Augusto<br>Maças da Silva<br>Carvalho | 27. <b>Paula del Rio</b>                   |
| 12. Daniel Soares               | 20. José Fernando<br>Gonçalves                 | 28. Pedro Brígida                          |
| 13. João Filipe Miraldo         | 21. Luís Miguel Correia                        | 29. Pedro Filipe<br>Martins de<br>Carvalho |
| 14. João Paulo<br>Cardielos     | 22. Luís Pedro Sobral                          | 30. Pedro Pousada                          |
| 15. João Paulo<br>Providência   | 23. <b>Margarida Relvão<br/>Calmeiro</b>       | 31. Rui Aristides                          |
| 16. Jorge Carvalho              | 24. <b>Maria João Pinto</b>                    | 32. <b>Susana Lobo</b>                     |
| 17. Jorge Figueira              | 25. Nuno Correia                               | 33. <b>Teresa Novais</b>                   |
| 18. José António<br>Bandeirinha | 26. Nuno Grande                                | 34. <b>Teresa Pais</b>                     |
|                                 |  | 35. Walter Rossa                           |

#### 2019-2020

- |   |   |   |
|---|---|---|
| 1. Adelino Gonçalves                        | 16. João Paulo Cardielos                    | 29. Nuno Grande                         |
| 2. Alexandre Dias                           | 17. João Paulo<br>Providência               | 30. <b>Paula del Rio</b>                |
| 3. <b>Antonieta Reis Leite</b>              | 18. Joaquim Almeida                         | 31. Pedro Brígida                       |
| 4. António Bettencourt                      | 19. Jorge Carvalho                          | 32. Pedro Filipe Martins<br>de Carvalho |
| 5. António Monteiro                         | 20. Jorge Figueira                          | 33. Pedro Maurício<br>Borges            |
| 6. António Olaio                            | 21. José António<br>Bandeirinha             | 34. Pedro Pousada                       |
| 7. <b>Armandina Désirée<br/>Tomás Pedro</b> | 22. José Augusto Maças<br>da Silva Carvalho | 35. Rui Aristides                       |
| 8. Armando Rabaça                           | 23. José Fernando<br>Gonçalves              | 36. Rui Lobo                            |
| 9. Bruno Ricardo<br>Abrantes Gil            | 24. Luís Miguel Correia                     | 37. <b>Sandra Xavier</b>                |
| 10. Carlos Martins                          | 25. Luís Pedro Sobral                       | 38. <b>Susana Lobo</b>                  |
| 11. <b>Catarina Fortuna<br/>Campos</b>      | 26. <b>Margarida Relvão<br/>Calmeiro</b>    | 39. <b>Teresa Novais</b>                |
| 12. <b>Carolina Coelho</b>                  | 27. <b>Maria João Pinto</b>                 | 40. <b>Teresa Pais</b>                  |
| 13. <b>Joana Maia</b>                       | 28. Nuno Correia                            | 41. Vítor Murtinho                      |
| 14. João Mendes Ribeiro                     |   | 42. Walter Rossa                        |
| 15. João Filipe Miraldo                     |   |   |

#### 2020-2021

- |   |  |
|---|--|
| 1. Adelino Gonçalves                    | 17. João Filipe Miraldo                  |
| 2. Alexandre Dias                       | 18. João Paulo Cardielos                 |
| 3. <b>Ana Paula Santana</b>             | 19. João Paulo Providência               |
| 4. <b>Antonieta Reis Leite</b>          | 20. Joaquim Almeida                      |
| 5. António Bettencourt                  | 21. Jorge Carvalho                       |
| 6. António Monteiro                     | 22. Jorge Figueira                       |
| 7. António Olaio                        | 23. José António Bandeirinha             |
| 8. <b>Armandina Désirée Tomás Pedro</b> | 24. José Augusto Maças da Silva Carvalho |
| 9. Armando Rabaça                       | 25. José Fernando Gonçalves              |
| 10. Bruno Ricardo Abrantes Gil          | 26. <b>Lídia Catarino</b>                |
| 11. Carlos Martins                      | 27. Luís Miguel Correia                  |
| 12. <b>Catarina Fortuna Campos</b>      | 28. Luís Pedro Sobral                    |
| 13. <b>Carolina Coelho</b>              | 29. <b>Margarida Relvão Calmeiro</b>     |
| 14. <b>Isabel Torres</b>                | 30. <b>Maria da Conceição Lopes</b>      |
| 15. <b>Joana Maia</b>                   | 31. <b>Maria João Pinto</b>              |
| 16. João Mendes Ribeiro                 | 32. Martinho Araújo                      |

- |                                      |                    |
|--------------------------------------|--------------------|
| 33. Nuno Correia                     | 40. Rui Aristides  |
| 34. Nuno Grande                      | 41. Rui Lobo       |
| 35. Paula del Rio                    | 42. Sandra Xavier  |
| 36. Pedro Brígida                    | 43. Susana Lobo    |
| 37. Pedro Filipe Martins de Carvalho | 44. Teresa Pais    |
| 38. Pedro Maurício Borges            | 45. Vítor Murtinho |
| 39. Pedro Pousada                    | 46. Walter Rossa   |

### 2021-2022

- |                                  |  |                                      |
|----------------------------------|--|--------------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves             | 18. Joana Maia                           | 33. Maria da Conceição Lopes         |
| 2. Alexandre Dias                | 19. João Mendes Ribeiro                  | 34. Maria João Pinto                 |
| 3. Ana Paula Santana             | 20. João Filipe Miraldo                  | 35. Martinho Araújo                  |
| 4. Andreia Pereira               | 21. João Paulo Cardielos                 | 36. Nuno Correia                     |
| 5. Antonieta Reis Leite          | 22. João Paulo Providência               | 37. Nuno Grande                      |
| 6. António Bettencourt           | 23. Joaquim Almeida                      | 38. Paula del Rio                    |
| 7. António Monteiro              | 24. Jorge Carvalho                       | 39. Pedro Brígida                    |
| 8. António Olaio                 | 25. Jorge Figueira                       | 40. Pedro Filipe Martins de Carvalho |
| 9. Armandina Désirée Tomás Pedro | 26. José António Bandeirinha             | 41. Pedro Maurício Borges            |
| 10. Armando Rabaça               | 27. José Augusto Maçãs da Silva Carvalho | 42. Pedro Pousada                    |
| 11. Bruno Ricardo Abrantes Gil   | 28. José Fernando Gonçalves              | 43. Rui Aristides                    |
| 12. Carlos Martins               | 29. Lídia Catarino                       | 44. Rui Lobo                         |
| 13. Catarina Fortuna Campos      | 30. Luís Miguel Correia                  | 45. Sandra Xavier                    |
| 14. Carolina Coelho              | 31. Luís Pedro Sobral                    | 46. Susana Lobo                      |
| 15. Eduardo Mota                 | 32. Margarida Relvão Calmeiro            | 47. Teresa Pais                      |
| 16. Filipe Madeira               |  | 48. Vítor Murtinho                   |
| 17. Guilherme Machado Vaz        |  | 49. Walter Rossa                     |

### 2022-2023

- |                                  |  |                                      |
|----------------------------------|--|--------------------------------------|
| 1. Adelino Gonçalves             | 16. Guilherme Machado Vaz                | 32. Maria João Pinto                 |
| 2. Alexandre Dias                | 17. Joana Maia                           | 33. Martinho Araújo                  |
| 3. Andreia Pereira               | 18. João Mendes Ribeiro                  | 34. Nuno Correia                     |
| 4. Antonieta Reis Leite          | 19. João Filipe Miraldo                  | 35. Nuno Grande                      |
| 5. António Bettencourt           | 20. João Paulo Cardielos                 | 36. Paula del Rio                    |
| 6. António Monteiro              | 21. João Paulo Providência               | 37. Pedro Brígida                    |
| 7. António Olaio                 | 22. Joaquim Almeida                      | 38. Pedro Filipe Martins de Carvalho |
| 8. Armandina Désirée Tomás Pedro | 23. Jorge Carvalho                       | 39. Pedro Maurício Borges            |
| 9. Armando Rabaça                | 24. Jorge Figueira                       | 40. Pedro Pousada                    |
| 10. Bruno Ricardo Abrantes Gil   | 25. José António Bandeirinha             | 41. Rui Lobo                         |
| 11. Carlos Martins               | 26. José Augusto Maçãs da Silva Carvalho | 42. Sandra Xavier                    |
| 12. Catarina Fortuna Campos      | 27. José Fernando Gonçalves              | 43. Susana Lobo                      |
| 13. Carolina Coelho              | 28. Lídia Catarino                       | 44. Teresa Pais                      |
| 14. Eduardo Mota                 | 29. Luís Miguel Correia                  | 45. Vítor Murtinho                   |
| 15. Filipe Madeira               | 30. Luís Pedro Sobral                    | 46. Walter Rossa                     |
|                                  | 31. Margarida Relvão Calmeiro            |                                      |





## Apêndices



## Guião

O guião das entrevistas foi adaptado a cada situação e contexto e, durante o decorrer de cada entrevista, também foi tendo rumos diferentes, que direcionavam a outras questões. No entanto, as entrevistas seguiram, essencialmente, o seguinte formato:

Aceita que esta entrevista seja gravada, para depois ser transcrita e analisada?

Onde se formou? Em que ano?

Fez doutoramento? Onde? Quando?

Como foi a entrada para arquitetura e porquê arquitetura?

Quando começou a lecionar no departamento?

Como é que surgiu a oportunidade de trabalhar no d'Arq?

Porquê que saiu do d'Arq?

Gostava de ter continuado a dar aulas?

Como foi passar de estudante, a docente no d'Arq?

Para além de ter sido/ser professora do d'Arq já deu aulas noutras escolas/faculdades?

Para além do trabalho como docente no d'Arq, exerce qualquer outro trabalho?

Tem algum atelier? Próprio? Desde quando?

Qual área favorita da arquitetura?

Gosta do que faz?

Está satisfeita com o rumo que a arquitetura teve na sua vida?

Acha importante abordar o tema da mulher e da sua presença na arquitetura?

Sente-se reconhecida? Valorizada?

Ao longo do seu percurso académico e profissional, sentiu que a condição de género, numa área associada exclusivamente ao sexo masculino por muito tempo, a limitou? Ou em algum momento sentiu desigualdade de tratamento e de oportunidades?

Como avalia a presença, visibilidade e credibilidade das Mulheres na Arquitetura nos dias atuais?

Aceita que partilha informação relativa à percentagem dos seus contratos no departamento?

Aceita que toda a informação, se necessário, seja publicada? Há alguma parte que prefere que não seja publicada?

## **Entrevistas:**

Professora: Carolina Coelho

Data: 17 Novembro 2022

Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Duração: 1 hora, 3 minutos, 14 segundos

Professora: Margarida Relvão Calmeiro

Data: 17 Novembro 2022

Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Duração: 47 minutos, 27 segundos

Professora: Teresa Pais

Data: 18 de novembro de 2022

Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Duração: 2 horas, 24 minutos, 10 segundos

Professora: Joana Maia

Data: 18 de novembro 2022

Local: Online, via zoom

Duração: 2 horas, 46 minutos, 40 segundos

Professora: Antonieta Leite

Data: 22 de novembro de 2022

Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Duração: 1 hora, 53 minutos, 52 segundos

Professora: Teresa Novais

Data: 22 de novembro 2022

Local: Online, via zoom

Duração: 39 minutos, 37 segundos

Professora: Maria João Pinto

Data: 23 de novembro de 2022

Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Duração: 31 minutos, 38 segundos



Professora: Paula del Rio  
Data: 24 de novembro de 2022  
Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra  
Duração: 27 minutos, 11 segundos

Professora: Désirée Pedro  
Data: 29 de novembro 2022  
Local: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra  
Duração: 1 hora, 1 minuto, 6 segundos

Professora: Susana Constantino  
Data: 1 de dezembro de 2022  
Local: Online, via zoom  
Duração: 1 hora, 23 minutos, 48 segundos

Professora: Cidália Silva  
Data: 19 de dezembro de 2022  
Local: Online, via zoom  
Duração: 2 horas, 11 minutos, 42 segundos

Professora: Sandra Pinto  
Data: 3 de Janeiro de 2023  
Local: Online, via zoom  
Duração: 3 horas, 36 minutos, 12 segundos

Professora: Catarina Fortuna  
Data: 4 de janeiro de 2023  
Local: Coimbra  
Duração: 57 minutos, 54 segundos

Professora: Alice Faria  
Data: 12 de janeiro de 2023  
Local: Online, via zoom  
Duração: 27 minutos, 52 segundos

Professora: Susana Lobo  
Data: 13 de janeiro de 2023  
Local: Online, via zoom  
Duração: 1 hora, 47 minutos, 44 segundos

Professora: Paula Santos

Data: 16 de janeiro de 2023

Local: Online, via zoom

Duração: 32 minutos, 28 segundos





## Bibliografia

- Abril no Feminino*. (2019). <https://abrilnofeminino.pt/?fbclid=IwAR2ADPgrg-7bXPfRBvpcCLhpzYvDjPbbCU3BrPMm-y7zZab1poKnCw6SgsU>
- Antunes, L. G. (2016). *Questões de Género em Arquitetura: História(s), Espaço(s) e Experiências Profissionais e Arquitetónicas*.
- Antunes, L. P. S. G. (2012). *Arquitetura: Substantivo feminino—Contribuição para uma história das mulheres na arquitetura* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.
- Arquitetas Invisíveis*. (2014). <http://www.arquitetasinvisiveis.com/por-que-invisiveis/>
- Bandeirinha, R. (2013). *O Limiar do Claustro. Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.
- Belarmino, C. (2022, setembro 3). Arinda da Cruz Sobral, a primeira arquiteta brasileira. *ArchDaily Brasil*. <https://www.archdaily.com.br/br/987261/arinda-da-cruz-sobral-a-primeira-arquiteta-brasileira>
- Cabral, N. T. (2017). *Três arquitetas. Três gerações. Uma escola* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade do Porto.
- Carvalho, F. (2020). *Maria José Marques da Silva. Uma Arquiteta Pioneira em Portugal* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.
- Col.Lectiu Punt 6. (2016). *Atelier Punt6*. <https://punt6.wordpress.com/quienes-somos/filosofia-de-trabajo/>
- Cott, N. F. (2017, março). *The New York Review*. The New York Review. <https://www.nybooks.com/contributors/nancy-f-cott/>
- DGES. (sem data). *Regime Geral: Ensino Superior Público Concurso Nacional de Acesso: Estatísticas 1997 a 2021*. <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/regime-geral-ensino-superior-publico-concurso-nacional-de-acesso>
- DGES. (2022). *Dados e Estatísticas de Cursos Superiores—2022*. República Portuguesa. <https://infocursos.medu.pt/>
- Duarte, A. F. C. (2020). *As (in)Visibilidades das Mulheres Arquitetas—Eventos de arquitetura em Portugal, 2010-2019* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade da Beira Interior.

- Espegel, C. (2018). *Women Architects in the Modern Movement*. Routledge Taylor & Francis.
- Esteves, A. M. (2010). Eileen Gray: Os elementos naturais e a estética da máquina. Em *Joelho 01: Mulheres na arquitetura: Vol. Revista de cultura arquitectónica*. edarq.
- Farinasso, G. C., Andrade, H. A. de, Solé, J. M. B., Viera, L. P., & Coelho, L. R. D. (sem data). *Arquitetas Invisíveis: Pioneiras*.
- FCTUC Departamento de Arquitetura. (sem data). <https://www.uc.pt/fctuc/darq>
- Fem.in. (sem data). <https://www.facebook.com/coletivo.fem.in>
- Ferreira, A. I. (2019). *O Feminino na Arquitetura. Mapeamento e Projeto Expositivo da contribuição das projetistas femininas do início do séc. XX à actualidade em Portugal e no Brasil* [Dissertação de Mestrado em Design de Interiores]. Escola Superior de Artes e Design do Porto.
- Figueira, J. (2010). *Joelho #01—Mulheres na Arquitetura*. edarq.
- Figueira, J. (2023, janeiro 18). *Mulheres na Arquitetura—D'Arq*. <https://mail.sapo.pt/mail/imp/mobile.php#/msgView/SU5CT1g/15034>
- Gil, B. (2023, janeiro 18). *Mulheres na Arquitetura—D'Arq*. <https://mail.sapo.pt/mail/imp/mobile.php#/msgView/SU5CT1g/15031>
- Hartman, J. C. (2022). *The Women Who Changed Architecture*. Princeton Architectural Press.
- Hayden, D. (1981). *The grand Domestic Revolution—A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods and Cities*.
- Houzer. (2018, março 7). *12 Australian Women in architecture you should know about*. <https://www.hamessharley.com.au/knowledge/women-in-architecture>
- La Mujer Construye*. (1995). <http://www.lamujerconstruye.org>
- Leiria, I. (2019, outubro 19). *Só 25% dos professores catedráticos são mulheres* (Jornal Expresso). <https://expresso.pt/sociedade/2019-10-19-So-25-dos-professores-catedraticos-sao-mulheres>
- Lima, A. (2014). *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do século XX* (1ª). ALTAMIRA.
- Lobo, S. (2019, outubro). 30 anos, 15 mulheres. *NU - Call for papers, #46+1*, 32.
- Martínez, Z. M. (2018). *Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral*. dpr-barcelona.
- Milheiro, A. V. (2011). *Jornal dos Arquitetos: Being a Woman / ser Mulher “The Architect’s Wife”*. 242. <http://arquivo.jornalarquitectos.pt/en/242/editorial/>
- Milheiro, A. V., & Fiúza, F. (2020). *Women Architects in Portugal: Working in Colonial*

Africa before the Carnation Revolution (1950–1974). Em *Arts* (Vol. 9). MDPI.

*MoMoWo—#timefor50: Time for Equality*. (2018). <http://www.momowo.eu/12635-2/>

Monteiro, P. (2015). Mulheres Invisíveis: Princípios para uma reconstrução do discurso em arquitectura. Em *Dossiê—Gênero e Espaço* (Vol. 7).

Mora, P. (2014). Porque Lu Wenyu renunciou ao Pritzker? *ArchDaily Brasil*. <https://www.archdaily.com.br/br/01-165230/por-que-lu-wenyu-renunciou-ao-pritzker>

Mujer Arquitecta. (2022). Dora Riedel, a primeira mulher a se formar arquiteta no Chile [Blogue]. *ArchDaily Brasil*. <https://www.archdaily.com.br/br/986371/dora-riedel-a-primeira-mulher-a-se-formar-arquiteta-no-chile>

*Mulheres na Arquitetura*. (2017). <https://www.facebook.com/mulheresnaarquitectura>

*Núcleo Feminista da FAUP*. (2019). Núcleo feminista da FAUP. <https://www.facebook.com/nucleofeministafaup>

Ochoa, R. (2018). *Arquitetura no Feminino?* (Diana Saraiva de Carvalho). Academia das Ciências de Lisboa.

*Ordem dos Arquitectos (OA)*. (sem data). Presidentes do Conselho Directivo Nacional da OA e antecessores. <https://arquitectos.pt/index.htm?no=101068,295>

Pedrosa, P. (2010). Being a female architect in Portugal: A short introduction to a long ride. Em *Ist International Meeting EAHN European Architectural History Network – CD of Papers*.

Pedrosa, P. S. (2015). Mujeres Arquitectas en Portugal. Em N. Á. Lombardero (Ed.), *Arquitectas, Redefiniendo la profesión* (Recolectores Urbanos Editorial, pp. 189–199). Publidisa.

Pedrosa, P. S. (2019). [Entrevistado por C. Correia]. “Na arquitetura a visibilidade continua a ser masculina” Executiva. Disponível em: <https://executiva.pt/patricia-santos-pedrosa-na-arquitetura-visibilidade-continua-masculina/>

Pedrosa, P. S., & Antunes, L. G. (2020). Architect Luz Valente Pereira: Architecture Research, and Life in a Changing Country. *ex æquo*, 42.

Pedrosa, P. S., & fem.in. (2022, março 15). Aula aberta de Patrícia Santos Pedrosa—Da justiça histórica ao quotidiano: Arquitectas e a sua existência. *fem.in*. <https://www.facebook.com/coletivo.fem.in/posts/pfbid0S23ueQ5NZYTibZtPjDnRYqL4EYAmKwvDRLM2zCUTGwAHzGdY7QNesn7KRuWxuKBPI>

Pereira, J. N. (Diretor). (2020, março). *W@arch.pt Arquitectas em Portugal: Construção da visibilidade, 1942-1986* (<https://warch.iscsp.ulisboa.pt/>). <https://warch.iscsp.ulisboa.pt/>

- Pérez-Moreno, L., & Pedrosa, P. S. (2020). *Women Architects on the Road to an Egalitarian Profession—The Portuguese and Spanish Cases*. Editorial Arts.
- Pinheiro, M. J. R. (2021). *Olga Quintanilha, Um percurso arquitectónico e associativo* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade da Beira Interior.
- Pinheiro, S. M. (2018). *Arquitectas: Superar a Invisibilidade—Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.
- Rebel Architette*. (2017). <http://www.rebelarchitette.it/about/>
- Revista NU*. (sem data). <https://revistanu.net/>
- Ribeiro, C. W. do V. (2020). *Evolução da cozinha na habitação social entre 1900 e 1930: Uma perspetiva de género*. (<https://eg.uc.pt/handle/10316/93894?locale=pt>) [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.
- Roxo, J. F. M. (2016). *A senhora arquiteto—Maria José Estanco. A cidade, o Porto e a arte: Residências artísticas em Sines* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Instituto Universitário de Lisboa.
- Rubino, S. (2010). Corpo, Imagem, Objeto: A cadeira LC9 e Charlotte Perriand. Em *Joelho #01- Mulheres na Arquitetura* (pp. 22–32). edarq.
- Sokolina, A. (2021). *The Routledge Companion to Women in Architecture*. Routledge Taylor & Francis.
- Vasconcellos, G. L. (2022). *(In)Security Walks: O género como condicionante da fruição do espaço urbano nos polos universitários de Coimbra* [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.